



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo  
Mestrado Profissional em Turismo

**O TURISMO NA PRAIA DE BARRA GRANDE-PI:  
IMPACTOS E CONTRIBUIÇÕES AO  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Ermínia Medeiros Macêdo

Brasília-DF  
2011



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo  
Mestrado Profissional em Turismo

**O TURISMO NA PRAIA DE BARRA GRANDE-PI:  
IMPACTOS E CONTRIBUIÇÕES AO  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Ermínia Medeiros Macêdo

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Ellen Fensterseifer Woortmann

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Brasília-DF  
Fevereiro/2011

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de  
Brasília. Acervo 989255.

M141t Macêdo, Ermínia Medeiros.  
O turismo na praia de Barra Grande-PI: impactos e  
contribuições ao desenvolvimento local / Ermínia Medeiros  
Macêdo. -- 2011.  
181 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,  
Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional  
em Turismo, 2011.

Inclui bibliografia.

Orientação: Ellen Fens ter se ifer Woor tmann.

1. Turismo - Piauí. 2. Comunidade - Desenvolvimento.  
I. Woor tmann, Ellen F. - (Ellen Fens ter se ifer). II.  
Título.

CDU 338. 486



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo  
Mestrado Profissional em Turismo

**O TURISMO NA PRAIA DE BARRA GRANDE-PI:  
IMPACTOS E ECONTRIBUIÇÕES AO  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

**Ermínia Medeiros Macêdo**

Banca Examinadora:

---

Orientadora Profa. Dra. Ellen Fensterseifer Woortmann (CET/UnB)

---

Examinadora Profa. Dra. Sandra Regina Lestingue (UFPI)

---

Examinadora Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa (CET/UnB)

Dedico este trabalho às duas maiores forças da minha vida, meu pai (*in memoriam*) e minha mãe, que sempre acreditaram no crescimento através do saber e me oportunizaram chegar aqui.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus irmãos Rogério e George, minha cunhada Carla e meu sobrinho Guilherme, que sempre torceram pelo meu sucesso e me mostram diariamente o valor de se ter uma família.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Ellen Woortmann. Com a sua sabedoria e polidez a orientação desta dissertação tornou-se mais rica e iluminada.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luzia Neide Coriolano, incansável pesquisadora do turismo de base local, cuja produção científica é fonte de grande valor que alimenta e enriquece o estudo do fenômeno turístico.

Aos moradores da praia de Barra Grande, que colaboraram com esta pesquisa e, gentilmente, cederam depoimentos que enriqueceram esta dissertação.

À minha tia Edileuza e seu esposo Euclides, que compartilharam comigo a minha descoberta profissional e sempre me deram amor, força e proteção.

À uma amiga muito importante, Angélica Learth, que me possibilitou muitos ganhos profissionais e até hoje apadrinha a minha caminhada. Obrigada!

Às amigas de infância Jamilyla, Kaelina e Ilka. Mesmo sem estarmos em contato frequentemente, sei que são forças com as quais sempre poderei contar.

Às minhas colegas de trabalho da PIEMTUR que se tornaram amizades verdadeiras, em especial Pammela, que sempre demonstrou muito carinho, apoio e compreensão comigo.

Ao casal D. Raimunda, S. Raimundo e seus filhos. Serei sempre grata por todo apoio e amizade.

A um amigo especial, Kerle Dantas, a quem eu nutro uma profunda admiração e cujo profissionalismo, inteligência, sensatez e garra são espelhos para minha vida.

Aos professores Ricardo Gomes, Ângela Araújo, Gracimar Tavares, Marcello Atta, Liége Moura e Catarina Santos, com quem divido as ansiedades e alegrias da docência e, acima de tudo, a amizade.

“[...] lá dentro da pescaria dele, ele (o pescador) é dono da liberdade e a natureza é dona dele e um não tem nada a dizer para o outro a não ser ficar feliz e tranqüilo porque cumpriu a missão dele de cidadão de bem”.

(F.S, 59 anos, pescador da praia de Barra Grande)

## RESUMO

A crescente e rápida expansão da atividade turística tem suscitado uma nova reflexão sobre o processo de desenvolvimento local e regional que o turismo produz para o destino receptor. Tem-se verificado, em especial nas últimas décadas, que a difusão da dinâmica capitalista nos espaços litorâneos, vem provocando grandes transformações no meio. Dentre estas, destacamos a presença do turismo, alterando as relações sociais de produção, modificando o cotidiano das populações nativas e resultando em implicações de ordem sociocultural, ambiental e econômica. A presente dissertação tem como objeto de estudo a praia de Barra Grande, situada na cidade de Cajueiro da Praia, no litoral do Estado do Piauí, que vem passando por um processo de intensificação da atividade turística nas últimas duas décadas, o que tem provocado uma série de impactos das mais diversas naturezas na localidade. Destarte, objetivou-se identificar e analisar os principais impactos sócio-econômicos, culturais e ambientais sobre a comunidade local decorrentes do uso turístico na praia Barra Grande/PI, considerando o recorte temporal de 2000 a 2010. Para isso, buscou-se reconhecer a organização do turismo no litoral do Estado, bem como conhecer o modo de vida da comunidade local, antes e depois da chegada do turismo na praia; caracterizou-se a prática do turismo na praia de Barra Grande, explicou-se a influência do esporte *kitesurf* na consolidação da praia de Barra Grande como destino turístico; verificou-se como o turismo pode ajudar no desenvolvimento da comunidade e, por fim, apresentaram-se propostas para alcançar o desenvolvimento turístico sustentável em Barra Grande. Os passos metodológicos utilizados na realização deste estudo centraram-se no levantamento de dados primários através da realização de entrevistas com moradores da localidade, que expuseram seus diferentes olhares sobre as implicações que o turismo trouxe para suas vidas e para a localidade como um todo. Constatou-se que o turismo que vem sendo praticado em Barra Grande se distancia dos preceitos de um turismo sustentável, em especial pela falta de um planejamento participativo que ordene tal crescimento, o que tem acarretado problemas graves como: falta de tratamento para os resíduos sólidos; excessiva especulação imobiliária; substituição das antigas atividades produtivas (pesca e agricultura de subsistência); e desvalorização das manifestações culturais tradicionais. Mobilizados por um turismo sustentável, a comunidade local vem desenvolvendo ações importantes que visam uma mudança de cenário. Mas a interferência da gestão pública, ainda limitada, é imprescindível neste processo. Por fim, foram sugeridas iniciativas com vistas ao alcance do desenvolvimento sustentável do turismo na praia de Barra Grande, o que também poderá ser aplicado a outros destinos com características similares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo; Desenvolvimento Local; Impactos.



## **ABSTRACT**

The increasing and rapid expansion of tourism has caused a rethink about the process of local and regional development that tourism causes the receiving destination. It has been noticed, especially in recent decades, that the diffusion of capitalist dynamics in coastal areas has led to major changes in the environment. Among these, there is the presence of tourism, changing production social relations, changing the daily lives of native populations and resulting in sociocultural, environmental and economic implications. This thesis aims to study the beach of Barra Grande, located in the city Cajueiro da Praia, on the coast of the state of Piauí, which has been undergoing a process of intensification of tourism in the last two decades, which has caused a series of impacts of several sorts on the place. Thus, the objective was to identify and analyze the main socio-economic, cultural and environmental effects on the local community arising from tourism use on the beach Barra Grande / PI, considering the temporal cut from 1990 to 2010. For such, we sought to recognize the organization of tourism on the coastal state, and know the lifestyle of the local community, before and after the arrival of tourism on the beach; the practice of tourism on the beach in Barra Grande was characterized explained by the influence of sport kitesurf in the consolidation of the Barra Grande beach as a tourist destination, it was noted how tourism can help with community development and, finally, proposals to achieve sustainable tourism development in Barra Grande were presented. The methodological process used in this study focused on collecting primary data by conducting interviews with local residents, which showed their different views about the implications that tourism has brought to their lives and to the place as a whole. It was found that the tourism which has been practiced in Barra Grande is far from the precepts of sustainable tourism, in particular the lack of a participatory planning to order such growth, which has caused serious problems such as lack of treatment for solid waste; excessive speculation, the replacement of old production activities (fishing and subsistence farming) and devaluation of traditional cultural events. Mobilized by sustainable tourism, the local community has developed important actions aimed at a change of scenery. But the interference of public administration, though limited, is essential in this process. Finally, initiatives were suggested in order to attain sustainable development of tourism on the beach in Barra Grande, which could also be applied to other destinations with similar characteristics.

**KEYWORDS:** Tourism, Local Development, Impacts.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>1. TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL</b>	19
1.1 DIALOGANDO SOBRE DESENVOLVIMENTO	19
1.2 O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: UMA NOVA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIOECONÔMICO LOCAL	28
<b>2. OS PRINCIPAIS IMPACTOS DECORRENTES DO TURISMO NAS LOCALIDADES</b>	37
2.1 IMPACTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DO TURISMO	43
2.2 IMPACTOS CULTURAIS DO TURISMO	47
2.3 IMPACTOS AMBIENTAIS DO TURISMO	56
<b>3. A ATIVIDADE TURÍSTICA E OS PRINCIPAIS SEGMENTOS NO ESTADO DO PIAUÍ</b>	63
3.1 AS REGIÕES TURÍSTICAS DO ESTADO DO PIAUÍ	63
3.1.1 Região Turística Polo Costa do Delta	64
3.1.2 Região Turística Polo Costa das Águas	64
3.1.3 Região Turística Polo Aventura e Mistério	65
3.1.4 Região Turística Polo Histórico Cultural	65
3.1.5 Região Turística Polo das Origens	65
3.1.6 Região Turística Polo das Nascentes	66
3.1.7 Região Turística Polo Teresina	66
3.2 TERESINA-PI: O PORTÃO DE ENTRADA	68
3.3 O LITORAL DO ESTADO E O TURISMO	71
<b>4. O TURISMO NO MUNICÍPIO DE CAJUEIRO DA PRAIA-PI</b>	81
4.0.1 Caracterização social e geográfica	81
4.0.2 Aspectos históricos do município de Cajueiro da Praia-PI	83
4.0.3 Atratividade turística	85
4.0.4 A gestão do turismo em Cajueiro da Praia-PI	91
<b>4.1 A PRAIA DE BARRA GRANDE-PI: ASPECTOS SIGNIFICATIVOS</b>	93
4.1.1 Caracterização geográfica e histórica	93
4.1.2 Aspectos turísticos e urbanísticos	97

4.2 A CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO EM BARRA GRANDE-PI	123
4.3 ANÁLISE DOS PRINCIPAIS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS, CULTURAIS E AMBIENTAIS DECORRENTES DO TURISMO NA PRAIA DE BARRA GRANDE-PI	135
4.3.1 Impactos socioeconômicos	136
4.3.2 Impactos culturais	142
4.3.3 Impactos ambientais	154
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	158
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b>	166
<b>7. ANEXOS</b>	173

## LISTA DE QUADROS/TABELAS/ILUSTRAÇÕES

### QUADROS

	40
<b>Quadro 1</b> - Impactos do turismo	
<b>Quadro 2</b> - Pontos de referência Barra Grande	98
<b>Quadro 3</b> - Grade de Produtos Turísticos 2009 (Piauí) – EMBRATUR	106
<b>Quadro 4</b> - Passeios turísticos ofertados em Barra Grande	107
<b>Quadro 5</b> - Valores cobrados pelo passeio de canoa	109
<b>Quadro 6</b> - Valores cobrados pelo passeio de trilha	109
<b>Quadro 7</b> - Análise do Ambiente Interno do Turismo em Barra Grande	116
<b>Quadro 8</b> - Análise do Ambiente Externo do Turismo em Barra Grande	117
<b>Quadro 9</b> - Meios de Hospedagem em Barra Grande	126

### TABELAS

	29
<b>Tabela 1</b> – O Turismo e a Economia Brasileira	
<b>Tabela 2</b> - Capacidade de Hospedagem de Teresina	70
<b>Tabela 3</b> - Produto Interno Bruto(Piauí e Cajueiro da Praia)	82
<b>Tabela 4</b> - Índice de Desenvolvimento Humano – Cajueiro da Praia p.84	82
<b>Tabela 5</b> - Empregos formais gerados pelo turismo em Cajueiro da Praia-PI	140
<b>Tabela 6</b> - Registros de furtos e lesões corporais na delegacia de Cajueiro da Praia	146

### FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Mapa da Regionalização do Turismo do Estado do Piauí	63
<b>Figura 2</b> - Mapa Rodoviário do litoral do Estado do Piauí	71
<b>Figura 3</b> - Representação espacial do Nordeste, Estado do Piauí e Cajueiro da Praia	81
<b>Figura 4</b> – Sede antiga e sede atual do Projeto Peixe-Boi Marinho em Cajueiro da	87

## Praia

<b>Figura 5</b> – Mapa de localização da Praia de Barra Grande	94
<b>Figura 6</b> – Mapa da localidade de Barra Grande(pontos referenciais)	98
<b>Figura 7</b> – Foto da praia de Barra Grande .	99
<b>Figura 8</b> – Chalé da Pousada BGK	101
<b>Figura 9</b> – Escola de Kitesurf em Barra Grande	103
<b>Figura 10</b> – Pousada em Barra Grande com loja de produtos para o kitesurf	104
<b>Figura 11</b> – Passeio do Cavalo Marinho(Rio Camurupim)	108
<b>Figura 12</b> - Adolescentes jogando bola na quadra central	119
<b>Figura 13</b> - Placa com anúncio de venda de água da AGESPISA de Parnaíba	122
<b>Figura 14</b> – Estrutura dos bares à beira mar na praia de Barra Grande(1980)	129
<b>Figura 15</b> - Estrutura dos bares à beira mar na praia de Barra Grande(2010)	130
<b>Figura 16</b> - Ponto de referência do comércio em Barra Grande	134
<b>Figura 17</b> – “Invasão” de terreno”(à esquerda) na rua de Barra Grande	138
<b>Figuras 18</b> – Residência de moradores em Barra Grande sendo alugadas ou vendidas	139
<b>Figuras 19</b> – Residência de moradores em Barra Grande sendo alugadas ou vendidas	139
<b>Figura 20</b> – Festa da Regata em Barra Grande(2005)	153
<b>Figura 21</b> - Caminhão da Prefeitura coletando lixo em Barra Grande	155
<b>Figura 22</b> – Lixo na Praça Central de Barra Grande	156

**GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1</b> - Fluxo de visitantes para passeios ecológicos em 2009 na Associação Nativos	111
<b>Gráfico 2</b> - Fluxo de visitantes para passeios ecológicos em 2010 na Associação Nativos	112
<b>Gráfico 3</b> – Fluxo de Turistas – Cajueiro da Praia(2007)	132

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- AGESPISA – Águas e e Esgotos do Piauí S.A
- BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
- CADASTUR – Cadastro de Turismo
- CNI – Confederação Nacional da Indústria
- CMA – Centro Nacional de Mamíferos Aquáticos
- ENTBL – Encontro Nacional de Turismo de Base Local
- Fundação CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis
- ICMBio – Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
- IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
- MTUR – Ministério do Turismo
- SETUR – Secretaria de Estado de Turismo do Piauí
- SEBRAE – Serviço de Apoio às Pequenas e Micro Empresas
- SEPLAN – Secretaria Estadual de Planejamento
- PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- PRT – Programa de Regionalização do Turismo
- REDE TRAF – Rede do Turismo Rural na Agricultura Familiar
- PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
- PRODETUR NE II – Programa de Desenvolvimento do Turismo Nordeste II
- RAIS – Relação Anual de Informações Sociais
- UH – Unidade Habitacional

UNEP - Programa das Nações Unidas para o Ambiente

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o turismo no litoral nordestino acompanhou um crescimento exponencial, com o aumento significativo do número de visitantes a cada ano. Este crescimento nem sempre veio prescindido de desenvolvimento. A compreensão da relação do turismo com desenvolvimento implica muito mais do que uma simples análise sobre o crescimento econômico da região, pois envolve os mais variados efeitos decorrentes das relações que se estabelecem a partir desses deslocamentos, principalmente seus efeitos sobre a população local e o meio ambiente.

Este crescimento do turismo está intrinsecamente relacionado a um planejamento eficaz, que possa mitigar os efeitos negativos quando os recursos são explorados de forma inadequada e precisa ser conduzido de forma participativa entre o poder público, poder privado e a comunidade de tal forma que todos tenham conhecimento dos impactos que o turismo pode provocar na localidade, sejam eles positivos ou não.

No litoral piauiense o processo é similar aos demais destinos do Nordeste, como Pipa(RN), Jericoacoara(CE), Porto de Galinhas(PE), Porto Seguro(BA), cujo processo de crescimento turístico tem deixado cicatrizes irreparáveis na paisagem e no modo de vida local, apontando que, muitas vezes, não está havendo compatibilidade entre o desenvolvimento turístico e a melhoria da qualidade de vida da população.

A presente dissertação tem como objeto de análise a praia de Barra Grande, que está situada no litoral do Estado do Piauí e pertence ao município de Cajueiro da Praia. O município de Cajueiro da Praia está inserido na região turística Polo Costa do Delta e possui atualmente 6.981 habitantes. (IBGE, 2007). Apresenta 13 km de faixa litorânea, abrangendo 8 praias, sendo a praia de Barra Grande a mais extensa e mais importante para o turismo da região.

Desde a década de 80 do século XX, a praia já é freqüentada por veranistas (compreendido na maioria das vezes por piauienses que possuíam ou alugavam casas para passar a temporada de verão na praia) e poucos turistas (provenientes das cidades mais próximas, como Parnaíba e Teresina, ambas situadas no Estado do Piauí, e também de cidades do Ceará), mas ainda não havia despontado para o turismo. Neste



período inicia-se a minha relação com Barra Grande, quando no ano de 1991, tive a oportunidade de conhecer a praia, tendo permanecido por 20 dias, desfrutando do seu cenário paradisíaco e encantador, que abrangia desde a acolhida e o envolvimento dos seus moradores até o contemplamento da sua notável paisagem.

Apenas no final da década de 90 do século XX, mais especificamente a partir do ano de 2005, com a exploração do esporte *kitesurf* (um esporte aquático, ainda sem certificação da ABNT, que tem como princípio básico “voar sobre a água” puxada por uma pipa movida pela força dos ventos, e com prancha presa aos pés) é que a praia teve seu reconhecimento como destino turístico, descortinando-se para o cenário nacional e até internacional. Esta acelerada evolução do fluxo turístico em Barra Grande não foi acompanhada de um planejamento turístico que ordenasse o seu espaço, através de melhorias de infraestrutura, nem tampouco contou com a participação efetiva da sua população.

Neste sentido, a principal problemática deste estudo é conhecer e analisar como esses impactos têm se manifestado sobre a comunidade receptora da Praia de Barra Grande-PI. Dentre várias questões pertinentes ao turismo em Barra Grande, a que mais tem inquietado é buscar responder aos seguintes questionamentos:

- Qual o significado do turismo para o município de Cajueiro da Praia e para a praia de Barra Grande?
- Quais as contribuições do turismo para o desenvolvimento do município?
- Qual a posição da Praia de Barra Grande no turismo do estado?
- Quais os principais impactos socioculturais, econômicos e ambientais causados pelo turismo na comunidade da Praia de Barra Grande-PI?

Encontrar respostas para o problema apresentado nos possibilita dimensionar os impactos sociais positivos e negativos causados pela prática do turismo na comunidade receptora, o que ajudará na adoção de ações afirmativas que resultem na promoção do bem-estar social dos moradores da região, conforme determina o conceito de desenvolvimento sustentável, garantindo o equilíbrio entre a exploração dos recursos locais, a tecnologia, o meio ambiente e a relação com a comunidade local.

Diante deste contexto, o presente estudo apresenta como objetivo geral identificar e analisar os principais impactos socioeconômicos, culturais e ambientais decorrentes do uso turístico da praia Barra Grande/PI nas últimas duas décadas sobre a

comunidade local. Além disso, buscaram-se ainda como objetivos específicos: reconhecer a organização do turismo no litoral do Estado do Piauí; conhecer o modo de vida da comunidade local, antes e depois da chegada do turismo na praia; identificar e caracterizar a prática do turismo na praia de Barra Grande; explicar a influência do esporte *kitesurf* na consolidação da praia de Barra Grande como destino turístico; verificar como o turismo pode ajudar no desenvolvimento da comunidade; e, apresentar propostas para alcançar o desenvolvimento turístico sustentável em Barra Grande

Metodologicamente, a presente pesquisa possui natureza quantitativa e qualitativa. A pesquisa qualitativa foi utilizada neste estudo porque responde a questões particulares, preocupando-se com percepções de um nível de realidade que não pode ser quantificado e possibilitando o aprofundamento no mundo dos significados das ações e relações humanas, mostrando-se adequada porque permite descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos, apreensão das impressões ou representações diretas das pessoas (MINAYO, 1994). Já o método quantitativo de pesquisa tem na busca de dados secundários uma de suas grandes ferramentas.

A pesquisa se constituiu em duas etapas. A primeira etapa caracterizou-se pela interpretação e avaliação de documentos dos seguintes órgãos: Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia; Secretaria de Turismo do Estado - SETUR; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis - IBAMA; Fundação CEPRO; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE; Ministério do Turismo – MTUR e do Serviço de Apoio às Pequenas e Micro Empresas - SEBRAE.

A segunda etapa do processo metodológico compreendeu a pesquisa de campo. No primeiro instante da prática de campo coube ao pesquisador inserir-se no contexto a ser estudado, realizando observações. Para a concretização do estudo, foram realizadas cinco visitas à praia de Barra Grande, em épocas de baixa e alta temporada para realizar a coleta de dados em fontes primárias, que utilizou como instrumentos entrevistas e depoimentos. As visitas aconteceram em Agosto de 2009, e, no ano de 2010, ocorreram nos meses de Maio, Julho, Novembro e Dezembro.

O universo considerado da pesquisa foi composto por dez pessoas representantes da comunidade receptora, de faixa etária e ocupações diversas: 01 moradora e líder comunitária, 61 anos (S.M.); 01 comerciante local, 59 anos (O.G.); 01 empresário francês dono de pousada, 21 anos (M.C.); 02 condutores de turismo local, 23 e 27 anos (D.S. e E.S.); 01 pescador antigo da comunidade, 57 anos (F.S); 01 ex moradora da

praia, 42 anos (H.J.); 01 ex condutor de turismo, 40 anos (M.C.); 01 funcionária da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia e artesã, 28 anos (I.G.); 01 delegado de Cajueiro da Praia, 43 anos (Jeen de Aguiar). Além desses foram coletados depoimentos de quatro turistas que freqüentavam a praia nos períodos da pesquisa e de 01 empresário proprietário de agência de viagens na cidade de Parnaíba (J.V). Todos os pesquisados não seguiram um roteiro pré-estabelecido, mas expressaram suas opiniões e constatações sobre as implicações que o turismo vem trazendo, tanto no âmbito individual, como coletivo e serão identificados no texto pelas letras iniciais dos seus nomes próprios.

Para atingir os objetivos do estudo, estruturou-se a dissertação em quatro capítulos e uma conclusão. Na introdução foram apresentados os propósitos da investigação e os procedimentos metodológicos, além da justificativa e relevância da temática.

No capítulo 1, abordou-se a relação entre o turismo e o desenvolvimento local, evidenciando o modelo turismo de base comunitária. O capítulo 2 discorreu sobre os principais impactos decorrentes do turismo nas localidades, tendo sido apresentado em três esferas: os impactos econômicos, os impactos sócio-culturais e os impactos ambientais. O capítulo 3 versou sobre o turismo no Estado do Piauí e seus principais segmentos, apresentando as regiões turísticas do Estado, a importância da capital Teresina como portão de entrada para o turismo piauiense e o turismo praticado no litoral do Estado, com destaque aos seus principais destinos. No capítulo 4 analisou-se o processo de desenvolvimento turístico que vem acontecendo na cidade de Cajueiro da Praia, e, em, especial na praia de Barra Grande, ressaltando os seus aspectos mais significativos e sua cadeia produtiva. Após essa explanação foram apresentados os resultados sobre os impactos que o turismo vem causando na praia e na vida dos moradores e, em seguida, foram apontados os principais projetos e ações que vem sendo planejados e operacionalizados pela gestão pública na praia.

Por fim, os resultados da pesquisa foram contextualizados na conclusão, que também aponta sugestões que podem funcionar como instrumentos eficazes na formulação e aplicação de políticas públicas sustentáveis para a localidade.

## 1. TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

### 1.1 DIALOGANDO SOBRE DESENVOLVIMENTO

Não existe uma definição universalmente aceita de desenvolvimento. Uma primeira corrente de economistas, neoclássicos e pós-keynesianos, de inspiração mais teórica, considera crescimento e industrialização como sinônimo de desenvolvimento. Já uma segunda corrente, que engloba os economistas marxistas e cepalinos, voltada para a realidade empírica, entende que o crescimento é uma condição indispensável para o desenvolvimento, mas não é condição suficiente (SOUZA, 2009).

Esta última corrente encara o crescimento econômico como uma simples variação quantitativa do produto, enquanto o desenvolvimento envolve mudanças qualitativas no modo de vida das pessoas, das instituições e das estruturas produtivas. Nesse sentido, Souza (2009, p. 6) afirma que “o desenvolvimento caracteriza-se pela transformação de uma economia arcaica (entendida como sinônimo de economia de subsistência ou de economia informal que, em oposição à economia moderna, não possui alta intensidade de capital e tecnologia) em uma economia moderna, eficiente, juntamente com a melhoria do nível de vida do conjunto da população”.

No caso da praia de Barra Grande, objeto de análise desta pesquisa, veremos no decorrer deste estudo que houve aumento do fluxo turístico, assim como expansão de novos empreendimentos para o local, porém a população não sente ter sua qualidade de vida melhorada, como veremos mais adiante.

Nessa linha de pensamento, o desenvolvimento implica mudança de estruturas econômicas, sociais, políticas e institucionais, com melhoria da produtividade e da renda média da população, conforme atesta Chenery (1991, p. 9):

Pode-se considerar que o desenvolvimento econômico é um conjunto de transformações intimamente associadas, que se produzem na estrutura de uma economia, e que são necessárias à continuidade de seu crescimento. Essas mudanças concernem à composição da demanda, da produção e dos empregos, assim como da estrutura do comércio exterior e dos movimentos de capitais com o estrangeiro. Consideradas em conjunto, essas mudanças estruturais definem a passagem de um sistema econômico tradicional a um sistema econômico moderno.

Souza (2009) complementa a definição acima ao apresentar alguns aspectos inerentes ao desenvolvimento econômico, dentre os quais destacamos: existência de crescimento econômico contínuo em ritmo superior ao crescimento demográfico, mudanças de estruturas e melhorias de indicadores econômicos, sociais e ambientais a longo prazo. Segundo ele, os principais indicadores que possam refletir melhorias sociais e econômicas de um local, são, além da *renda per capita*, a alimentação, atendimento médico e odontológico, educação, segurança e qualidade do meio ambiente.

Como será visto no decorrer desta pesquisa, em Barra Grande, houve melhoria na questão do índice do PIB *per capita*, bem como do nível de Índice de Desenvolvimento Humano - IDH. No entanto, apesar do crescimento, o índice do IDH do município de Cajueiro da Praia permanece muito inferior ao de outras cidades brasileiras com característica similares. A condição de vida da população local é muito limitada e a maior parte das famílias apresenta sérias carências financeiras. A exploração do turismo na região, portanto, vem sendo apontada como uma importante alternativa estimuladora desse desenvolvimento tão esperado. No entanto, será visto que esse processo nem sempre está acontecendo de maneira sustentável.

Dowbor (1996) apresenta uma visão de desenvolvimento que, sem subestimar a importância econômica, coloca o ser humano e os interesses coletivos e das maiorias como ponto central, convergindo para a possibilidade de potencialização das capacidades de todos os indivíduos. Ainda segundo Dowbor(1996, p. 32):

Esta missão do processo de desenvolvimento não permite que seus defensores possam se furtar a considerar fatores como: qualidade de vida, socialização do poder, distribuição da renda, acesso aos serviços públicos e aos benefícios da tecnologia.

Muitos critérios podem ser adotados para medir o nível de desenvolvimento dos países e regiões, entre eles destacam-se a renda per capita, o consumo de energia, aço ou calorias por habitante/ano e o nível de alfabetização. Um indicador de desenvolvimento bastante utilizado atualmente é o IDH, que é realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD com base em indicadores de renda, educação e expectativa de vida, como abordaremos com mais detalhes posteriormente.

No entanto, além dos indicadores de natureza social, o diálogo sobre o desenvolvimento não pode prescindir da questão ambiental, pois o modo de produzir e de consumir considerou a natureza como recurso, tornando-a mercadoria, degradando-a. A preocupação com a manutenção e sobrevivência do meio ambiente é prerrogativa deste processo, pois, com o tempo, o crescimento econômico tende a esgotar os recursos produtivos escassos, através de sua utilização indiscriminada.

A busca prevalece não apenas por um simples desenvolvimento econômico, mas por desenvolver com sustentabilidade. Esta tem sido uma das grandes preocupações motivadoras desta pesquisa, pois, o que se percebe é que, em ambientes litorâneos, como a praia de Barra Grande, essa discussão deve ser analisada com mais veemência, ao considerarmos a vulnerabilidade destes espaços.

Quando analisamos a relação entre o desenvolvimento sustentável e o turismo, é preciso destacar que, à medida que os impactos negativos ocasionados pela atividade turística passaram a ser identificados, muitas práticas surgiram na tentativa de estabelecer uma gestão que conseguisse amenizar tais efeitos. No entanto, não é fácil quando se trata de uma atividade que tem essência capitalista e que prioriza lucros imediatos em detrimento aos aspectos social e ambiental.

Com isso, o conceito da sustentabilidade, aplicado ao turismo, passa a ganhar maior força e discussão e muitas iniciativas que fogem das práticas desenvolvidas pelo turismo tradicional despontaram em todo o Brasil. São formas de se vivenciar o meio natural, através da visitação turística, provocando o mínimo de impacto negativo.

É preciso evidenciar ainda as mudanças comportamentais da sociedade que vem acontecendo desde 1972, durante a Conferência de Estocolmo, quando foram assinalados os limites da racionalidade econômica e os desafios da degradação ambiental (LEFF, 2001), o que provocou uma maior sensibilização para as causas sócio-ambientais e, conseqüentemente, uma maior preocupação com o desenvolvimento aliado aos princípios sustentáveis.

Nesta perspectiva, Sachs (1986) aponta que o desenvolvimento deve estar pautado nos seguintes princípios: a satisfação das necessidades básicas, solidariedade com as gerações futuras, preservação dos recursos naturais e do meio ambiente, ao qual também chamou de eco-desenvolvimento. Com isso, o conceito de eco-desenvolvimento diz respeito a uma alternativa de política de desenvolvimento. Essa

definição, entretanto, foi sendo substituída, adotando-se a denominação desenvolvimento sustentável.

Em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a abordagem sobre o desenvolvimento sustentável se fortaleceu e, como resultado foi traçado um plano de ações com recomendações sobre como as nações deveriam agir para alterar seu vetor de desenvolvimento em favor de modelos sustentáveis (TAVARES, 2009).

Para Leff (1998, p. 19), o desenvolvimento sustentável foi definido como “um processo que permite satisfazer as necessidades da população atual sem comprometer a capacidade de atender a gerações futuras.”

Na visão de Sachs (2002), ao planejar o desenvolvimento, devemos considerar simultaneamente cinco dimensões de sustentabilidade: sustentabilidade social, econômica, ecológica (ambiental), espacial e cultural:

- Sustentabilidade social - é entendida como a consolidação de um processo de desenvolvimento baseado em outro tipo de crescimento e orientado por outra visão do que é a boa sociedade. O objetivo é construir uma civilização do "ser", em que exista maior equidade na distribuição do "ter" e da renda, de modo a melhorar substancialmente os direitos e as condições de amplas massas de população e a reduzir a distância entre os padrões de vida de abastados e não-abastados.
- Sustentabilidade econômica - a eficiência econômica deve ser avaliada por meio de critérios de lucratividade microempresarial e possibilitada por uma alocação e gestão mais eficientes dos recursos e por um fluxo regular do investimento público e privado, e, uma condição fundamental para isso é superar as atuais condições externas decorrentes dos efeitos negativos provocados pela globalização e pelo capitalismo.
- Sustentabilidade ecológica - pode ser incrementada pelo uso das seguintes alavancas: intensificação do uso dos recursos potenciais dos vários ecossistemas - com um mínimo de dano aos sistemas de sustentação da vida - para propósitos socialmente válidos; limitação do consumo de combustíveis fósseis e de produtos facilmente esgotáveis ou ambientalmente prejudiciais; redução do volume de resíduos e de poluição, por meio da conservação e reciclagem de

energia e recursos; autolimitação do consumo material pelos países ricos e pelas camadas sociais privilegiadas em todo o mundo; intensificação da pesquisa de tecnologias limpas e que utilizem de modo mais eficiente os recursos para a promoção do desenvolvimento urbano, rural e industrial; definição das regras para uma adequada proteção ambiental, concepção da máquina institucional, bem como a escolha do conjunto de instrumentos econômicos, legais, e administrativos necessários para assegurar o cumprimento das regras.

- Sustentabilidade espacial - é voltada a uma configuração rural-urbana mais equilibrada e a uma melhor distribuição territorial de assentamentos humanos e atividades econômicas, com ênfase nas seguintes questões: concentração excessiva nas áreas metropolitanas; destruição de ecossistemas frágeis, mas vitalmente importantes, por processos de colonização descontrolados; promoção de projetos modernos de agricultura regenerativa e agroflorestamento, operados por pequenos produtores, proporcionando para isso o acesso a pacotes técnicos adequados, ao crédito e aos mercados; ênfase no potencial para industrialização descentralizada, associada a tecnologias de nova geração (especialização flexível); e, estabelecimento de uma rede de reservas naturais e de biosfera para proteger a biodiversidade.
- Sustentabilidade cultural - busca as raízes endógenas dos modelos de modernização e dos sistemas rurais integrados de produção, privilegiando processos de mudança no seio da continuidade cultural e traduzindo o conceito normativo de ecodesenvolvimento em uma pluralidade de soluções particulares, que respeitem as especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e de cada local.

Vasconcellos (2002) traz uma análise que muito se aproxima da definição de Sachs (2002), ao afirmar que o modelo de desenvolvimento sustentável apresenta dimensões ambientais, econômicas, sociais, políticas, culturais e éticas. Isso remete ao presente e ao futuro das sociedades, à satisfação de suas necessidades básicas, conservação e preservação dos ecossistemas, direitos humanos, cidadania, participação social, distribuição de poder, cultura, política em consonância com as atitudes e ideologias presentes no local.

Coriolano (2007) ressalta, porém, que a prática sustentável necessita de uma melhor compreensão por parte da sociedade, que, ainda não assimilou tais conceitos e não tornou real, na prática, as concepções acerca da sustentabilidade. Portanto, faz-se



importante e premente a internalização dos problemas ambientais pela sociedade e a efetiva implementação do desenvolvimento econômico e social contínuo, harmonizado com a gestão racional dos recursos naturais que, segundo Sachs (1986), passa necessariamente pela redefinição de objetivos e planos de ação no sentido de considerar o ambiente como uma dimensão do desenvolvimento. Para tanto, deve-se incorporá-lo a todos os níveis de decisão.

O que se tem constatado é que na praia de Barra Grande o processo de desenvolvimento vem acontecendo, em especial, na última década, em decorrência da atividade turística, porém tem sido de maneira insustentável. Para que o desenvolvimento turístico pelo qual a praia de Barra Grande vem passando aconteça de forma sustentável é preciso, prioritariamente, a participação ativa da comunidade em todo o processo.

Além disso, como se concebe a ideia de se consolidar um destino turístico, se os próprios agentes que promovem o turismo na localidade não possuem uma boa comunicação e até respeito uns pelos outros, como é o caso de Barra Grande, quando se trata da relação entre a população e os turistas, empresários e poder público? Outra questão é o uso do espaço para o turismo, que vem sendo de forma não ordenada, além da exploração dos recursos naturais, cuja fiscalização e controle não aconteça de acordo, conforme será visto no decorrer deste estudo.

Para Binswanger (1997, p.38),

o conceito de desenvolvimento sustentável deve ser como uma alternativa ao conceito de crescimento econômico, que está associado ao crescimento material, quantitativo da economia. Entretanto, isto não significa que, como resultado do desenvolvimento sustentável, o crescimento econômico deva ser totalmente abandonado, pois a natureza é a base necessária e indispensável da economia moderna, assim como da vida das atuais e futuras gerações.

Deste modo, o desenvolvimento sustentável significa qualificar o crescimento e reconciliar o desenvolvimento econômico com a necessidade de se preservar o meio ambiente. É notório que a perspectiva ambiental se destaca em função de ser através do meio natural que se consegue o fornecimento dos recursos básicos necessários ao crescimento. Mas isso não isola as demais variáveis que também são prerrogativas para a garantia da sustentabilidade no desenvolvimento das localidades.

Lemos (1999, p.23) explica que “o desenvolvimento sustentável é um processo de decisão, baseado num consenso, no qual o impacto das atividades econômicas, o meio ambiente e a saúde da sociedade estão integrados e equilibrados”. Leff (1998, p.11) comenta, ainda, que “o desenvolvimento sustentável surge com o propósito de conseguir um ordenamento racional do ambiente em que a degradação ambiental não se sobreponha ao uso racional dos recursos naturais”.

O que se observa é que em Barra Grande a ganância em crescer com a exploração do turismo e sua conseqüente obtenção de lucro imediato tem sido prioritária. Em nome deste pseudo crescimento, muitos recursos naturais disponíveis na localidade são postos em segundo plano, interessando apenas o objetivo do empresário, cujos fins são individualistas, como, por exemplo, podemos citar a exploração do esporte *kitesurf* pelas pousadas, que utiliza toda a beira mar local, provocando o afastamento dos peixes ribeirinhos, o que, portanto, promove um desequilíbrio ambiental, indo contra os princípios de um desenvolvimento sustentável como afirma Lemos (1999).

Para Veiga (2005, p. 251),

O âmago da questão reside, portanto, na dificuldade de preservar e expandir as liberdades substantivas de que as pessoas hoje desfrutam sem comprometer a capacidade das futuras gerações desfrutarem de liberdade semelhante ou maior. Por isso, o desgaste da camada de ozônio, o aumento do efeito estufa, e as perdas de biodiversidade, são três dos problemas globais que explicitam a natureza dos grandes conflitos sociais contemporâneos. Mesmo que se atribua absoluta supremacia ao antropocentrismo, ainda assim a questão central é a de garantir condições para que as futuras gerações possam desfrutar de liberdade bem maior que a atual.

Na questão do desenvolvimento sustentável, fatores de racionalidade são importantes na medida em que se formulem valores para orientação das ações na construção de uma racionalidade ambiental e produza a identidade e integridade de cada cultura, para prudência das práticas sociais e produtivas e as potencialidades naturais (LEFF, 2001).

Ainda de acordo com Leff (1998, p. 15),

A racionalidade econômica banuiu a natureza da esfera da produção, gerando processos de destruição ecológica e degradação ambiental. O

conceito de sustentabilidade surge, portanto, do reconhecimento da função de suporte da natureza, condição e potencial do processo de produção.(...) A sustentabilidade ecológica aparece assim como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro.

Portanto, a experiência tem demonstrado que o desenvolvimento econômico não pode ser confundido com o crescimento, porque os frutos dessa expansão nem sempre beneficiam a economia como um todo e o conjunto da população.

Sem perder a sua complexidade, o conceito de desenvolvimento pode ser levado ao nível do local. O local pode ser entendido como uma delimitação geográfica do território que representa o espaço imediato dos acontecimentos mais simples e também mais profundos da vida cotidiana.

De acordo com Zapata (2004, p.1),

o conceito de desenvolvimento local se apóia na idéia de que as localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escala não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento. A existência de um sistema produtivo capaz de gerar rendimentos crescentes, mediante a utilização dos recursos disponíveis e a introdução de inovações garante a criação de riqueza e a melhoria do bem-estar da população local.

Zapata (2004) ainda explica que o desenvolvimento local é um processo em que o social se integra ao econômico. A estratégia de desenvolvimento endógeno ou desenvolvimento local se propõe a, além de desenvolver os aspectos produtivos, potencializar as dimensões sociais, culturais, ambientais e político-institucionais que constroem o bem estar da sociedade.

Na concepção de estratégias para o desenvolvimento local é fundamental ter-se os referenciais de desenvolvimento endógeno (mobilização dos próprios recursos), ascendente (protagonismo dos agentes locais) e auto-centrado (centrado nas necessidades próprias das comunidades) (CAVACO, 1996). A promoção do desenvolvimento necessita do efetivo envolvimento do setor público, isto é, o desenvolvimento local precisa ser uma vontade política dos governos locais que, apesar das suas limitações, exercem papéis fundamentais nesse processo.

Como será visto no decorrer de toda esta pesquisa, a atuação do poder público municipal em Barra Grande está aquém do que se espera para uma boa gestão. Falta

uma maior atenção e direcionamento diante dos problemas e conflitos que tem surgido dia após dia, envolvendo seus recursos e sua comunidade. Sendo assim, se a própria gestão local não direciona ou assume as ações que lhe cabem neste processo, como é possível falar em desenvolvimento sustentável em Barra Grande?

Á semelhança do que ocorre nos arranjos produtivos locais, nas regiões desenvolvidas e bem ordenadas, diferentes atores precisam se unir para aumentar o bem estar do conjunto da população: comunidades locais, prefeituras, secretarias de governo, organizações não governamentais e agências de financiamento. Para Dowbor (1996), o governo local possui diferentes possibilidades de atuação para impulsionar o desenvolvimento, entre elas o de articular medidas que criem um ambiente propício; formação profissional; intervenção em setores de grande efeito multiplicador; incentivo a novas formas de organização da produção; novas formas de ajuda e cooperação; articulação com atores e dinâmicas externas; e aumento da produtividade social.

É com essa percepção crítica que esse estudo sobre Barra Grande busca fazer uma análise sobre a forma como o turismo vem se desenvolvendo, conhecendo as premissas desse desenvolvimento e identificando os elos que o aproximam ou afastam do conceito do desenvolvimento turístico sustentável.

O desenvolvimento do turismo de maneira sustentável leva ao desenvolvimento local do destino. Para Buarque (2002, p.25), o desenvolvimento local pode ser definido como:

Um processo endógeno de mudança que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade competitiva da economia local; ao mesmo tempo deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são a base de suas potencialidades e condição para a qualidade de vida da população local.

Em Barra Grande, o desenvolvimento turístico tem se focado nas potencialidades locais e se revestem em especial dos seus recursos naturais que estão sendo explorados e comercializados através dos segmentos ecoturismo e turismo de aventura, com a prática do *kitesurf*. No entanto, alguns elementos locais, como o

artesanato, as manifestações culturais ou o modo de vida tradicional local, podem ser incrementados agregando valor ao destino e precisam ser reconhecidos e apropriados pela população local, como veremos no decorrer desta pesquisa.

Este processo endógeno significa um desenvolvimento interno que abranja todas as esferas, desde a econômica, a social, ambiental, política e cultural. Cada destino deve buscar espaços de competitividade conforme as suas possibilidades e potencialidades, apropriando-se da diversidade e da valorização local como diferencial competitivo, e procurando estimular setores, antes não competitivos, mas que possuem grande força para se desenvolver, seja a médio ou longo prazo.

Em conformidade com a teoria que estuda sobre processo de endogeneização nas localidades turísticas, apresentaremos a seguir uma discussão mais detalhada sobre esse novo tipo de turismo que vem sendo incentivado em destinos como Barra Grande, o qual se denomina turismo de base comunitária.

## 1.2 O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: UMA NOVA PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO LOCAL

A maior parte dos discursos por parte dos gestores públicos sobre o turismo sempre o apresenta como um fenômeno capaz de promover significativas transformações na conjuntura social de uma localidade. É um diálogo que comumente traz consigo uma leitura otimista e focada nos benefícios trazidos pelo mesmo para o local e para a comunidade.

Essa discussão foi intensificada nas duas últimas décadas, que passou a ver o turismo como alternativa possível para os velhos problemas como erradicação da miséria e pobreza, geração de emprego e renda e ainda, uma alternativa adequada para os novos problemas, como o aumento pela busca do lazer.

Neste contexto, a Organização Mundial do Turismo apresentou em 2001 diretrizes sobre o turismo e a luta contra a pobreza, elucidando as reais possibilidades que a atividade turística tem no combate e na solução da pobreza. Segundo o documento:

O turismo representa uma atividade com forte intensidade de absorção de mão-de-obra que proporciona abertura para as pequenas empresas e iniciativas locais. Sua capacidade de criar emprego para os pobres é enorme, inserindo jovens, mulheres, várias comunidades, mesmo para as pessoas sem qualificação oferecendo-lhes emprego nos centros de balneários e nas zonas rurais pelo ecoturismo e o turismo cultural. (OMT, Natal, 2001, p. 11.)

Utilizando os resultados de um estudo realizado em 2006 realizado por Takasago e Mollo sobre o papel do turismo no combate à pobreza, podemos comprovar o que se dispõe na citação acima, conforme demonstra a tabela:

	<b>Brasil</b>	<b>Turismo</b>	<b>%</b>
Valor Bruto da Produção	2.543.275.449,92	82.163.141,50	3,23%
PIB - Valor Adicionado	1.412.004.373,54	39.518.544,36	2,80%
Demanda Final	1.412.004.373,54	52.538.634,88	3,72%
<b>Remunerações</b>			
Trabalho não-qualificado	73.921.773,37	3.539.192,16	4,79%
Trabalho semi-qualificado	35.840.432,51	2.146.461,14	5,99%
Trabalho qualificado	194.544.169,02	7.670.775,36	3,94%
Trabalhador por conta-própria	61.617.621,00	6.993.614,93	11,35%
Empregador	47.369.555,09	1.969.680,29	4,16%
Capital	564.322.855,00	2.748.302,56	0,49%

Tabela 1 - O Turismo e a economia brasileira  
Fonte: TAKASAGO; MOLLO, 2006

A pesquisa revela a efetiva colaboração do turismo como instrumento no combate à pobreza, contribuindo para mitigar o problema da exclusão social no país. No entanto, um bom entendimento da pobreza envolve a investigação de suas ligações com outras variáveis. É necessário vincular pobreza e integração social ao emprego, articular a dimensão econômica da pobreza com as dimensões sociais, examinar o papel do progresso social e das estruturas institucionais na criação de privações e na geração de inclusão, explorar as implicações da globalização para estratégias antipobreza, para a coesão social e para a justiça social, e, finalmente examinar os vínculos entre direitos (civis, políticos, sociais), acesso à sobrevivência e mercados (DUPAS, 1999, p.21).

A autora Coriolano (2006, p.177) complementa:

O turismo é apresentado como o melhor negócio do mundo, podendo transformar tudo em mercadoria e em riqueza. Os discursos dos governos e dos órgãos de turismo mostram essa possibilidade e acrescentaram a nova abordagem da inclusão social. Tudo, entretanto, parece que acontece ou vai acontecer como um passe de mágica, pois nada fica explicitado de como mudar a realidade da população local, o que isso representa em termos de qualidade de vida, de apropriação de terra, de melhores condições de vida e habitação do lugar.

Em recente reportagem publicada na Revista Terra Querida, pertencente ao Governo do Estado do Piauí (2010, nº 10), o título da matéria de capa é: “Piauí aposta no turismo”. Segundo trechos da reportagem:

De 2007 pra cá, o turismo no Piauí tem recebido uma série de volumosos investimentos por parte do governo estadual e federal, bem como de empresários que querem empreender no Estado, o que, conseqüentemente traz o desenvolvimento para a população desses destinos, com a geração de muitos empregos.

No entanto, percebe-se que há um enorme espaço entre o que está declarado na fala dos governantes, nas pesquisas e nos estudos com o que se apresenta na prática, onde o modelo de acumulação de capital vigente permanece corroborando com a concentração de riquezas para poucos, não promovendo uma distribuição equitativa de renda para as camadas menos favorecidas.

Aliado a esse aspecto outra questão que surge é que o turismo é uma atividade predatória, que ocasiona danos ao meio ambiente e implicações de ordens diversas, e, que, portanto, nos faz questionar sobre esse discurso de que o turismo é a grande salvação e principal alternativa de desenvolvimento para muitas localidades. Como vencer essa distância entre exclusão e inclusão, utilizando-se dos recursos naturais disponíveis, em busca de um desenvolvimento sustentável?

De acordo com Woortmann (1992, p.33), “as relações entre gênero e ambiente, assim como as relações entre os gêneros, a partir de suas relações com o ambiente, se transformaram através do tempo” e, foram agravadas pela prática da atividade turística. Segundo ela, em muitos destinos turísticos, como o caso do litoral Rio Grande do Norte, “as transformações foram simbolizadas pelo cercamento das terras”. Com isso,

ameaçados pela mercantilização do solo, “a partir dos anos 60, o espaço da praia começa a ser invadido por um novo organismo: o veranista/turista.” (WOORTMANN, 1992, p.37)

Essas mudanças provocaram profundas alterações nos setores produtivos locais em seus respectivos gêneros. Segundo Woortmann (1992, p.37)

No espaço tradicional da mulher opera-se uma radical transformação, com uma inversão de sinais: onde era a terra de trabalho da mulher, “agora só tem trabalho para os homens”, como bóia fria nos canaviais. De espaço de trabalho autônomo, voltado para a subsistência, a terra se tornou espaço de trabalho assalariado, subordinado e voltado para o mercado. A mulher só comparece a esse espaço alterado na qualidade de “braço” do marido, pois, sendo o trabalho remunerado por tarefa, o homem leva para o canavial todos os braços de que dispõe, mulher e crianças.

Esse processo exclusivo que o turismo provocou em áreas litorâneas nordestinas tem sacrificado em especial o gênero feminino, que não encontra mais alternativas autônomas de desenvolver seu trabalho, restando-lhe apenas a opção de submeter-se a cargos operacionais em hotéis e restaurantes que surgem ou como faxineira nas casas dos veranistas.

Sobre essa discussão, Coriolano (2006, p.180) aponta:

A associação entre pobreza, exclusão, turismo e Estado obriga a relacionar os efeitos da mundialização (das relações econômicas – ao plano dos mercados, do capital financeiro ou da repartição internacional do trabalho – das relações políticas e dos instrumentos de regulação que as materializam) com os efeitos das forças das inércias formadas no plano local, em pequenos grupos e nas comunidades. O entendimento dessa interação permite identificar quem são os incluídos e os excluídos, também no turismo e como se dá esse processo tão contraditório.

Segundo Rogers (1995), a abordagem de exclusão social é em sua essência multidimensional, incluindo uma ideia de falta de acesso não só a bens e serviços, mas também à segurança, à justiça e à cidadania. Ou seja, relaciona-se a desigualdades econômicas, políticas, culturais e étnicas, entre outras. O autor aponta vários níveis nos quais se pode estar excluído: a) exclusão do mercado de trabalho (desemprego de longo prazo); b) exclusão do trabalho regular (parcial e precário); c) exclusão do acesso a



moradias decentes e a serviços comunitários; d) exclusão de acesso a bens e serviços (inclusive públicos); exclusão dentro do mercado de trabalho (para ele existe uma dualização do processo de trabalho, ou seja, há empregos ruins, de acesso relativamente fácil – que além de precários não geram renda suficiente para garantir um padrão de vida mínimo – e há empregos bons, mas de difícil acesso, que geram níveis de renda e de segurança aceitáveis; em geral, a segmentação acontece em termos de raça, sexo, nacionalidade); f) exclusão da possibilidade de garantir a sobrevivência; g) exclusão do acesso à terra; h) exclusão em relação à segurança, em três dimensões: insegurança física, insegurança em relação à sobrevivência (o risco de perder a possibilidade de garanti-la) e insegurança em relação à proteção contra contingências; exclusão dos direitos humanos.

Como será visto, esse processo de exclusão apontado pelo autor traduz a realidade vivenciada de Barra Grande, cuja população não se sente beneficiada (da forma como se esperava) do turismo que vem sendo praticado na praia e sente-se excluída, como em todas as maneiras apresentadas acima, inclusive dos cuidados básicos da gestão pública para com seus moradores.

Percebe-se, portanto, que a discussão sobre a exclusão social perpassa por várias dimensões e requer a necessidade de se avançar sobre essa discussão, entendendo melhor como a relação excluídos x incluídos se concretiza no meio social. Neste contexto, Elias (2000) utiliza os termos *establishment* ou *established* e *outsiders* para caracterizar esse processo de inclusão e exclusão nas comunidades. Segundo ele, um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’ a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *establishment* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Na língua inglesa, o termo que completa a relação é o *outsiders*, os não membros da ‘boa sociedade’, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*.

Woortmann (1992), ao realizar um estudo sobre o ambiente e a mulher no litoral do estado do Rio Grande do Norte, mostra as transformações que vem ocorrendo ao longo dos séculos e que tem provocado o processo de exclusão social dos moradores locais, que já não se identificam mais como parte daquele meio, pois perderam seus espaços de residência e suas formas de trabalho. Segundo a autora (1992, p.39):

a relação entre sociedade e ambiente mudou radicalmente de sentido. Novamente, o mesmo processo que introduziu a necessidade do dinheiro no dia-a-dia dos povoados, tornou também mais difícil ganhar esse dinheiro, na medida em que a alteração do ambiente, das soltas ao mar de dentro eliminou ou reduziu os espaços da atividade feminina. No domínio da casa também ocorreram mudanças. As casas, antes localizadas na praia, são vendidas a veranistas e as famílias afastadas para os mangues, considerados insalubres. [...] A indústria turística contribuiu para esse processo. [...] Alteraram o espaço da população “autêntica” e ocuparam até mesmo suas casas.

A situação acima analisada por Woortmann (1992) muito se identifica com a realidade que os moradores da praia de Barra Grande vivenciam atualmente, sentindo-se excluídos face ao processo de desenvolvimento turístico local.

O turismo enquanto atividade pertencente ao modelo econômico capitalista, com vistas à acumulação, facilmente concentrou riqueza, especulou, segregou espaços, degradou ambientes e explorou trabalhadores. De acordo com Coriolano (2001), o que tem diferenciado é que as contradições fizeram surgir contrapropostas de políticas de turismo, chamadas alternativas ao modelo hegemônico, elegendo outras prioridades, o bem estar social das comunidades acima da acumulação capitalista. Essa é a essência do turismo de base comunitária.

O turismo de base comunitária se baseia, portanto, num modelo endógeno, que, acima de tudo, tem na população a sua principal força e seu maior capital. Tavares (2009, p.31) aponta que “é preciso que a comunidade receptora tenha consciência quanto à chegada dos visitantes, verificando os impactos positivos e negativos da atividade turística”. Quanto mais os impactos do turismo são percebidos pelos residentes, maiores são as possibilidades de melhor lidar com eles.

No caso de Barra Grande, a população local tem se mostrado inquieta e, na maioria das vezes, insatisfeita com os impactos que o turismo vem trazendo para a localidade. No entanto, apenas um pequeno grupo de pessoas tem se mobilizado para discutir sobre tais questões. Falta, portanto, uma maior adesão por parte dos demais moradores em busca de fortalecer tais ações e acompanhar de perto tais alterações, conforme será visto adiante.

De acordo com Beni (2006, p.36),

O desenvolvimento endógeno consiste em um enfoque territorial do desenvolvimento e do funcionamento do sistema produtivo. O território é um agente de transformação, não mero suporte dos recursos e atividades econômicas, pois existe interação entre as empresas e os demais atores, que se organizam para desenvolver a economia e a sociedade. O ponto de partida para uma economia territorial está no conjunto de recursos econômicos, humanos, institucionais e culturais formadores de seu potencial de desenvolvimento. Nas economias locais podem ser identificados elementos como estrutura produtiva, mercado de trabalho, capacidade empresarial, conhecimento tecnológico, recursos naturais, infra-estrutura, sistema social e político, tradição e cultura, em torno dos quais se articulam os processos de crescimento econômico e mudança estrutural. Vale observar que as pequenas e médias empresas, são, com sua flexibilidade e capacidade empresarial e organizacional, os verdadeiros protagonistas do desenvolvimento endógeno.

O que ocorre, na maioria das vezes, é que os destinos turísticos, como é o caso da praia de Barra Grande, ainda não possuem um nível de ordenamento turístico, como aponta Beni (2006) para garantir um desenvolvimento endógeno, o que, muitas vezes, dificulta o processo.

Sobre essa questão, Maldonado (2009) aponta que as principais deficiências da oferta de turismo comunitário resultam, em parte, da incursão das comunidades no turismo em situações de improviso, ausência de profissionalismo, desconhecimento do mercado e dos instrumentos de gestão de negócios. Em todo caso, desde que devidamente ponderados os riscos e os pontos fracos, uma série de iniciativas operam em condições econômicas insustentáveis, no contexto de programas de suposto alívio da pobreza.

Esse cenário descrito por Maldonado (2009) se aplica à Barra Grande, cujos moradores mostram-se desmotivados e desencorajados para investir e empreender no setor turístico local, como será detalhado posteriormente.

Monteiro e Monteiro (2008, p.4) comentam que:

os moradores devem possuir um olhar crítico para a prática do turismo, percebendo que este poderá valorizar seus patrimônios culturais, naturais e ainda gerar renda na comunidade com a venda do artesanato, divulgação da gastronomia local, etc. É necessário ressaltar que a relação entre moradores e turistas deve ser harmônica e se caracteriza por ser nutrida de interesses de ambas as partes.

A população precisa querer o turismo, sabendo que esta atividade pode gerar benefícios econômicos com a injeção de capital; e sociais, com a criação de

oportunidades de empregos, diretos ou indiretos. Todavia, não é saudável existir uma “monocultura” do turismo, ou seja, a comunidade passar a viver apenas do turismo, pois qualquer sociedade necessita de vários setores produtivos e a utilização de apenas um deles pode levar a estagnação.

Para Maldonado (2009, p.31), por turismo comunitário:

Entende-se toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

Essa discussão sobre o turismo comunitário ou turismo de base comunitária surgiu em 1997, durante a realização do I Encontro Nacional de Turismo de Base Local (ENTBL). O debate científico avançou com o envolvimento das comunidades, universidades e movimentos sociais na ocasião do I Seminário Internacional de Turismo Sustentável, realizado em Fortaleza, em 2003 (TAVARES, 2009).

Para Coriolano (2009, p.283), “no turismo comunitário os residentes possuem o controle produtivo da atividade desde o planejamento até o desenvolvimento e a gestão”. Este envolvimento dos moradores e empresários locais deve estar sustentado a partir do senso de co-responsabilidade e cidadania, elementos essenciais para a sustentabilidade, para que possam efetivamente participar do processo de tomada de decisão (IRVING, 2005).

O modelo de desenvolvimento turístico que vem tornando-se realidade hoje em Barra Grande se distancia das premissas do turismo comunitário, uma vez que, como aponta Maldonado (2009), os diálogos, as trocas interculturais e a equidade no trabalho não acontecem, como veremos no decorrer da pesquisa.

O turismo é uma atividade invasora e, portanto, geradora de impactos negativos. Quando a atividade turística não é planejada e discutida suficientemente pela comunidade, os riscos de ocorrerem conflitos internos, descaracterização das tradições culturais, substituição das antigas atividades produtivas da localidade, alterações no ecossistema e na paisagem local, alterações no modo de vida dos moradores são efetivos

e preocupantes, como será discorrido no capítulo que segue, abordando os principais impactos decorrentes do uso turístico nas localidades.

## **2. OS PRINCIPAIS IMPACTOS DECORRENTES DO TURISMO NAS LOCALIDADES**

Os agentes sociais, ao promoverem o turismo, apropriam-se dos objetos geográficos naturais e artificiais, presentes em uma dada configuração territorial, e, dando a esses um novo significado – o turístico. Isto é, estão modificando o conteúdo de formas pré-existentes.

O turismo na praia de Barra Grande vem acontecendo de forma acelerada nos últimos cinco anos, apropriando-se da precária estrutura local já existente. Por um lado traz benefícios, com a introdução de novos empregos e investimentos; por outro lado, se para os moradores as deficiências locais já eram sentidas, com a presença de um considerável fluxo de turistas, muitos problemas passaram a ser potencializados, como será discutido adiante.

Além de gerar emprego e renda, esses agentes sociais estão fazendo algo maior: estão produzindo espaço geográfico e território usado, ou seja, possibilitando que o turismo seja visto como parte do processo de produção do espaço e, concomitantemente, do território usado. Steinberger (2006, p. 31) destaca ainda que “a legitimidade ou não do turismo é vinculada ao exercício da cidadania por parte de tais atores, que utilizam sempre o espaço urbano como local de conflitos e interesses”.

A participação dos atores no processo do desenvolvimento turístico pode acontecer em todos os espaços, desde que haja vontade, compromisso e interação dos mesmos. Por exemplo, Barra Grande ainda não se constitui um espaço urbano consolidado, e sim, encontra-se em processo de urbanização em decorrência da crescente presença de pessoas urbanas freqüentando e fixando moradia na praia.

Segundo dados do IBGE (2010), no ano de 2000, a população de Cajueiro da Praia era 6.122 habitantes; em 2007, esse número evoluiu para 6.711 e, atualmente, com base nos dados do Censo 2010, conta com 7.123 habitantes. A maior parte dessas pessoas vem dos centros urbanos mais próximos, como Teresina e Parnaíba, ou até mesmo de outros países com intuito de investir e abrir empreendimentos de natureza turística na praia, como discutiremos no decorrer deste trabalho.

Neste contexto, o espaço geográfico é o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática social do turismo: o consumidor turista tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico. Em função dessa característica, o turismo acaba por causar transformações, diretamente, a pelo menos três porções do espaço geográfico: sobre os pólos emissores de fluxos, os espaços de deslocamento e os núcleos receptores de turistas (CRUZ, 2001).

A mensuração dos impactos causados pela atividade turística nos destinos enfrenta dois aspectos que limitam a sua análise. O primeiro diz respeito à dificuldade de se delimitar os fatores intervenientes e impactos advindos exclusivamente da atividade turística. Outro aspecto é a ausência de dados estatísticos com informações sobre estudos e pesquisas do setor. Apesar de tais circunstâncias, as pesquisas sobre os impactos do turismo vêm sendo intensificadas, acompanhando o avanço da própria atividade em nível mundial e nacional.

Teoricamente, a atividade turística é importante para qualquer economia, seja ela nacional, regional, ou local, pois o deslocamento constante de pessoas aumenta o consumo, motiva a diversidade de produção de bens e serviços e possibilita o lucro e a geração de emprego e renda. O turismo apresenta efeitos econômicos, sociais, culturais e ambientais múltiplos e produz resultados nem sempre divididos igualmente entre os envolvidos. A população residente é vítima dos efeitos do turismo e sofre com alguns impactos negativos, por exemplo, o aumento descontrolado do número de turistas e de agressões naturais e culturais.

De acordo com Coriolano (2008, p.6):

O turismo é uma das mais novas modalidades do processo de acumulação, que vem produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço de forma contraditória, pela ação do Estado, das empresas, dos residentes, e dos turistas. Compreender essa dinâmica significa entender as relações produtivas do espaço e o exercício de poder do Estado, das classes empresariais e trabalhadoras em movimento e conflito. O turismo para se reproduzir segue a lógica do capital, quando poucos se apropriam dos espaços e dos recursos neles contidos apresentando-os como atrativos transformados em mercadorias.

O turismo é na atualidade um dos eixos desencadeadores dessa espacialização, age desterritorializando e produzindo novas configurações geográficas. Assim é que

regiões litorâneas, originalmente ocupadas pelos indígenas, pescadores, comunidades tradicionais, os chamados “povos do mar”, são expropriadas para dar lugar às segundas residências, aos grandes *resorts*, às cadeias hoteleiras, aos restaurantes e demais equipamentos turísticos, como parques aquáticos e temáticos, por exemplo (CORIOLANO, 2008).

Nesta produção espacial faz-se necessário considerar a luta dos diferentes atores locais: os nativos usuários do espaço litorâneo, que tentam defender suas propriedades, ou bens de usos, contrapondo-se aos interesses dos empresários, dos agentes imobiliários e do próprio Estado, estes que se interessam pelo valor de troca do espaço, pois o transformaram em mercadoria.

Nesta perspectiva, Coriolano (2008, p. 1) destaca:

A análise dos impactos econômicos, culturais, ambientais e sociais requer a compreensão prévia da história da ocupação, dos modos de vida local, do conhecimento e da percepção dos atores locais, antes da chegada da atividade turística, para que possamos comparar como era antes com o que somos agora.

Dentre as várias abordagens do objeto Turismo, o questionamento sobre os impactos e as mudanças ocasionadas nas comunidades receptoras recebeu atenção da Economia, da Geografia, da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia, atentas a este “fenômeno de múltiplas facetas, que penetra em muitos aspectos da vida humana, quer de forma direta, quer indireta” (REJOWSKI, 2000, p.18).

De acordo com Archer e Cooper (1998, p.85),

Os primeiros trabalhos que trataram do impacto do turismo sobre os destinos se concentravam principalmente nos aspectos econômicos. A razão disso não foi apenas o fato desses impactos serem de quantificação e mensuração fáceis; havia também a esperança de que esses estudos demonstrassem o benefício econômico líquido que o turismo implica para os destinos que o acolhiam. Em muitos casos isso realmente ocorreu. Mas o turismo, por sua própria natureza, é seduzido por ambientes e sociedades singulares e frágeis, e evidenciou-se que em alguns casos seus benefícios econômicos foram neutralizados por conseqüências ambientais e sociais adversas e não mensuradas previamente.



Segundo Lickorish (2000, p. 101), a partir “da metade da década de 1970, estudiosos e profissionais do turismo passaram a dar mais atenção ao relacionamento entre turistas e a população local, principalmente aos efeitos não econômicos induzidos por este relacionamento”.

Entendendo o turismo no seu papel no campo econômico, no cultural e na troca social, conhecer as atitudes dos residentes em localidades turísticas acerca dos impactos gerados pela atividade em seus lugares de residência, torna-se não só pertinente, mas de suma importância. Porém, o que na teoria tende a funcionar perfeitamente, na prática tenderia a apresentar limitações, pois os impactos negativos muitas vezes superariam os positivos.

De acordo com Ruschmann (1997, p.34),

No turismo, os impactos referem-se à gama de modificações ou à seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras. As variáveis que provocam os impactos têm natureza, intensidade, direções e magnitude diversas; porém, os resultados interagem e são geralmente irreversíveis quando ocorrem no meio ambiente natural.

A autora esclarece também que os impactos têm origem num processo de mudança e que não constituem eventos pontuais resultantes de uma causa específica. Eles são consequência de um processo de interação entre turistas, comunidade e meios receptores. Às vezes, tipos de turismo parecidos causam diferentes impactos.

A referida autora registra também os diferentes impactos que o turismo pode causar, tais como os econômicos, sociais, culturais e sobre o meio ambiente natural, e afirma que esses impactos podem dar-se de forma positiva ou negativa, ou seja, podem trazer benefícios e prejuízos (RUSCHMANN, 1997). O Quadro 1 procura sintetizar os principais aspectos benéficos e maléficos decorrentes do desenvolvimento do turismo, considerando as suas diferentes esferas.

<b>Área</b>	<b>Impactos potenciais positivos</b>	<b>Impactos potenciais negativos</b>
Economia	Receitas, empregos, nível de vida da população local, atração de investimentos	Inflação local, especulação imobiliária, concentração dos investimentos e perda de

Turismo e Comércio	Reconhecimento da região, novas infraestruturas, maior acessibilidade	investimentos alternativos, custos em termos de infraestruturas necessárias Preços mais elevados, desenvolvimento descontrolado do comércio local
Sociedade e Cultura	Maior empenho dos residentes na promoção dos eventos locais, reforço dos valores e tradições locais	Comercialização sazonal de atividades privadas, alteração dos costumes em função do turismo, custos sociais (prostituição, abuso de drogas e álcool)
Psicologia	Orgulho quanto aos costumes locais, reconhecimento da riqueza da troca com o outro	Atitudes defensivas face a outras culturas, hostilidades por dificuldade de comunicação
Política e Administração	Desenvolvimento local integrado	Mau planeamento, segregação socioespacial
Meio ambiente	Novas infraestruturas, conservação de algumas áreas, estratégias de gestão sustentável	Degradação ambiental, poluição, alteração de hábitos alimentares, produção excessiva e sazonal de resíduos sólidos

Quadro 1: Impactos do turismo

Fonte: DROULERS; MILANI, 2002.

Fazendo uma breve correlação entre a teoria apontada pelos autores Droulers e Milani (2002) com a situação da praia de Barra Grande, pode-se perceber que no aspecto econômico os efeitos positivos ainda são poucos na vida da comunidade local, pois ainda não se verificou melhoria significativa no nível de renda dos mesmos, e, além disso, apenas uma pequena parcela da população é que tem se beneficiado diretamente do turismo. Porém, é preciso ressaltar que a praia tem atraído muitos investimentos, que, a médio e longo prazo poderão resultar em tais melhorias. Negativamente, a praia de Barra Grande já vivencia essa situação de especulação imobiliária, conforme veremos mais adiante.

Quanto ao turismo e comércio, um impacto positivo que tem acontecido em Barra Grande é o seu importante reconhecimento no mercado como destino turístico, o que tem despertado a atenção dos gestores públicos em promover melhores condições de infraestrutura e suporte para receber os turistas. Em função de tal aspecto, assim como ocorre em outras localidades turísticas, é comum registrar aumento dos preços

cobrados, principalmente nos restaurantes e hotéis da região, uma vez que o comércio ainda se apresenta de forma muito tímida. Essa inflação de preços ocorre em especial nos períodos de alta estação, como será detalhado mais à frente.

Nos quesitos sociedade e cultura, pode-se assinalar que em Barra Grande a valorização cultural que poderia ser impacto positivo advindo do turismo não tem acontecido. Ao contrário, as tradições culturais e eventos locais, como a Festa da Regata dos Pescadores, o Reisado estão se perdendo em meio a um processo desordenado de desenvolvimento turístico, que traz como conseqüências negativas o surgimento de novos costumes que destoam completamente dos hábitos da região, como o aumento no consumo de drogas, a prostituição infantil e outros efeitos que serão vistos no último capítulo deste estudo.

Quanto aos aspectos psicológicos, os autores mostram que o turismo pode provocar um enriquecimento cultural que se dá a partir das trocas entre visitantes e visitados. No entanto, em Barra Grande, grande parte da população, em especial os mais antigos, não tem percebido esse impacto como positivo e sim o inverso, o que tem despertado nos mesmos uma atitude defensiva quanto à presença dos turistas na praia. Esse comportamento vai ao encontro aos apontamentos dos autores Mathielson e Well (1982) quando nos mostram que um dos estágios em que a comunidade pode se encontrar em relação ao turismo é o de irritação e antagonismo, o que já se verifica em alguns grupos populacionais de Barra Grande, como serão atestados nos depoimentos colhidos e que serão apresentados à frente.

Na questão política e administrativa, apesar do rápido crescimento que a praia de Barra Grande vem passando, a administração pública local não tem acompanhado este processo de forma satisfatória e apresenta sérias falhas de planejamento e gestão, o que tem provocado, dentre outros impactos, uma segregação socioespacial notória entre os “novos moradores” que são os donos das pousadas de maior requinte e luxo e os demais moradores da localidade. Tal situação será melhor explanada e discutida no capítulo 4 desta dissertação.

Em relação ao meio ambiente, em Barra Grande tem-se percebido positivamente uma mobilização entre os atores locais em busca de defender seu patrimônio natural, exigindo e implantando medidas sustentáveis aplicáveis ao governo, ao setor privado e à população local como um todo. Mesmo assim, pode-se constatar na praia sujeira e mau gerenciamento dos resíduos sólidos, como será visto mais adiante.

A seguir, será apresentada uma discussão teórica que aprofunda essa reflexão e análise sobre os impactos socioeconômicos, culturais e ambientais que o turismo pode causar a uma localidade.

## 2.1 IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DO TURISMO

O elevado crescimento econômico que a atividade turística vem proporcionando em seus destinos acarreta impactos positivos como também impactos negativos. Atualmente, não deixa de gerar surpresa o elevado nível de rendimento por habitante que auferem as regiões, cuja especialização é a atividade turística, destacando-se das outras atividades produtivas (MUÑOZ, 1996).

Infelizmente não se pode afirmar que essa situação apontada pelos autor acima seja a que Barra Grande vive. Apesar da pesca ser, até pouco tempo atrás, a principal atividade produtiva local, o turismo já está sendo reconhecido e encarado como o principal setor produtivo para a região, porém seus efeitos sobre a economia local ainda não tem sido constatado.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR (1996), na perspectiva econômica o turismo pode trazer os seguintes benefícios: geração de empregos; geração de rendas; aumento de divisas em moeda estrangeira; aumento da arrecadação de impostos; criação e desenvolvimento de empresas; descentralização de riquezas; diversificação da economia; maior distribuição e circulação de renda; aumento da renda *per capita*; expansão das oportunidades locais e atração de investimentos diversificados.

O que ocorre é que em algumas localidades, como é o caso de Barra Grande, os empregos tem sido gerados de forma desigual, pois, pessoas de outras cidades próximas, como Luís Correia e Parnaíba, que possuem um melhor nível de qualificação, são contratadas para atuar nas funções gerenciais dos empreendimentos turísticos de Barra Grande, que são as de melhor remuneração, restando para a população local os cargos operacionais, cujos salários são bem inferiores. Esse processo provoca danos na autoestima dos moradores, que se percebem como inferiores, e que limita e até impede o

seu crescimento profissional, conforme comprovaremos posteriormente através das pesquisas e dos depoimentos coletados.

Como aspectos negativos, o Programa das Nações Unidas para o Ambiente salienta os seguintes impactos: o turismo acarreta diversos custos, que podem ter consequências nefastas para os países de origem; no entanto os países desenvolvidos têm maior capacidade de se beneficiar com o turismo do que os países em desenvolvimento; nos pacotes de viagens turísticas do tipo “tudo incluído”, cerca de 80% dos gastos dos turistas e visitantes destinam-se às companhias aéreas, hotéis, entre outras companhias internacionais, que têm as suas sedes nos países de origem. Os trabalhadores e as companhias locais não se beneficiam com este tipo de pacote turístico que, por isso, não contribui para o desenvolvimento da economia do destino. Outra desvantagem deste tipo de viagem turística prende-se ao fato dos turistas permanecerem toda a sua estada no local de alojamento, como é o caso dos *resorts*, que dispõem de serviços completos, incluindo as visitas programadas, retirando qualquer possibilidade aos negócios locais.

O cenário acima descrito pelo estudo do UNEP (2000) muito se aproxima da realidade de Barra Grande, cujos turistas chegam e se isolam em um mundo particular e que é disponibilizado aos mesmos, com a oferta de todos os serviços de alojamento, alimentação e diversão concentrados em um único espaço, que é o do hotel ou da pousada em que estão hospedados. Essa realidade também é muito comum em outros destinos litorâneos do Nordeste, como Costa do Sauípe (BA), Camocim (CE), Jericoacoara (CE), Pipa (RN), cujos *resorts*, quase sempre, constituem o único espaço freqüentado pelo turista, portanto, sem contato com a comunidade local.

Desta forma, o acesso e o contato com moradores da região torna-se praticamente inexistente, o que constitui uma grande perda para ambos, pois as trocas culturais não acontecem, e a localidade deixa de ganhar com a presença de visitantes que estão utilizando o seu território. Tampouco contribuem para dinamizar a economia local, através da compra de artesanato produzido na região, ou ainda consumindo uma comida típica local, diferente do cardápio servido nos hotéis, como será visto mais adiante.

Outros impactos negativos advêm do desenvolvimento de infraestruturas que são essenciais para a atividade turística, mas que acarretam grandes custos para os governos locais, como é o caso da construção de aeroportos, dos acessos e de outras

infraestruturas, como a construção de pousadas e hotéis à beira mar. Por vezes, as receitas fiscais também são penalizadas, devido aos benefícios financeiros, nomeadamente a redução dos impostos, que se traduzem em custos para os governos locais. O último impacto económico negativo refere-se à elevação dos preços nas zonas turísticas e nas épocas de maior afluência, que afeta o custo de vida dos residentes (UNEP, 2000).

Archer e Cooper (1998, p.92) destacam que:

O turismo parece ser bem mais eficiente do que outras indústrias para gerar emprego e renda nas regiões menos desenvolvidas, onde as oportunidades de desenvolvimento são mais limitadas. Na verdade é nessas áreas onde o turismo pode ter o seu impacto mais significativo. Em tais lugares uma grande parte da população vive da agricultura de subsistência ou são pescadores, e, quando se envolvem na indústria do turismo sua renda familiar sofre um acréscimo bastante grande em termos relativos.

A percepção dos autores é muito otimista quanto ao turismo, o que está fora da realidade de Barra Grande, pois, de acordo com muitos depoimentos dos moradores que serão apresentados à frente, não houve acréscimo de renda e sim, uma relativa perda para o principal setor produtivo até então, a atividade pesqueira. Os pescadores alegam que o peixe que ainda se consegue pescar em Barra Grande só tem servido como alimento doméstico, porque os principais hotéis e pousadas da localidade não o consomem, haja vista que os donos desses empreendimentos buscam parcerias com empresas que fornecem peixes vindos do Estado do Ceará. Com essa situação, não perdem somente os pescadores, mas toda a localidade de Barra Grande, que deixa de ganhar, de produzir e de gerar empregos.

Entretanto, infelizmente, assim como acontece em Barra Grande, em muitos destinos, a população local ainda recebe poucos benefícios diretos dessas melhorias. Isso é essencialmente um problema de distribuição física e económica, isto é, da extensão da velocidade com que essas facilidades devem ocorrer, como diz o pescador F. S., 57 anos, que há mais de 40 anos atua na atividade pesqueira em Barra Grande:

Qual hotel que vai pagar a carteira de alguém aí, pagar os direitos que a pessoa tem? Ninguém tá se beneficiando com essas visitasões. Quem mais se beneficia são os donos das mais altas pousadas, o dinheiro que

aqui entra lá fica e de lá não sai, nem na mão dos habitantes e nem dos comerciantes.

Essa situação relatada pelo pescador local é preocupante porque mostra o tamanho dos problemas que eles estão vivenciando: em um primeiro cenário, o peixe tem sumido em função do *kitesurf*; em um segundo cenário, não há incentivo à produção pesqueira e ao consumo por parte das empresas turísticas locais e; em um terceiro cenário, as opções de emprego que se apresentam na maior parte das vezes, como apontam, são empregos que não contemplam as condições regulares e legais, o que os deixa sem ter acesso aos direitos que lhes cabem. Os pescadores, portanto, se vêem sem saída e sem alternativas para visualizar que o turismo trará melhorias para suas vidas, já que o que tem acontecido em Barra Grande prova o contrário.

Outra questão que o turismo envolve é que à medida que o turismo continua a crescer numa região suas exigências sobre os recursos escassos da área são cada vez maiores. É necessário, sobretudo, terra, e, conseqüentemente, o preço dela sobe. Os donos de terras locais são incentivados a vender sua propriedade, e o resultado é que, embora possam obter ganhos em curto prazo, no final a única coisa de que dispõem é de um trabalho de baixa remuneração.

Em Barra Grande, muitos moradores venderam suas casas e seus terrenos à beira mar a preços muito aquém do valor real cobrado pelo mercado. Na maioria das vezes, eles são ludibriados por grandes especuladores e investidores, que tomam-lhe seus espaços pagando mixarias, como será visto adiante.

Superficialmente, pelo menos, os benefícios econômicos do turismo parecem evidentes. Mas, nos últimos anos, muitos pesquisadores têm manifestado reservas quanto à natureza e o montante dos benefícios atribuíveis ao turismo, e têm se tornado crescentemente céticos quanto às potencialidades do turismo como uma ferramenta para o desenvolvimento, o crescimento e como um meio de maximizar o bem-estar da população nativa.

O que se discute é essencialmente a alocação de recursos e se o desenvolvimento do setor do turismo oferece ou não o uso ótimo dos recursos disponíveis – em outras palavras, uma avaliação dos custos e benefícios do desenvolvimento do turismo em relação às alternativas (ARCHER e COOPER, 1998).

Portanto, uma visão mais equilibrada dos efeitos econômicos do turismo requer uma compreensão mais profunda das questões humanas e sociais que cercam o impacto por ele causado. Isso exige o trabalho conjunto de economistas, sociólogos, cientistas políticos, antropólogos e outros.

## 2.2 IMPACTOS CULTURAIS DO TURISMO

A cultura é um elemento fundamental e faz parte da essência do fenômeno turístico. É ela quem confere a singularidade e a identidade de um povo e a atividade turística é provocadora dessas trocas e relações, promovendo o enriquecimento cultural tanto dos visitantes como dos visitados. Nesse contexto, Ruschmann (1997, p.50), conceitua cultura de um povo como:

[...] os padrões explícitos ou implícitos do comportamento, adquiridos ou transmitidos por símbolos, que constituem o patrimônio de grupos humanos, inclusive sua materialização em artefatos. O aspecto mais importante de uma cultura reside nas idéias tradicionais - de origem e seleção histórica - e, principalmente, no de significado.

De acordo com a OMT (1980), a relação entre os turistas e a população local tem o grande mérito de provocar a paz e o entendimento entre as nações. As razões para viajar a outro país estão associadas ao conhecimento de novas culturas, novos costumes e tradições. Estão precisamente nestas diferenças, de aspecto físico e de comportamento cultural entre o visitante e o residente, as causas do mútuo interesse e de atração que são substituídas por antipatia e agressividade, quando não se constata um processo de planejamento contínuo, que vise garantir a satisfação de ambos.

A massificação do turismo, de certa forma, acelera esse processo, pois, ao concentrar uma grande quantidade de pessoas num determinado espaço e tempo, provoca, inevitavelmente, congestionamentos e conflitos de naturezas diversas. Além disso, o choque cultural ocasionado pelo contato entre turistas e moradores locais pode não ser positivo, pois, no turismo de massa, as camadas sociais de classes inferiores passam a ter acesso às viagens e se deparam com padrões de comportamentos até então nunca vistos e, que segundo, Ratz (2002) “pode conduzir a sérias consequências, como



o efeito de demonstração - a imitação de comportamentos, a mudança de linguagem usada no destino, a prostituição, a droga, o jogo e muitas vezes o vandalismo”.

Estas grandes diferenças culturais podem ocorrer entre países diferentes e, às vezes, entre diferentes regiões do mesmo país. O problema é exacerbado porque os turistas são, por definição, estranhos no destino. Seus códigos de vestimenta e seus padrões de comportamento são diferentes dos adotados pelos residentes e frequentemente diferem até mesmo daqueles que o turista teria no próprio lugar de onde provém. Na condição de estranhos, os turistas são também vulneráveis e se tornam vítimas de roubo e crimes perpetrados pela comunidade local, que pode considerar essas atividades um modo de “refazer o equilíbrio”. (ARCHER; COOPER, 1998)

Ainda segundo os autores (1998, p.92):

Nos locais onde a origem cultural econômica dos turistas é muito diferente da população nativa os resultados do convívio entre os dois grupos podem ser favoráveis, mas a mistura pode acabar sendo explosiva. O chamado ‘efeito demonstração’ da prosperidade em meio à pobreza pode suscitar um desejo entre a população local de trabalhar arduamente para atingir níveis superiores de educação a fim de imitar o modo de vida dos turistas. Por outro lado, em muitos casos, a impossibilidade dos nativos atingirem o mesmo nível de prosperidade pode gerar um sentimento de privação e frustração capaz de encontrar uma saída na hostilidade e até na agressão.

Em relação à citação acima, temos que concordar que no caso de Barra Grande a segunda opção tem prevalecido, pois os moradores sentem-se tão à margem do tipo de turismo que vem sendo praticado na praia, que preferem manter-se isolados em suas próprias casas, por não se sentirem à vontade em compartilhar o mesmo espaço com os visitantes. Além disso, o tipo de turismo que está sendo incentivado é o turismo elitizado, que prima pela prática do *kitesurf* como esporte e acentua as diferenças já existentes. Para o turista ter acesso a praticar o esporte, ele precisa pagar cerca de R\$ 700,00 para fazer um curso de oito horas de duração. Além disso, as roupas e os equipamentos para aluguel custam, em média, de R\$ 40,00 a R\$ 60,00 a diária. Portanto, são valores que não se aplicam a qualquer turista, o que, de fato, mostra a elitização desse turismo em Barra Grande.

Theobald (2002) corrobora com o pensamento de Archer e Cooper (1998) e afirma que as reações da comunidade anfitriã ao fluxo de turistas e as mudanças

decorrentes do turismo têm sido bem diversas, indo de uma resistência ativa até a aceitação passiva plena, e mesmo, a adoção dos padrões culturais dos turistas.

Negativamente, o turismo também pode influenciar na cultura, ocasionando: descaracterização do artesanato; vulgarização das manifestações tradicionais; arrogância cultural e destruição do patrimônio histórico. No entanto, vale ressaltar que impactos positivos também podem ser ocasionados pelo turismo, tais como a valorização do artesanato; valorização da herança cultural; orgulho étnico e valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural.

Em Barra Grande, observa-se que o turismo vem provocando mais impactos negativos do que positivos na sua cultura, com a perda das suas manifestações tradicionais, que atualmente se misturam ao uso abusivo de álcool de drogas, perdendo a essência da tradição.

Com um bom gerenciamento e planejamento do turismo pode-se oferecer um impulso à preservação de culturas antigas, embora com muita frequência o modo de vida local se degenere numa imagem comercialmente organizada da sua essência anterior. As danças tradicionais e o artesanato cedem lugar a imitações baratas para satisfazer às necessidades do visitante e para proporcionar ao residente um rendimento com o menor esforço possível.

Em Barra Grande, as manifestações tradicionais estão, aos poucos, perdendo seu sentido de existir, pois as festas de caráter religioso, por exemplo, estão sendo acompanhadas por uma grande ingestão de álcool, o que se torna uma agressão à religiosidade da comunidade local, onde os aspectos profanos são supervalorizados em detrimento do objetivo da festa. Por exemplo, podemos citar a Festa da Regata dos pescadores, que, segundo os moradores mais antigos, perdeu totalmente seu sentido original.

Nas áreas primitivas e isoladas, a chegada de um número exagerado de turistas pode até mesmo levar as pessoas do lugar a deixarem suas casas e mudarem para outras áreas onde elas podem continuar a viver em paz.

Essa situação ainda não se configura em Barra Grande. Ainda são raros os registros de moradores locais que optaram deixar a praia em decorrência do crescimento do turismo na região. A maioria dos que deixaram a praia tem como motivação a busca de melhores condições educacionais para os filhos.

Portanto, a compreensão das alterações culturais sofridas pela população decorrentes da chegada e expansão da atividade turística é de suma importância e requer a participação dos estudiosos e pesquisadores no assunto, mas, principalmente, do poder público local e da própria comunidade. A atitude da comunidade receptora em relação ao turismo e o grau de satisfação da mesma se refletem na hospitalidade e na qualidade da experiência do turista.

Neste sentido, Theobald (2002) afirma ser imprescindível tal participação, já que o êxito de um destino turístico dependerá, em grande parte de que a população valorize positivamente o papel desempenhado pelo turismo em sua localidade. O autor assinala também que as percepções e as atitudes dos residentes a respeito dos impactos do turismo são considerações importantes na planificação e na política de turismo, para obter o êxito no desenvolvimento, no marketing e no funcionamento de projetos presentes e futuros.

Em relação ao grau de interação da comunidade no processo de desenvolvimento turístico, os autores Mathieson e Well (1982, p.76) identificam cinco estágios da crescente desilusão de uma população receptora com o turismo, referente aos impactos sociais:

1°- *Euforia*, quando as pessoas vibram com o desenvolvimento do turismo. Recebem os turistas; registram-se sentimentos de satisfação mútua. Oportunidades de emprego, negócios e lucro são abundantes e aumentam com o crescimento do número de turistas.

2°- *Apatia*, na medida em que a atividade cresce e se consolida a população receptora considera a rentabilidade do setor como garantia, e o turista é considerado meio para a obtenção de lucro fácil. Contatos humanos mais formais do que no estágio anterior.

3°- *Irritação* se manifesta na medida em que o turismo começa a atingir níveis de saturação ou o local já não consegue atender às exigências da demanda.

4°- *Antagonismo*, na medida em que os moradores não disfarçam sua irritação e responsabilizam os turistas por seus males e pelos problemas da localidade. O respeito mútuo e a polidez desaparecem, o turista passa a ser hostilizado pela população receptora.

5°- *Arrependimento* ocorre quando a população se conscientiza de que, na ânsia de obter vantagens do turismo, não considerou as mudanças que estavam acontecendo e nem pensou em impedi-las. Conviverá com

o fato de que seu ecossistema nunca será igual ao que era antes do advento do turismo.

Os cinco estágios apresentados pelos autores acima são muito interessantes quando são analisados como modelos. Porém, quando tentamos adaptar a teoria no contexto prático, sentimos que há certa rigidez, pois é possível perceber que em uma mesma localidade, grupos sociais encontram-se em diferentes estágios simultaneamente.

A citação de Mathieson e Well (1982), apesar de muito rica, precisa de uma maior flexibilidade, pois na prática se tornaria inviável enquadrar a população de um determinado destino em apenas um dos estágios estabelecidos. Se quisermos fazer uma análise de como se encontra a realidade em cada destino, podemos utilizar diversas variáveis, como o nível de renda, a ocupação, a faixa etária, o tempo de moradia no local, dentre outros, e encontraremos diferentes níveis de estágios acontecendo ao mesmo tempo.

Em Barra Grande, foi apenas com a construção da pousada BGK em 2005 que o turismo passou a ganhar um novo impulso. Com o aumento do fluxo de turistas, não apenas nacionais, como também internacionais, os moradores vivenciaram um momento de extrema euforia e ansiedade, exatamente como descrevem os autores quando relatam as características do primeiro estágio do ciclo. Muitos acreditavam na possibilidade das mudanças positivas que o turismo poderia trazer para a localidade, o que já não condiz com a situação em que boa parte da população se encontra atualmente

De acordo com o resultado das falas dos moradores locais, percebe-se que em Barra Grande a comunidade situa-se em diferentes estágios. Por exemplo, a maior parte dos moradores jovens ainda acredita que o turismo irá ser a grande oportunidade de crescimento econômico de suas vidas, enquadrando-se na fase da euforia. Em geral, os que se encontram eufóricos estão na faixa etária abaixo dos 25 anos. Neste estágio ainda podemos identificar o comportamento dos empresários que vem realizando investimentos na região e se mostram muito otimistas quanto ao retorno a ser obtido com seus empreendimentos, como afirma o proprietário de uma pousada de Barra Grande, M. C. 21 anos:

Nós apostamos muito no crescimento do turismo aqui dessa região de Barra Grande, principalmente com o turista internacional. Esse é o público que queremos atingir e, a cada dia estamos melhorando as

instalações da pousada para atender com mais qualidade os clientes. Eu comecei aqui apenas com 1 bangalô e agora já são 4. Acho que o turismo ainda vai trazer muita coisa promissora e progresso para essa praia. Para mim, como empresário, eu não tenho do que reclamar, porque todo meu investimento está valendo a pena.

Já em relação às autoridades públicas locais, percebe-se certa apatia nas suas atitudes perante o desenvolvimento local e a melhoria de vida da comunidade, uma vez que não há envolvimento direto nos conflitos que vem acontecendo na praia. Segundo relatos de uma antiga moradora e líder da localidade, S. M, 61 anos:

A prefeitura não se interessa pelo turismo daqui. Se não for a gente pra ficar brigando e pressionando todo tempo, eles não fazem nada. Eu já até peguei a fama de ser briguenta porque eu fico lutando e defendendo os interesses da nossa comunidade. A gente fica esperando para que eles façam muita coisa, mas o tempo passa e quase nada acontece.

No entanto, a maior parte da população de Barra Grande já se encontra desanimada, alguns no estágio de irritação, outros de antagonismo, quando o interesse e a motivação pelo turismo já deixou de existir por completo. Esse público é, em geral, formado por pessoas adultas e idosas. Nota-se que há uma relação diretamente proporcional entre os que são de idade mais avançada com o nível de irritação mais elevado, que só sinalizam os impactos ruins trazidos pelo turismo.

O nível de descontentamento de alguns é tão elevado que até obras que foram construídas para melhorar o turismo e também beneficiaram a comunidade local passam a ser criticadas com veemência. Como se vê no depoimento do pescador F.S. quando se refere à estrada de paralelepípedos que foi construída em 2008 para ligar a sede do município de Cajueiro da Praia até a praia de Barrinha e Barra Grande;

O que tem aí é a porcaria dessa praia bem aí, fizeram calçamento nessas ruas de pedra que as pessoas de fora tinham isso como nunca no mundo existe um tipo de calçamento feito de granulado de pedra quebrada na marreta que até mesmo no caminho da Barrinha vindo de Cajueiro da Praia, lá do balão do Cajueiro da Praia até bem aqui já entrando na Barra Grande é todinho daquela pedra quebrada, fatiadinha sabe?! Pois fica igual a um asfalto e quando chega dentro das comunidades você não pode andar descalço que você arrebenta as palmas do pé, é capaz

até de adoecer. Não tem nada que preste. Esse turismo só veio para destruir nossas coisas.

Outra situação que demonstra essa irritação e antagonismo por parte dos moradores locais é o que afirma a ex moradora da praia, H.J., 42 anos:

Com a chegada do turismo, criou-se a Barra Grande dos ricos e a Barra Grande dos pobres, promovendo uma segregação social na localidade, e, como sempre, os pobres é que vão perdendo seu espaço e sua participação em detrimento às forças dos grandes empresários.

Essa realidade é bastante preocupante, no sentido que a consolidação da praia de Barra Grande enquanto importante destino turístico piauiense é recente, ou seja, o processo ainda está em construção e necessita da participação ativa da comunidade local para garantir o seu desenvolvimento de forma sustentável, como será destacado adiante.

Outros benefícios causados pelo turismo à sociedade local são a diminuição do índice de desemprego; melhoria e desenvolvimento de infraestrutura; capacitação da mão de obra; aumento da mão de obra especializada; conscientização e educação da comunidade; autoestima na comunicação pela participação direta; desenvolvimento da estrutura urbana; aumento das atividades de lazer; incremento da qualidade na prestação de serviços; divulgação do município; integração e desenvolvimento regional e contribuição para a paz entre os povos.

Negativamente, destacam-se: o processo de aumento da prostituição; tráfico de drogas; acúmulo de lixo urbano e rural; aumento da poluição, congestionamento e tráfego urbano; exploração do turista; crescimento desordenado e desequilíbrio; aumento da criminalidade e do vandalismo; desconforto e evasão da população local; rejeição do turista pelos residentes; desagregação familiar; doenças; aumento da população sazonal e problemas de infraestrutura básica.

O turismo acarreta transformações diretamente a, pelo menos, três porções do espaço geográfico: sobre os polos emissores de fluxos, os espaços de deslocamento e os núcleos receptores de turistas. Os polos emissores de turistas podem ser transformados especialmente pela emissividade, onde transformações acontecem no plano intangível e/ou no plano material, pela implantação de infraestruturas, da mudança no significado

de infraestruturas preexistentes, de transformações no ritmo cotidiano dos locais, da geração de empregos, entre outras possíveis mudanças decorrentes de um novo arranjo socioespacial requerido pela prática do turismo (FONTELES, 2004).

Em Barra Grande, muitas mudanças espaciais têm acontecido, como afirma o condutor local, D.S, 23 anos:

Com a chegada do turismo ta tendo muita mudança na paisagem urbana e da praia também. Tinham duas ou três casas aqui na frente que foram demolidas e vão dá origem a novos prédios, pousada, supermercado, alguma coisa assim, para atender a esse turista que ta chegando.

Para que uma demanda turística possa se deslocar de seu lugar de origem para um determinado destino turístico, faz-se necessário investir em infraestrutura relacionada ao espaço de deslocamento, como rodoviárias, aeroportos e estradas. Ao longo destes espaços surgem e multiplicam-se equipamentos de restauração, meios de hospedagem e postos de abastecimento, além de outros tipos de serviços como lojas de artesanato local, de *souvenirs*, equipamentos de lazer que podem situar-se às margens das rodovias.

Nos núcleos receptores de turistas ocorrem as maiores transformações em âmbito socioespacial, através da infraestrutura de acesso, urbana, turística e de apoio. O turismo cria novos atrativos nos lugares, mas também se apropria de atrativos preexistentes, como os atrativos naturais (rios, praias, montanhas, etc) e atrativos culturais (patrimônio histórico), atribuindo-lhes novos significados e, muitas vezes, novas feições.

Em Barra Grande, os recursos naturais existentes só passaram a ser explorados recentemente, mais precisamente há cinco anos atrás, quando da criação da primeira associação de condutores, a BARRATUR, que oferta passeios turísticos explorando a biodiversidade e o ecossistema local.

O turismo faz com que as populações nativas das áreas receptoras reinventem o seu cotidiano e, normalmente, nesta reinvenção, a lógica da atividade turística se sobrepõe às tradições locais e à própria identidade da comunidade. Segundo Fonteles (2004, p. 150),

O conceito de identidade se refere a três componentes de experiência compartilhada: 1. Um sentido de continuidade entre as experiências das gerações sucessivas da unidade da população; 2. As memórias compartilhadas de eventos e personagens específicos que constituíam pontos decisivos de uma história coletiva; 3. Um senso de destino comum de parte da coletividade que compartilha essas mesmas experiências.

Como experiência compartilhada, Fonteles (2004, p. 151) destaca que “a identidade é um fenômeno que deriva da relação dialética entre um indivíduo e a sociedade, sendo formada por processos sociais. Assim, pode ser mantida, modificada ou até remodelada pelas relações sociais.”

A entrada do ‘outro’ e o seu reconhecimento pelo ‘eu’ que já se encontra em um determinado lugar, faz com que o mapa local seja redesenhado, reinventando-se o cotidiano. O espaço – territorial e social – vai se modificando. A tradição local é impactada por novos valores, novos símbolos, novas referências, novas expectativas, novas utopias. Assim, é necessário apreender o espaço nas suas diferentes configurações, identificando a articulação do novo com o velho, os momentos de maior ou menor interação e os conflitos mais acentuados. Fonteles (2004) identifica dois elementos que qualificam o ‘antes’ e o ‘depois’: “a ruptura das fronteiras e a ideia de integração.”

Nesse processo, a comunidade tradicional vê brotar em torno de si novas possibilidades de melhoria de vida em todos os níveis, de maneira que ela não consegue deter, não pode impedir – consciente ou inconscientemente – que as transformações ocorram. Tampouco há como negar a atração do novo e do desejo de possuí-lo, de partilhar do bem estar e das facilidades que o moderno proporciona. Nesse contexto emerge a vontade de adotar novos modos de pensar, de fazer, de viver a vida; e a comunidade acata, sim, cada uma no seu próprio ritmo, os novos elementos.

A comunidade, não tendo sido devidamente orientada para enfrentar essa nova realidade, acaba se decepcionando por não conseguir o que imaginava. Por conta disso, monitorar a atitude dos moradores a respeito do turismo torna-se, então, indispensável para o planejamento adequado em uma localidade.



### 2.3 IMPACTOS AMBIENTAIS DO TURISMO

Bolea (1984) aponta que impacto ambiental é a alteração produzida por uma ação ou atividade, seja ela favorável ou desfavorável, no meio ou em alguns componentes do meio ambiente. Segundo o mesmo autor, impacto ambiental significa “a diferença entre a situação do meio ambiente (natural e social) futuro, modificado pela realização de um projeto e a situação do meio ambiente futuro, tal como teria evoluído sem o mesmo.”

A definição acima é, na realidade, embutida de uma lógica do tipo ação-reação. Percebe-se, portanto, certa dificuldade de espelhar a complexidade que a dinâmica ambiental resulta, via de regra, em que muitos autores dessa época apresentam seus conceitos com certo caráter reducionista e estático

Considera-se impacto ambiental quando uma ação ou atividade produz uma alteração no meio ou nos componentes do meio, sua dinâmica e evolução. De acordo com a legislação nacional do meio ambiente, impacto ambiental é:

Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente afetam: a) a saúde, a segurança e o bem-estar da população; b) nas atividades sociais e econômicas; c) a biota; d) as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente e e) a qualidade dos recursos ambientais” (CONAMA, 1988, citado por COSTA, 2006, p. 81).

Neste sentido, a principal dificuldade encontrada na definição de impacto ambiental e, conseqüentemente na sua identificação, consiste na própria delimitação do impacto, já que o mesmo se propaga espacial e temporalmente através de uma complexa rede de interrelações (LA ROVERE, 1990). Assim, os desequilíbrios ambientais muitas vezes têm causa setorial dentro de um conjunto de elementos que compõem a paisagem.

A análise sobre o impacto ambiental é um estudo dirigido a identificar e interpretar as conseqüências ou efeitos ambientais que determinados projetos ou ações podem causar à saúde e ao bem-estar humano e aos ecossistemas. Estes estudos têm uma importância cada vez maior, posto que sejam instrumentos que permitem introduzir os elementos ambientais no planejamento físico e socioeconômico.

Na praia de Barra Grande, nosso objeto de pesquisa, já se percebe uma série de impactos negativos provocados pela presença dos turistas e também pela construção de empreendimentos do setor, o que será visto com mais detalhes no capítulo posterior.

De acordo com Morey (1991), os ecossistemas têm uma determinada capacidade de acolhimento para assimilar certo número de turistas, mas quando se supera o limite dessa capacidade, podem produzir modificações importantes no meio envolvente, que conduzirão, sem dúvida, a uma perda de bem estar, o que caracteriza o impacto, que neste caso, é negativo. Essa preocupação em não exceder a capacidade máxima de receber turista sem provocar danos sérios ao ambiente local vai ser melhor pesquisada nos anos subseqüentes ao estudo de Morey.

Ainda conceituando impacto ambiental, Barreto e Oliveira (1995, p.10) apontam:

Impacto ambiental constitui-se em modificações nas condições ecológicas. Todos os impactos ambientais são provocados por tensores que induzem a diferentes modificações com conseqüência de maior ou menor intensidade. Tensor é qualquer fato ou situação que conduz um sistema a movimentar seus recursos gastando mais energia para manter seu equilíbrio homeostático.

Alvarez (1996, p. 60) complementa:

A discussão sobre os impactos ambientais do turismo em localidades receptoras reporta-se à gama de modificações ou à seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nestas áreas. A construção de empreendimentos turísticos, assim como toda a construção de infra-estruturas (estradas, redes de esgotos e água), comportam diferentes tipos de impactos ambientais, que podem conduzir a graves implicações no meio ambiente natural, através de alterações de paisagem, de estruturações ecológicas e efeitos urbanizadores descontrolados.

Essa discussão mostrada por Alvarez (1996) sobre os efeitos provocados pelo turismo no meio ambiente ganha ainda mais força da década de 90 em diante, quando o turismo de massa que predominava até então, passa a ser estudado e analisado de forma crítica, pois não havia uma preocupação aguçada sobre o controle desse fluxo de turistas e seus impactos ao meio.

Na citação do autor, nota-se uma contradição, pois, o autor afirma que a construção de infraestruturas, como estradas, redes de esgoto e água relacionados ao desenvolvimento turístico causa impacto ambiental. No entanto, a ausência de tal

infraestrutura no turismo talvez possa provocar efeitos ainda piores no meio ambiente e na qualidade de vida da população e dos turistas.

Vive-se de acordo com um modelo de desenvolvimento que necessita *a priori* da exploração dos recursos naturais para produzir bens consumíveis. Assim como as demais atividades econômicas, a chamada “indústria” do turismo funciona sob este sistema que coloca os interesses econômicos acima de qualquer outro interesse, inclusive o ambiental. Neste sentido, “a atividade turística é insustentável, pois consome matérias primas diversas, deixa resíduos e desestabiliza o espaço” (RODRIGUES, 1997, p. 29). Deduz-se então que onde há atividade turística, há degradação ambiental, em maior ou menor intensidade.

No caso de Barra Grande, o turismo tem ocasionado impactos negativos, tais como o excesso de lixo e sua conseqüente falta de tratamento adequado, além do processo de especulação imobiliária, que subestima os recursos naturais locais em nome de um progresso não sustentável.

Os excessos, a má gestão e as falhas no processo de planejamento exercem reflexos determinantes no ambiente dos destinos turísticos. Em muitos desses destinos, a exploração desordenada do turismo exerce pressão sobre o meio ambiente, alterando a sua envolvente e comprometendo seus elementos.

Para Ruschmann (1997, p.42),

O rápido crescimento do turismo a partir dos anos 1950 resultou na degradação ambiental de inúmeros centros turísticos em todo o mundo, ao passo que apontam um crescimento contínuo da atividade, entre 4% e 5% ao ano e, conseqüentemente, os impactos sobre o meio ambiente também se intensificaram.

O desenvolvimento excessivo e planejado de forma equivocada do turismo afeta o ambiente físico dos destinos. Nessa perspectiva ambiental, Ruschmann (1997) registra que nem todas as intervenções do turismo sobre o meio ambiente se traduzem em degradação ou agressão ao meio ambiente. Qualquer mudança social ou econômica pode provocar mutações na relação do homem com seu espaço.

No caso de Barra Grande, a população está se mobilizando na tentativa de salvar seu espaço contra os impactos ambientais advindos especialmente da presença dos

turistas na praia e vem desenvolvendo ações na tentativa de sensibilizar a própria comunidade e os turistas, em especial na contenção do lixo e limpeza do espaço.

Ainda segundo a autora, os benefícios do turismo sobre o meio ambiente podem ser:

Recuperação psicofísica dos indivíduos; utilização mais racional dos espaços e valorização do convívio direto com a natureza; criação de planos e programas de conservação e preservação de áreas naturais, de sítios arqueológicos e, ainda, de monumentos históricos; empreendedores turísticos investem em iniciativas preservacionistas, para manter a qualidade e conseqüente atratividade dos recursos naturais e socioculturais; promove-se a descoberta e a acessibilidade de certos aspectos naturais em regiões não valorizadas, a fim de desenvolver o seu conhecimento por meio de programas especiais (ecoturismo); a renda dessa atividade, tanto indireta (impostos) quanto direta (taxas, ingressos), proporciona as condições financeiras necessárias para a implantação de equipamentos e outras medidas preservacionistas, etc. (RUSCHMANN, 1997, p. 51)

No entanto, o turismo também traz prejuízos ao meio ambiente, tais como: ocupação e na destruição de áreas naturais que se tornam urbanizadas e poluídas pela presença e pelo tráfego intenso de turistas; poluição visual provocada pela construção de equipamentos turísticos que modificam o meio, descaracterizando a paisagem; poluição do ar, provocadas pelos motores, produção e consumo de energia; poluição da água provocada por: descarga de águas servidas *in natura*, bem como falta ou mau funcionamento dos sistemas de tratamento; descargas de esgotos de iates de recreio, óleo e gases emitidos por barcos a motor; poluição sonora; destruição da fauna e da flora.

Em Barra Grande, por exemplo, ressalta-se como impacto negativo provocado pelo turismo, dentre outros, a escassez dos peixes ribeirinhos que foram afastados para o fundo do mar em função da prática do *kitesurf*, provocando alterações no ecossistema local e nos hábitos tradicionais de pesca, conforme veremos em depoimentos mais adiante.

Para Cavalcanti (2000, p. 75),

Os impactos ambientais são causados por agentes que indicam diferentes alterações com conseqüências de maior ou menor intensidade

nos processos naturais, que se constituem em produtos diretos resultantes das atividades antrópicas.

Desta forma, a definição de impacto ambiental expressa por Cavalcanti (2000) contempla melhor esse objetivo de pesquisa, considerando que os impactos têm origem em um processo de mudança e não configuram eventos pontuais resultantes de uma causa específica, como por exemplo, um equipamento turístico ou um serviço. Eles são a consequência de um processo complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores.

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento da localidade, a manutenção da identidade do lugar, a valorização de suas potencialidades ambientais e culturais e a promoção do turismo com baixos efeitos impactantes em relação aos investimentos locais em infraestrutura turística devem ser priorizadas (BENEVIDES, 2002).

Operacionalizar a determinação da capacidade de carga das destinações turísticas é uma estratégia fundamental neste processo de busca por um turismo sustentável, porém uma tarefa muito complexa, pois resulta de um grande número de componentes que determinam a sua qualidade: o regime das chuvas, da fauna etc. Ademais, é preciso determinar a tipologia da frequência e as modalidades da intervenção sobre o espaço (semanal, sazonal ou permanente) e o tipo de lazer praticado, que vai depender do perfil do turista (OLIVEIRA, 2003).

Segundo Dias (2003, p.43), algumas razões que dificultam a operacionalização da capacidade de carga são:

- O ponto de capacidade de carga pode ser visto de forma diferente e conflitante por diferentes grupos;
- No contexto do turismo, a capacidade de carga incorpora dois elementos: O meio ambiente físico e a qualidade da experiência do visitante.
- Os aspectos da capacidade de carga a serem considerados variam de acordo com as características do turista;
- Aspectos físicos; a capacidade de carga física pode ser ampliada por meio do desenvolvimento de equipamentos que diminuam os impactos do uso;
- Aspectos relacionados com os nativos: A comunidade fica exposta a influências externas, às diferenças sócioeconômico-culturais;
- Aspectos sociais: a capacidade de carga social pode ser determinada por fatores como a capacidade das instalações que influenciarão a expectativa dos residentes em relação aos visitantes, podendo aumentar a resistência à vinda dos turistas;

- Aspectos temporais: a capacidade de carga pode mudar com a época do ano, estações etc.

O turismo sustentável, por envolver-se com a problemática dos impactos ambientais, deveria incorporar na sua prática planejamento e zoneamento que determine a capacidade de carga dos ecossistemas envolvidos. Não pode existir sustentabilidade na atividade turística se não houver equilíbrio ambiental. Então, o planejamento contribui para minimizar o impacto ambiental das atividades turísticas, procurando alternativas de recuperação das áreas degradadas e sua conservação. Portanto, quanto maior o desenvolvimento turístico das atrações, maior a probabilidade de elas ultrapassarem sua capacidade de carga.

Assim como acontece em Barra Grande, não existe um limite claramente definido para a capacidade de carga em praias, uma vez que a capacidade desta área depende de elementos culturais e naturais, que variam tanto espacial como temporalmente. Portanto, as formas inferiores e mal concebidas de se desenvolver turisticamente uma localidade podem, muitas vezes, destruir ambientes naturais insubstituíveis, como, por exemplo, muitos recursos naturais que são destruídos para fins particulares e imediatistas.

Em conformidade com Woortmann (1992), vale ressaltar que no turismo os impactos ambientais penalizam com maior intensidade o gênero feminino, que, perdendo suas terras para dar espaço a construção de empreendimentos turísticos, ficam sem ocupação, pois antes utilizavam a terra para a agricultura de subsistência e agora já não a tem como fonte de trabalho e de renda, gerando um problema social para a localidade, o desemprego. O gênero masculino também é impactado, porém com menor força, pois ainda tem o mar para explorar a atividade pesqueira, embora com uma concentração de peixes bem menor, pois o ecossistema também foi alterado em decorrência da atividade turística.

A extensão e a natureza dos danos ambientais e ecológicos causados pelos turistas dependem da forma de ocupação do solo, da magnitude dos empreendimentos e do volume de visitantes, da concentração, do uso, em termos tanto espaciais quanto temporais, da natureza do ambiente em questão e da natureza dos métodos de planejamento e de gerenciamento adotados antes e depois do turismo se desenvolver.

Nesta perspectiva, Leff (1998) discute sobre um conceito muito interessante criado na década de 90 por Mathis Wackernagel para calcular o impacto da ação de cada ser humano sobre a terra, denominando de pegada ecológica. Para o autor, a pegada ecológica é uma maneira racional de se analisar individualmente e coletivamente o resultado das nossas atitudes perante o meio ambiente e o planeta como um todo. Nos destinos turísticos, o impacto ambiental, portanto, poderá ser maior ou menor dependendo da forma de agir de cada turista e de cada uma das pessoas envolvidas com o turismo e seu compromisso com a sustentabilidade do local.

Podemos citar um exemplo de gestão de turismo que tem conseguido excelentes resultados, primando pelos princípios da sustentabilidade, que é a Prainha de Canto Verde, no estado do Ceará, cujo ordenamento turístico respeita os meios ecológico, social, cultural e econômico locais e, acima de tudo, conseguiu encampar a população em prol da causa do turismo (CORIOLANO, 2006).

O que é possível, em cada caso, depende do contexto local e dos objetivos da comunidade receptora. Infelizmente se deu pouquíssima atenção no passado aos desejos da população local. As decisões quase sempre são tomadas pelos políticos e planejadores, levando em conta a percepção do interesse nacional e não do interesse local. E a visão deles é frequentemente influenciada pelas opiniões dos financistas e dos empreendedores, cuja principal preocupação é o lucro de seu investimento.

### 3. A ATIVIDADE TURÍSTICA NO ESTADO DO PIAUÍ

Neste capítulo será feita uma rápida caracterização do turismo praticado no Estado do Piauí, em especial na região litorânea, onde a praia de Barra Grande está situada. Será analisado seu posicionamento mercadológico frente ao mercado nacional e internacional, identificando os principais segmentos. Esta análise utilizará como referência o atual ordenamento regional do Estado, baseado nas premissas do principal programa para o setor do turismo, o Programa de Regionalização do Turismo – PRT, através do qual será apresentada uma breve descrição sobre as regiões turísticas existentes no Estado, destacando suas principais características.

#### 3.1 AS REGIÕES TURÍSTICAS DO PIAUÍ

O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, lançado em 2004 pelo governo federal, propõe a estruturação, o ordenamento e a diversificação da oferta turística no país através de um modelo de gestão de política pública descentralizada, coordenada e integrada.

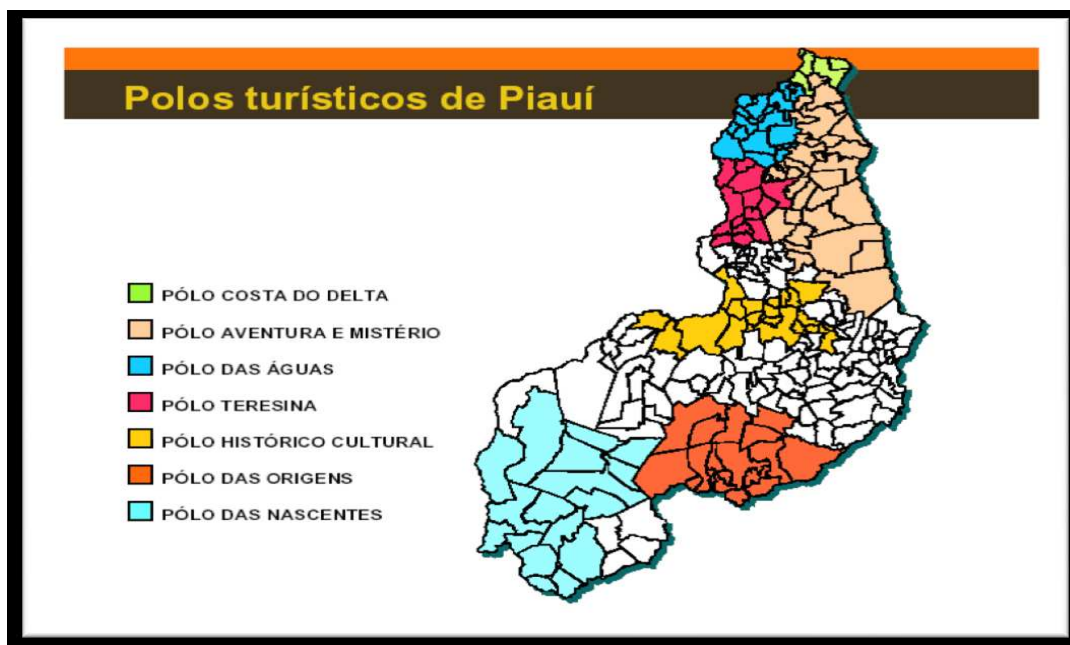


Figura 1 – Mapa da Regionalização do Turismo do Estado do Piauí  
Fonte: Secretaria Estadual de Turismo, 2010



O Estado do Piauí está atualmente dividido em 07 regiões turísticas, a saber: Polo Costa do Delta, Polo das Águas, Polo Aventura e Mistério, Polo Histórico Cultural; Polo das Origens e Polo Teresina (Secretaria Estadual de Turismo, 2010).

### **3.1.1 Região Turística Polo Costa do Delta<sup>1</sup>**

A Região turística Pólo Costa do Delta apresenta inúmeras oportunidades de aventuras e descobertas, como: lagoas, dunas, mangues, rios. Recebe este nome por estar situada na região do baixo Parnaíba, que abrange o litoral piauiense e onde se encontra o produto mais expressivo desta região, o Delta do Parnaíba. Esta região possui 66 km de extensão litorânea e é estratégica para o desenvolvimento do turismo no Piauí, por apresentar atrativos para os segmentos mais expressivos do turismo, dentre eles: turismo de sol e praia, turismo de aventura, turismo náutico, turismo de pesca e o ecoturismo (SETUR, 2010, p.3). Ainda neste capítulo iremos dar um destaque para o turismo nesta região.

### **3.1.2 Região Turística Polo Costa das Águas<sup>2</sup>**

A Região Turística Pólo das Águas recebeu esta denominação pela beleza de suas lagoas, rios e cachoeiras. Mas também é dotada de rico patrimônio histórico e cultural. Em função da rica hidrografia existente, entre os segmentos turísticos potenciais mais expressivos apresentam-se o turismo de pesca, turismo náutico, turismo rural, turismo de aventura e ecoturismo. (Op. Cit, p.5)

### **3.1.3 Região Turística Polo Aventura e Mistério<sup>3</sup>**

---

<sup>1</sup> O Polo Costa do Delta é composto pelas cidades de Parnaíba, Luís Correia, Cajueiro da Praia, Ilha Grande e Buriti dos Lopes.

<sup>2</sup> O Polo das Águas abrange os seguintes municípios: Barras, Batalha, Boa Hora, Caxingó, Campo Largo do Piauí, Cabeceira do Piauí, Esperantina, Joaquim Pires, Joca Marques, Luzilândia, Madeiro, Matias Olímpio, Morro do Chapéu do Piauí, Murici dos Portelas, Nossa Senhora dos Remédios, Porto e São João do Arraial.

<sup>3</sup> O Polo Aventura e Mistério é composto pelas cidades de Bom Princípio do Piauí, Cocal, Caraúbas do Piauí, Cocal dos Alves, São João da Fronteira, São José do Divino, Piracuruca, Brasileira, Piripiri, Lagoa de São Francisco, Castelo do Piauí, Novo Santo Antônio, Boqueirão, Domingos Mourão, Pedro II, Capitão de Campos, Cocal de Telha, Milton Brandão, Jatobá do Piauí, Sigefredo Pacheco, Juazeiro do Piauí, Buriti dos Montes, São João da Serra, São Miguel do Tapuí, Assunção do Piauí, Pimenteiras.

A Região Turística Polo Aventura e Mistério, a maior de todas no Piauí, em número de municípios, abrange 26 (vinte e seis) cidades. Em função dos inúmeros atrativos naturais existentes nesta região como o Cânion do Rio Poty, o Parque Nacional de Sete Cidades, a Serra dos Matões, a Pedra do Castelo, várias cachoeiras, como a cachoeira da Lembrada (Buriti dos Montes), cachoeira das Arraias (Castelo do Piauí), e a cachoeira do Salto Liso (Pedro II), o turismo em áreas naturais é o que mais tem se desenvolvido e fortalecido (SETUR, 2010, p. 7).

### **3.1.4 Região Turística Polo Histórico-Cultural<sup>4</sup>**

A Região Turística Pólo Histórico-Cultural é formada por 21 (vinte e um) municípios localizados na região centro-sul do Estado. A cidade de Oeiras ganha destaque nesta região pelo seu rico patrimônio histórico-cultural, e por a mesma ter sido a primeira capital do Estado. Em muitas cidades dessa região, como Floriano e ainda Oeiras, o turismo religioso se destaca e a religiosidade é muito presente na população destes dois municípios em especial no período da Semana Santa (SETUR, 2010, p. 10).

### **3.1.5 Região Turística Polo das Origens<sup>5</sup>**

A Região Turística Polo das Origens é formada por 18 (dezoito) municípios. A região possui esse nome em decorrência da existência do Parque Nacional Serra da Capivara, considerado o berço do Homem Americano. Esta região turística possui inúmeros sítios arqueológicos e formações rochosas e passou a ser conhecida mundialmente por ter sido lá que foi encontrada a ossada mais antiga das Américas, mostrando que há pelo menos 50.000 anos atrás o ser humano já estaria nesta região (SETUR, 2010, p.14).

---

<sup>4</sup> O Polo Histórico Cultural é composto pelos seguintes municípios: Amarante, Arraial, Barra D' Alcântara, Cajazeiras do Piauí, Dom Expedito Lopes, Floriano, Francisco Aires, Guadalupe, Ipiranga do Piauí, Jerumenha, Nazaré do Piauí, Novo Oriente do Piauí, Oeiras, Picos, Santa Rosa do Piauí, Santana do Piauí, São João da Varjota, Tanque do Piauí, Valença do Piauí, Várzea Grande.

<sup>5</sup> O Polo das Origens abrange os municípios de Canto do Buriti, Tamboril do Piauí, Brejo do Piauí, João Costa, São João do Piauí, Dom Inocêncio, Coronel José Dias, São Raimundo Nonato, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde, Fartura do Piauí, Várzea Branca, Bonfim do Piauí, São Braz do Piauí, Anísio de Abreu, Jurema, Caracol, Guaribas.

### **3.1.6 Região Turística Polo das Nascentes<sup>6</sup>**

Essa região recebeu esse nome por possuir grande riqueza em seu lençol freático, com águas subterrâneas e poços jorrantes que formam piscinas naturais de águas límpidas. O portão de entrada para as nascentes é o município de Corrente. A área possui grande potencial para o ecoturismo e é de grande valor para a conservação da biodiversidade. A região do cerrado piauiense é exemplo pelo desenvolvimento da agricultura, tendo potencial para o agroturismo, turismo rural e o turismo de negócios, e sempre atrai turistas de todo Brasil, alguns inclusive deixam de ser turistas e passam a ser habitantes da região chegando a comprar terras neste local. Por esse motivo a cultura local está se mesclando com outras, como a gaúcha (Op. Cit, p.17).

### **3.1.7 Região Turística Polo Teresina<sup>7</sup>**

Esta é uma região cujo segmento de turismo de eventos e negócios mais tem se destacado, em especial na cidade de Teresina. Além deste, outro segmento que vem crescendo significativamente é o turismo de saúde, em função da existência de grandes clínicas e hospitais que atendem principalmente pacientes provenientes do interior do Piauí, Maranhão, Pará e Tocantins.

É importante destacar que os municípios piauienses que fazem parte do Programa de Regionalização do Turismo são contemplados com injeção de recursos ou com o apoio e assessoramento de técnicos locais e federais na construção de um turismo sustentável, como exemplo os projetos que vem sendo financiados pelo PRODETUR NE II/MTUR: Elaboração do Plano Diretor de Resíduos Sólidos; Projeto de Apoio Turístico e Urbanização do Porto dos Tatus; Urbanização da Orla da Praia de Atalaia;

---

<sup>6</sup> O Polo das Nascentes é composto pelos seguintes municípios: Cristalândia do Piauí, Sebastião Barros, Parnaguá, Corrente, Riacho Frio, São Gonçalo do Gurguéia, Barreira do Piauí, Gilbués, Monte Alegre, Redenção do Gurguéia, Bom Jesus, Santa Filomena, Baixa Grande do Ribeiro, Currais, Santa Luz, Cristino Castro, Palmeiras do Piauí.

<sup>7</sup> O Pólo Teresina possui 20 municípios são eles: União, Lagoa Alegre, José de Freitas, Campo Maior, Teresina, Altos, Coivaras, Pau D'arco do Piauí, Demerval Lobão, Lagoa do Piauí, Beditino, Curralinhos, Monsenhor Gil, Miguel Leão, Nossa Senhora de Nazaré, Barro Duro, Santa Cruz dos Milagres, Alto Longa, Novo Santo Antonio, Miguel Alves. (SETUR, 2010; p.21)

Elaboração do Plano Diretor Participativo de cada município; Execução do Plano de Fortalecimento da Capacidade Municipal para a Gestão do Turismo; Controle Ambiental das Dunas da Lagoa do Portinho; Elaboração da Base Cartográfica; Elaboração do Projeto de Desenvolvimento Institucional/DI - Órgão Gestor do Turismo ; Implantação do Sistema de Esgotamento Sanitário de Parnaíba; Obra, Estudo e Elaboração do Projeto Executivo e Complementares da Adequação do Sistema Viário e Drenagem Urbana de Barra Grande e Cajueiro da Praia, dentre outros.

Todos os municípios piauienses apresentam precariedades quanto aos aspectos estruturais, bem como à prestação de serviços de uma maneira geral. São, em geral, problemas relacionados ao planejamento urbano dos municípios, como saneamento básico, precariedade nos serviços de saúde, educação, estradas, etc. Apesar de iniciativas estaduais, federais, municipais e apoio de órgãos como o SEBRAE PI e o Governo do Estado já estarem acontecendo em prol dessa melhoria, ainda há muito por ser feito.

No Estado do Piauí, o turismo, só há poucos anos foi reconhecido e encarado como política pública de interesse estadual, assim como tem acontecido em grande parte dos destinos brasileiros. A criação da Secretaria Estadual de Turismo em 2007 é um símbolo desse novo momento que o turismo piauiense está vivendo. As carências e deficiências ainda são muitas, em especial no que se refere ao volume de recursos destinados à pauta do turismo no Estado. Nos últimos quatro anos, os investimentos por parte do tesouro estadual e projetos para o setor turístico somam mais de 64 milhões de reais. Para o Estado esse valor já é um grande avanço, mas se comparado com os demais estados nordestinos do Ceará, Pernambuco, Maranhão e Bahia, por exemplo, ainda assim é muito pouco e até insignificante.

Destarte, é preciso que o *trade* local se articule e aja de forma pró-ativa, sem esperar que o governo tome as iniciativas, como afirma o proprietário de uma agência de viagens situada no litoral J. V.:

Um dos maiores problemas que vivenciamos no turismo do Piauí é a falta de senso de cooperação e parceria entre os empresários, que, muitas vezes, agem de forma individual e só se vêem uns aos outros como concorrentes e não como possíveis parceiros, para agregar forças e buscar o fortalecimento dos nossos destinos no mercado nacional e internacional.

Os empresários que representam o turismo do Piauí ainda se comportam de forma individualizada olhando apenas para o desempenho interno da sua organização e não para o desenvolvimento do destino como todo. O turismo piauiense já vivencia um estágio de maturidade se comparado a algumas décadas atrás, mas é imperativo o compromisso do setor privado em busca do turismo que queremos.

### 3.2 TERESINA: O PORTÃO DE ENTRADA

Embora localizada na região norte do Piauí- numa área conhecida como Meio Norte, Teresina, única capital do nordeste a situar-se no interior, a 350 km do litoral, é favorecida pela característica de se encontrar num importante entroncamento rodoviário do nordeste, que interliga seus estados à região norte, e facilita a comunicação com os principais centros urbanos das regiões sudeste e centro-oeste. (Prefeitura Municipal de Teresina, 2010, p. 5)

O município é banhado por dois grandes rios: o Parnaíba e o Poti. Teresina se encontra em uma situação privilegiada quanto aos recursos hídricos, pois está situada na grande bacia do Parnaíba. Quanto aos mananciais hídricos subterrâneos, estes são também consideráveis, com excelentes condições de aproveitamento, com água em geral, de muito boa potabilidade (Op. Cit, p. 6).

Situada em zona de latitude baixa e nos limites da área semiárida do nordeste brasileiro, o município apresenta clima tropical, dos mais quentes do Brasil e sub úmido do tipo seco. Por situar-se muito distante do litoral do estado do Piauí e, estando em um grande entroncamento rodoviário, Teresina ocupa posição privilegiada para seu desenvolvimento, que contribui para exercer certa influência econômica regional – particularmente nos setores de serviços e no comércio – abrangendo grande parte dos estados vizinhos. Um dos setores mais relevantes para a economia local, que se constitui num verdadeiro pólo regional é o setor de saúde, que, mesmo tendo participação importante em termos de emprego e de renda, ainda não se estabeleceu como uma cadeia produtiva consolidada.

O turismo de negócios e de eventos, embora tenha crescido muito nesses últimos anos, juntamente com a rede hoteleira, ainda não se firmou como um setor que venha se constituir numa forte cadeia produtiva. Para isso, faz-se necessário dotá-lo de uma melhor infraestrutura.

Teresina não apresenta características típicas de uma cidade turística, porquanto, não se localiza no litoral – ou seja, além de não ter praia, também não é dotada de um patrimônio histórico relevante. Também não se identifica na capital do Piauí algo que é fundamental para o desenvolvimento do turismo, que é uma forte identidade cultural (Prefeitura Municipal de Teresina, 2010, p. 10).

Contudo, por não ter características próprias de uma cidade turística, Teresina tem sido considerada uma capital apropriada para a realização de eventos. Às vezes, muitos desses eventos deixam de se realizar em Teresina em razão da ausência de um auditório com capacidade adequada para receber eventos de grande porte.

Em relação à sua capacidade hoteleira, até 2008, a quantidade de leitos existentes era satisfatória, porém, considerado o ritmo acelerado de crescimento que a capital vem passando atualmente a oferta de leitos já está aquém da demanda. Apesar da deficiência em termos quantitativos, os serviços hoteleiros prestados ao visitante são considerados satisfatórios quanto à sua qualidade.

<b>Tipos</b>	<b>MH</b>	<b>(%)</b>	<b>Uhs</b>	<b>(%)</b>	<b>Leitos</b>	<b>(%)</b>
Hotéis	33	89,2	1232	82,5	2672	85,8
Pousadas	1	2,7	83	5,6	154	4,9
Flats	3	8,1	179	12	289	9,3
<b>TOTAL</b>	<b>37</b>	<b>100</b>	<b>1494</b>	<b>100</b>	<b>3115</b>	<b>100</b>

Tabela 2 - Capacidade de Hospedagem de Teresina

Fonte: Fundação Cepro / 2009 (MH – Meio de hospedagem/ UH- Unidades de hospedagem)

A cidade de Teresina funciona como o portão de entrada para se conhecer os principais produtos turísticos do Estado, uma vez que sua estrutura de atendimento e receptividade para atender o turista é a melhor. Além disso, apenas na capital Teresina é que se registram operações regulares para o transporte aéreo. O aeroporto local, embora

não seja de padrão internacional, possui as companhias TAM, GOL e AZUL ofertando vôos regularmente para as principais cidades e capitais do Brasil.

Embora não seja percebida e reconhecida com um destino turístico de destaque pela grande maioria dos brasileiros, quando o turista opta por conhecer os principais destinos piauienses, Delta do Parnaíba e Parque Nacional Serra da Capivara, quase sempre, o roteiro se inicia por Teresina. Teresina ainda apresenta como atrativos turísticos, além dos prédios que compõem seu patrimônio histórico-cultural material, a sua rica culinária e artesanato.

A cozinha tradicional piauiense tem como seus principais pratos típicos: o baião de dois, maria izabel, paçoca, carneiro ao molho, capote com arroz, galinha caipira, etc. O artesanato teresinense, cujos principais segmentos são a cerâmica, a arte santeira, o bordado e a tecelagem, também é um importante elemento agregador do turismo local (Prefeitura Municipal de Teresina, 2010, p. 17).

Atualmente, a região turística Polo Teresina vem sendo contemplada com projetos do SEBRAE PI, que desenvolvem ações de planejamento e promoção turística para a capital e seu entorno, como o roteiro turístico denominado “Entre Rios”, o qual busca integrar as cidades pertencentes ao Polo de forma roteirizada. Além disso, está planejado para Teresina a operação de um roteiro que valorize o turismo cultural da capital. Tal roteiro foi elaborado pela turismóloga e pesquisadora Angélica Learth, que pretende despertar no teresinense e no turista que visita a capital o interesse em conhecê-la melhor e descobrir suas riquezas culturais. A capital também faz parte dos três roteiros turísticos oficiais do Estado do Piauí: “Piauí Surpreendente”, “Piauí: Surpresa, Aventura e Mistério” e “Serra da Capivara: terra de aventura e pré-história” e é um dos 65 destinos indutores do Programa de Regionalização do Turismo, o que lhe confere uma maior valorização turística local junto aos órgãos competentes.

A gestão do turismo na cidade de Teresina é desenvolvida pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo- SEMDEC, através da Coordenação Municipal de Turismo, que vem planejando e executando ações em prol do turismo na capital, com destaque para os segmentos turismo de saúde, turismo de negócios e eventos e turismo cultural, ainda que este último de forma tímida. Por fim, não se pode pensar no desenvolvimento turístico do Estado sem contemplar a capital Teresina, que simboliza o principal ponto de apoio para quem decide conhecer os destinos piauienses.

### 3.3 O LITORAL DO ESTADO E O TURISMO



Figura 2 - Mapa Rodoviário do litoral do Estado do Piauí  
Fonte: DNIT, 201

Por conta da sua situação privilegiada, a região turística Pólo da Costa do Delta figura com destaque no turismo do Estado, como destacam Cavalcanti (2000), Costa (2006) e Carvalho (2010). O litoral piauiense, aliado ao Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no sul do Estado constituem os principais destinos turísticos do Estado que garantem ao Piauí manter-se competitivo no mercado turístico nacional e internacional.

Como foi visto, o Polo Costa do Delta é composto pelos municípios de Parnaíba, Ilha Grande, Buriti dos Lopes, Luis Correia e Cajueiro da Praia (onde se situa a praia de Barra Grande). Esta região é estratégica para o desenvolvimento do turismo no Piauí, por apresentar atrativos para os segmentos mais expressivos do turismo brasileiro. Segundo a pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), para o MTur, no ano de 2006, a maior parte dos turistas brasileiros (42,1%) tem o lazer como motivação principal de suas viagens domésticas. Destes, 68,1% apresentam como



motivação específica a categoria de sol & praia e 4,1% o ecoturismo (PDITS Polo Costa do Delta, 2009).

Os índices, portanto, reforçam o valor turístico deste Polo, haja vista a predominância do turismo em espaços naturais e, em especial, costeiros. Observa-se no litoral, locais ainda “selvagens”, característica bastante apreciada por ecoturistas e cada vez mais fora do padrão litorâneo brasileiro, como pode-se verificar no depoimento da turista vinda do Estado de São Paulo C.G., 38 anos:

O litoral do Piauí tem uma beleza muito singular, que chama a atenção de qualquer turista que se interesse por locais que ainda não fazem parte desses destinos turísticos já muito frequentados. Em muitas praias do litoral piauiense, a natureza ainda se mostra com características de um local virgem e totalmente inexplorado, o que me encanta profundamente.

Este Polo também está inserido no Projeto de Roteiros Integrados – Ceará, Piauí e Maranhão, a Rota das Emoções, cujo objetivo é desenvolver produtos e roteiros turísticos de integração dos destinos de Jericoacoara, Delta do Parnaíba e Lençóis Maranhenses. Para promover a gestão desse roteiro foi criada a Agência Reguladora de Desenvolvimento Sustentável - ADRS, cuja sede é no município de Parnaíba e que conta, ainda, com o apoio do SEBRAE, dos governos dos três estados e do governo federal, através do Ministério do Turismo<sup>8</sup>.

O Delta do Parnaíba é o produto de maior visibilidade do Polo e está localizado entre os Estado do Piauí e Maranhão, nos municípios de Parnaíba, Ilha Grande e Luís Correia (PI), Araióses e Tutóia (MA). O Delta é constituído por mais de setenta ilhas fluviais em cinco braços do Rio Parnaíba, e é o único em mar aberto das Américas (Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável - PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.22).

---

<sup>8</sup> A Rota das Emoções é uma iniciativa dos governos estaduais do Ceará, Piauí e Maranhão, com o apoio do SEBRAE. Foi criada em 2004 como resultado das ações roteirizadas propostas pelo Ministério do Turismo e tem como objetivo ofertar um roteiro integrado compreendendo três importantes destinos turísticos brasileiros: os Lençóis Maranhenses (MA), o Delta do Parnaíba (PI) e Jericoacoara (CE). Ainda permanece em funcionamento até os dias atuais, porém com restrições por parte do Estado do Maranhão, que não quer manter sua participação por questões políticas locais.

O passeio ao Delta do Parnaíba já é comercializado por diversas agências receptoras de Parnaíba, que, apesar de cientes da fragilidade ambiental desses locais, ainda deixam a desejar no que diz respeito ao impacto ambiental de suas atividades, como, por exemplo, no que se refere ao tratamento destinado aos resíduos deixados pelos turistas durante o passeio (Op.Cit, p.25).

Parnaíba, como principal cidade do Polo e também considerada a segunda maior do Estado, atualmente com 141 mil habitantes (IBGE, 2007), serve como porta de entrada para todo o litoral, uma vez que apresenta a melhor estrutura para o turista desta região. O desenvolvimento turístico do Polo Costa do Delta tem ganhado um impulso especial nos últimos dez anos, principalmente por Parnaíba ter sido eleita cidade indutora<sup>9</sup> do turismo nacional pelo Ministério do Turismo, através do PRT. O turista que esteve no litoral piauiense há uma década percebe os impactos positivos nos setores social, econômico, cultural e no meio ambiente natural.

Como cidade indutora, Parnaíba estimula o desenvolvimento turístico de outros destinos vizinhos, como o município de Cajueiro da Praia, que vem de destacando pelo seu crescente fluxo turístico, em especial por conta da praia de Barra Grande, que está localizada neste município.

O desenvolvimento do turismo na Costa do Delta deve dar uma contribuição fundamental para inserir o Estado do Piauí no mapa turístico nacional, além de contribuir para melhorar as condições de vida na região, por meio dos investimentos em infraestrutura, capacitação e conservação ambiental, das oportunidades de emprego e geração de renda decorrentes do processo. Poderá ainda contribuir para a consolidação de roteiros regionais que incluam os estados vizinhos do Maranhão e do Ceará, estendendo a eles os benefícios do desenvolvimento do turismo (PDITS Polo Costa do Delta,2009, p.29).

Apesar da cidade de Parnaíba dispor da melhor estrutura e serviços turísticos, outros municípios como Luís Correia e Cajueiro da Praia são privilegiados em atrativos naturais. Ilha Grande oferece como principal atrativo o Porto dos Tatus, de onde saem excursões para conhecer o delta do Rio Parnaíba (Op. Cit, 2009, p.138).

---

<sup>9</sup> Em 2008, o Ministério do Turismo, através do Programa de Regionalização do Turismo, selecionou cidades brasileiras que formaram os 65 destinos indutores do turismo no Brasil. No Piauí, além de Parnaíba, as cidades de Teresina e São Raimundo Nonato também fazem parte. De acordo com o MTUR, esses 65 destinos recebem prioridade nos investimentos do turismo nacional, por apresentarem características de se tornarem produtos turísticos internacionais para serem comercializados internacionalmente.

Como mencionado, Cajueiro da Praia é outra cidade do litoral do Estado e também apresenta uma boa quantidade de praias, que são Barrinha, Sardim, Morro Branco, Cajueiro da Praia, Ilha das Ganas, das Graças, da Lagoa das Pemas e Barra Grande. Algumas ainda praticamente desabitadas, com destaque para Barra Grande, um dos principais centros de esportes a vela como *windsurf* e *kitesurf* do país. O município também apresenta infraestrutura inadequada nos serviços de saúde, alimentação, comércio, transportes, como será detalhado adiante, e possui uma forte dependência dos serviços e da estrutura de Luís Correia e Parnaíba. Sua população estimada é de 6,9 mil habitantes (PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.22).

A observação de fauna também é um importante atrativo da região, em especial na praia de Cajueiro da Praia. Na sede municipal pode ser encontrada uma considerável população de peixes-boi marinho (*Trichechus manatus manatus*), espécie em extinção e um dos principais motivos pelo qual foi criada a APA do Delta do Parnaíba e, em 1994, uma unidade do Projeto Peixe-boi.

Nos passeios de barco no Delta e em outros locais como Barra Grande é possível conhecer espécies típicas do mangue, um dos principais ecossistemas da região, como o caranguejo, que serve de coleta para autosubsistência da população de Barra Grande e o cavalo marinho. Dependendo da época do ano pode-se também observar jacarés, macacos e uma grande diversidade de pássaros (PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.23).

Luís Correia, com cerca de 26 mil habitantes, é a segunda maior cidade da região, e o destino mais procurado por turistas de sol e praia, em função da sua grande oferta de praias, algumas com uma capacidade satisfatória de atendimento ao turista. Localiza-se a 25 km de Parnaíba, em direção a Cajueiro da Praia. Suas praias são Atalaia, Coqueiro, Peito de Moça, Coqueiro, Arrombado, Carnaubinhas, Maramar e Macapá.

As praias de Luis Correia, em especial Atalaia e Coqueiro são as que registram os maiores índices de visitantes, por serem as mais tradicionais. No entanto, nos últimos cinco anos tem despontado no litoral piauiense a praia de Barra Grande. Embora não haja registros sobre a quantidade de turistas que visitam a praia, seu fluxo cresce de forma exponencial a cada ano, o que já é um motivo de preocupação, pois, assim como acontece nas praias de Luis Correia, em Barra Grande a estrutura receptiva local já se mostra deficiente para atender a demanda, em especial nos meses de Julho e Janeiro.

Quanto aos aspectos estruturais referentes ao turismo do litoral piauiense, a região da Costa do Delta dispõe de um único aeroporto, em Parnaíba. O aeroporto localiza-se a aproximadamente 4 km do centro, com acesso pela rodovia PI 116 em relação aos demais municípios do Polo, e a destinos turísticos como Camocim e Jericoacoara, no Ceará, e os Lençóis Maranhenses. O aeroporto encontra-se em uma posição privilegiada, com potencial para converter-se em um portal de entrada para toda a região, porém, atualmente não oferta nenhum voo regular das companhias nacionais que operam no Estado do Piauí, TAM, GOL e AZUL. A única movimentação do aeroporto é em receber esporadicamente voos fretados de países europeus e voos regionais eventuais.

A ausência de dados estatísticos e estudos completos e atualizados sobre a demanda turística que visita o litoral do Estado e o mercado turístico como um todo talvez seja um dos fatores que até o momento não suscitou o interesse das companhias aéreas em analisar a viabilidade de operacionalizar voos para Parnaíba. Os únicos estudos existentes sobre o turista que visita o Polo Costa do Delta foram desenvolvidos pela Fundação CEPRO no período de 2002 a 2008, cuja análise é direcionada apenas aos aspectos qualitativos sobre os serviços prestados, não mensurando a evolução na quantidade de turistas no litoral piauiense nos anos pesquisados.

A demanda turística que tem visitado o litoral do Piauí nos últimos tem se beneficiado com a oferta de roteiros integrados, como a Rota das Emoções. A análise da integração do Pólo Costa do Delta com os demais roteiros comercializados leva em consideração os pacotes operacionalizados atualmente, os dados da pesquisa de demanda referentes aos locais visitados pelos turistas, as iniciativas de integração observadas na região e a situação do litoral piauiense no mercado nacional de roteiros turísticos (PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.29).

Inicialmente, deve-se salientar o trabalho das operadoras de receptivo locais no sentido de formatar roteiros “flexíveis”, conforme as motivações dos turistas que já se encontram na região ou das operadoras de outros locais que objetivam integrar o Pólo aos seus roteiros normalmente praticados.

A praia de Barra Grande também faz parte de roteiros integrados, pois está situada na APA do Delta do Parnaíba, o que faz com que a sua visita seja incluída na programação para quem conhece o Delta. Esta participação da praia de Barra Grande como parte do percurso do roteiro integrado Rota das Emoções é vista de forma positiva

por parte dos empresários, que acreditam que esse roteiro colabora com o incremento do fluxo turístico para o litoral do Piauí, em especial quando se trata de turistas vindos de regiões distantes, uma vez que agrega três importantes destinos turísticos nacionais em um único roteiro. De acordo com o empresário J.V.:

A criação do Roteiro Integrado foi uma iniciativa muito importante para os três estados, mas principalmente para o Piauí, uma vez que os Lençóis Maranhenses e a praia de Jericoacoara já são produtos consolidados no mercado e se vendem sozinhos. E, com a participação no roteiro, o Delta do Parnaíba se beneficia muito. Além disso, é bem mais interessante para o turista conhecer três produtos turísticos do que um só e assim todo mundo ganha.

Além disso, o principal portão de entrada do Estado do Piauí, atualmente, é a capital Teresina, distante 340 km do Polo. Dessa forma, justifica-se a necessidade de integração com outros roteiros, sejam dos Estados vizinhos (Ceará e Maranhão) ou demais destinos do próprio Estado.

Em média, o valor da passagem aérea saindo de São Paulo para Teresina custa cerca de R\$ 1.100,00 (trecho ida e volta) e de Teresina para Parnaíba via transporte rodoviário a passagem custa R\$ 55,00 cada trecho. Os valores de hospedagem situam-se na faixa de R\$ 160,00 o apartamento duplo nos destinos do litoral, como Parnaíba, Luís Correia e Barra Grande. Em Teresina, o valor é similar. Os custos com refeição variam entre R\$ 20,00 e R\$ 50,00 por pessoa, tanto na capital como no litoral.

De acordo do PDITS Polo Costa do Delta (2009, p. 32), vários são os fatores limitantes ao incremento e ao desenvolvimento da atividade turística na região da Planície Litorânea. Dentre os fatores de caráter físico e biótico pode-se destacar:

- o risco de assoreamento dos rios decorrente do desmatamento das matas ciliares para cultivo agrícola e para ocupação urbana ilegal e desordenada;
- o risco de abastecimento de água potável em função do uso irracional e da poluição ambiental por resíduos sólidos e líquidos;
- a falta de repovoamento de rios e lagos com alevinos para proporcionar aumento da população piscícola;
- a degradação e perda de habitats naturais, que resulta na redução da flora e da fauna;
- o desrespeito ao período de defeso da pesca e acasalamento do caranguejo, ameaçando os estoques deste recurso;

- a pesca predatória com utilização de arrastões pelos barcos pesqueiros e de redes com malha fora da especificação permitida, que ameaça os estoques pesqueiros;
- a alta densidade de ocupação urbana no litoral, principalmente por assentamentos ilegais e desordenados;
- ocupação e destruição das áreas costeiras alagáveis, principalmente manguezais;
- a carcinicultura sem apoio técnico;
- e, como fator principal, o desconhecimento da importância dos recursos naturais e do valor socioeconômico e cultural da produção ecologicamente correta por parte da população local.

Em Barra Grande, por exemplo, o ecossistema local muito tem sido afetado pela dinâmica do turismo, como podemos ver no depoimento do pescador. F.S.:

Hoje só tem a água porque ela vai e daqui a pouco volta. Caçar, pescar é a mesma coisa. Mas você não vai caçar chegando na mata e dizendo “vem, vem, vem” que você não vai pegar nada e é a mesma coisa que vai acontecer se você gritar pelo peixe na praia. Ele desapareceu (o peixe), o turista entrando, pisando. O pescador ele é pescador e caçador acoplado, ao mesmo tempo. Ele pisa lentamente, joga a tarrafa, sempre naquela medida, e não joga pra todo lado é só naquele ritmo e aí ele vai procurando, fazendo as enseadas que ele sabe e aí ele não bate, tem vez que ele bate e cai no chão assim com força, lá longe ele nota que o peixe correu. Avalia entrando 20, 30 pessoas entrando, pulando de qualquer jeito todo sujo dessas pasta que botam no corpo sabe? Não dá mais peixe nessa praia.

Essa questão exposta pelo pescador é preocupante, pois compromete a subsistência e a identidade alimentar, além da sustentabilidade ambiental, e, como consequência também, restringe as opções de sobrevivência local, que se vê impactada diretamente pela presença dos visitantes.

Ainda com relação a fatores socioeconômicos, há que se destacar a falta de estrutura e serviços turísticos, seja do ponto de vista da quantidade de estabelecimentos de hospedagem, alimentação e de operadores turísticos, hoje bastante reduzida, seja do ponto de vista da qualidade destes serviços, que não atende aos padrões exigidos pelo mercado atual (PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.32). Tal caracterização é uma realidade em todos os destinos turísticos componentes do Polo Costa do Delta, inclusive na praia de Barra Grande, como será visto no capítulo posterior.

No aspecto cultural, cabe destacar o risco de descaracterização cultural das comunidades receptoras, decorrente da mudança de padrões de comportamento em função do contato com turistas e da introdução de novos modos de vida no ambiente tradicional litorâneo. Este processo muitas vezes ocasiona o abandono de práticas tradicionais como o artesanato e a pesca artesanal, principalmente entre a faixa mais jovem da população, comprometendo a continuidade destas tradições.

Em Barra Grande a situação é exatamente essa. De acordo com o depoimento do condutor local e filho de pescador D.S, 23 anos:

Ao invés de pescar, os pescadores estão aderindo ao turismo comunitário. Eles estão organizando um quartinho, fazendo um chalezinho na própria casa e alugando pras pessoas que vem de fora e muitas vezes a gente procura peixe e não encontra. O pescador agora quer andar é de moto.

Se essa realidade já se aplica ao pai, que é o antigo pescador, os filhos terão muito menos interesse em continuar seguindo os hábitos e costumes de antes, o que sinaliza um alerta para a comunidade, que pode perder em definitivo sua atividade mais tradicional, que é a pesca, que, atualmente se restringe apenas aos que possuem embarcações adequadas para pescar em alto mar.

Percebe-se, portanto, a diferença no comportamento das diferentes gerações. A Barra Grande que os mais antigos vivenciaram já não existe mais, tudo vem sendo modificado: os setores produtivos, os aspectos ambientais e paisagísticos e, principalmente a atitude dos moradores. Os mais novos já não conseguem manter nenhuma identidade com a “saudosa Barra Grande”, como afirma o pescador de 65 anos, S. Francisco. Muitas mudanças foram introduzidas e, o turismo, provoca a aceleração dessas transformações.

No que tange a capacidade de atender o turista, podemos notar que entre os municípios do Polo Costa do Delta, apenas Parnaíba oferece condições mínimas de assistência médico-hospitalar. Em Luís Correia há apenas um hospital com capacidade aquém das exigências mínimas para oferecer à população já existente. Nos municípios de Cajueiro da Praia e Ilha Grande há carência total em relação ao atendimento hospitalar. Esta situação sugere a existência de um quadro insatisfatório para atender o

turista, já que a própria população local não conta com condições aceitáveis em relação à capacidade de atendimento na área da saúde (PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.39).

Na região onde estão incluídos os municípios de Cajueiro da Praia, Ilha Grande, Luís Correia e Parnaíba os dados apresentados sobre o destino do lixo são preocupantes, uma vez que não há tratamento adequado para os resíduos sólidos, pois, a maioria é despejada a céu aberto, assim como também ocorre na praia de Barra Grande.

Associado à precariedade do serviço de saneamento básico na região, a ausência de tratamento adequado do lixo contribui para a redução da qualidade de vida das comunidades desses municípios. Do ponto de vista do turismo, o lixo é também um fator de depreciação da qualidade dos atrativos e do destino como um todo, comprometendo a percepção de qualidade do visitante.

Com exceção de partes das áreas urbanas dos municípios de Parnaíba e de Luis Correia, constata-se a inexistência de saneamento ambiental para provimento de condições de salubridade e bem estar da população, e trazendo riscos à preservação dos recursos naturais. Não existem redes coletoras de esgoto sanitário no município de Cajueiro da Praia, utilizando-se fossas/sumidouros, ainda inexistentes em muitas áreas, constituindo um problema de saúde pública.

Dentre os problemas ambientais diretamente associados ao turismo podemos citar ainda, além do acúmulo de lixo em pontos de visitação, o impacto causado por embarcações (poluição com óleo, por exemplo) e procedimentos inadequados, tais como a falta de armazenamento e tratamento adequado para o lixo gerado nos passeios pelo Delta do Parnaíba, e alterações na paisagem original por meio da ocupação da faixa de praia por casas de veranistas. Além disso, não existem redes coletoras de esgoto sanitário no município. A solução utilizada, na maioria dos casos, é a construção de fossas/sumidouros que, mesmo sendo facilitada pela grande permeabilidade do solo, ainda é inexistente em muitos domicílios. Porém, é preciso destacar que essas construções comprometem o lençol freático da região.

Na praia de Barra Grande tem se verificado muita mudança na sua orla após a chegada dos hotéis e pousadas. O que até cinco anos atrás era apenas mar, com algumas pequenas casas, hoje deu espaço para a construção desses empreendimentos hoteleiros. Além disso, os terrenos situados na faixa de praia vêm sendo procurados por muitos investidores de fora da localidade, brasileiros e estrangeiros.



Estes impactos já se mostram de grande significância, configurando-se um motivo de preocupação caso o crescimento no fluxo de turistas não seja acompanhado por obras de melhoria de infraestrutura e serviços básicos, e a conscientização da população local e do turista a respeito da conservação das paisagens naturais.

Por fim, o litoral do Piauí constitui uma unidade territorial funcional, na qual a cidade de Parnaíba desempenha o papel de centro de apoio principal para a realização das atividades sociais, econômicas e de serviços de toda essa região. As praias do litoral piauiense ainda são bastante desconhecidas em relação às do Ceará, por exemplo. Entretanto, ao longo de 66 km de extensão, mantêm seus ecossistemas litorâneos e suas águas com elevado grau de preservação e balneabilidade, evidenciados pela manutenção de condições bem primitivas de suas paisagens naturais, o que comprova seu elevado potencial turístico.

## 4. O TURISMO NO MUNICÍPIO DE CAJUEIRO DA PRAIA

### 4.0.1 Caracterização social e geográfica

O litoral do estado do Piauí ocupa 66 km de extensão da faixa litorânea brasileira. O município de Cajueiro da Praia está localizado no extremo nordeste do estado do Piauí a 402 km da capital, Teresina. É limitado ao Norte pelo Oceano Atlântico, ao sul e a oeste pelo município de Luis Correia, fazendo fronteira a leste com o estado do Ceará. O município foi criado pelo desmembramento de 281,75 km<sup>2</sup> do território do município de Luís Correia, por meio do Decreto n°. 4.810 de 27 de dezembro de 1995.

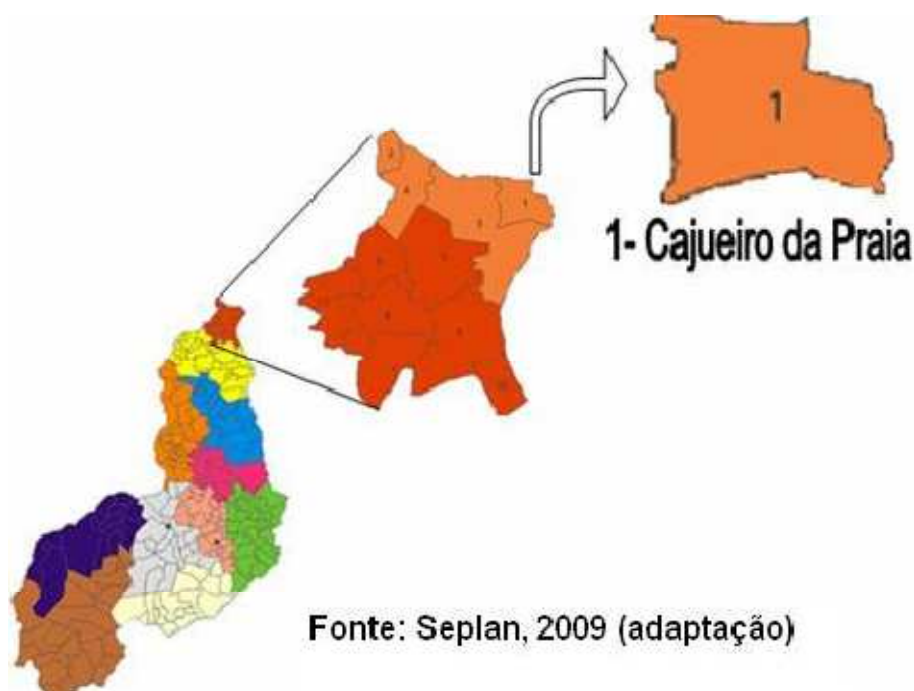


Figura 3 – Representação espacial do Nordeste, Estado do Piauí e Cajueiro da Praia  
Fonte: SEPLAN, 2009

Cajueiro da Praia possui uma população de 6.981 habitantes. (IBGE, 2007). O município integra o Território da Planície Litorânea, uma das onze regiões em que está dividida a Bacia Hidrográfica do Rio Parnaíba e que são consideradas, nos limites do estado, como unidades de planejamento do Estado do Piauí.

Quanto aos aspectos econômicos, o PIB do município foi impactado positivamente nos últimos anos, como mostra a tabela abaixo:

	2003		2004		2005		2006	
	A preço corrente	Per capita	A preço corrente	Per capita	A preço corrente	Per capita	A preço corrente	Per capita
<b>Piauí</b>	8.777.044	2.978	9.816.735	3.297	11.129.201	3.701	12.790.396	4.213
<b>Cajueiro da Praia</b>	14.189	2.312	12.404	2.019	13.585	2.210	16.464	2.676

Tabela 3 - Produto Interno Bruto (Piauí e Cajueiro da Praia)  
Fonte: IBGE, 2009

Apesar de ainda apresentar um valor bem inferior se comparado ao PIB estadual, é possível perceber que houve evolução no que se refere ao PIB do município de Cajueiro da Praia. Podemos inferir que tal crescimento teve no turismo um dos setores que mais contribuíram.

No aspecto social, o município apresenta um IDH baixo, porém registrando crescimento no período de 2000 a 2010. Para fins de referência, o PNUD classifica os IDH em três categorias, sendo elas: baixo, quando o índice é inferior a 0,500; médio, quando o índice estiver entre 0,501 e 0,800; e alto, para índices superiores a 0,801 (PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.51).

Dos municípios componentes do Polo Costa do Delta 25% deles saíram da classificação oficial de IDH ‘baixo’ para ‘médio’ e, em 2000, apenas 15% continuou com a classificação ‘baixo’, contra 55% em 1991 (Op. Cit, 2009, p.51).

IDH 1991	IDH 2000	Renda 1991	Renda 2000	Longevidade 1991	Longevidade 2000	Educação 1991	Educação 2000
0,418	0,563	0,382	0,466	0,528	0,561	0,344	0,663

Tabela 4 - Índice de Desenvolvimento Humano – Cajueiro da Praia  
Fonte: PNUD, 2008.

Comparado com os demais municípios que compõem o litoral piauiense, vemos que a realidade é bem parecida. Em todos eles, no período de 1991 até 2000, houve

melhorias em relação ao nível do IDH, porém ainda está distante de alcançar os níveis desejáveis que assegurem uma boa qualidade de vida para a população desses locais.

Neste contexto, ressalta-se mais uma vez a importância que o turismo apresenta para essas regiões, que, se for encarado como uma política pública séria, pode ser um efetivo instrumento catalisador deste processo, em especial para o município de Cajueiro da Praia.

A educação em Cajueiro da Praia pode ser considerada um ponto forte da administração pública. Sem qualquer escola privada funcionando no município, todo o ensino fundamental e médio é ofertado pelo poder público municipal e estadual (Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008, p.70). Porém, vale ressaltar que não há nenhum curso de turismo sendo ofertado no município, apenas na cidade de Parnaíba.

#### 4.0.2 Aspectos históricos do município de Cajueiro da Praia

A história da origem da cidade, os hábitos e costumes dos moradores são aspectos interessantes para o turismo, pois a comunidade de Cajueiro da Praia, apesar de tudo, ainda é bastante tradicional no que diz respeito aos hábitos culturais, que envolvem desde as práticas religiosas, como a tradicional Festa do Caju e a Regata do Pescador, as lendas locais e até a produção de alimentos e bebidas, como a cajuína, tão apreciada em todo o Estado do Piauí. Além disso, a gastronomia local, com comidas feitas com frutos do mar, em especial as peixadas, também constituem elementos agregadores ao turismo.

Não se encontram registros oficiais sobre o histórico da cidade. Segundo informações coletadas com antigos moradores locais e repassadas pela professora Júlia Freitas, o povoado Cajueiro da Praia iniciou seu povoamento nas proximidades da praia. Com o crescimento populacional foi aumentando e a quantidade de pessoas nascendo e morrendo. A localidade não tinha um cemitério próximo e seus entes queridos eram enterrados às margens da praia na localidade Sardinho, a uma distância de mais de 3

km. Aliás, vale ressaltar que esse era um hábito muito comum nas regiões litorâneas antigamente. Segundo Woortmann (1991, p.5):

Se a praia era o lugar de encontro dos sexos para a celebração da vida, ela era por outro lado, o lugar de encontro entre os vivos e os mortos. Não somente era na praia que se encontrava os corpos dos que morriam no mar, mas era lá também que todos os falecidos eram enterrados, tivessem eles morrido no mar ou na terra. O lugar do cemitério ficava sempre próximo ao limite reconhecido entre os territórios de duas comunidades.

Em 1958 houve um período ruim de seca e o prefeito da época João Soares de Sousa criou um plano municipal de emergência e construiu um cemitério. Este ficava na estrada carroçável que dava acesso ao povoado Santana. Neste mesmo período o governo estadual criou a estrada que hoje é a rodovia Candido Linhares. Após a criação do cemitério, iniciou-se o povoamento nas proximidades que hoje é a Praça da Fé.

Segundo a referida professora, o primeiro morador dessa região, que até então era uma localidade pertencente ao município de Luís Correia foi João Carlota, só em 1974 iniciou o povoamento da Avenida Sousinha. Quanto mais a população crescia e por ser um ponto de acesso às localidades praianas é que no início da década de 80, o vereador de Luis Correia, Cláudio Fontenele de Araújo Sousa criou um projeto para a construção de estradas que ligassem as praias de Cajueiro da Praia às praias de Morro Branco, Barrinha e Barra Grande. Até então, o acesso era feito a pé pela praia ou teria que percorrer mais de 30 km, enquanto que com a nova estrada seriam apenas 9 km. A criação dessa nova estrada trouxe evolução para a região.

Ainda de acordo com as pesquisas realizadas pela professora Júlia Freitas, já havia povoamento na região onde hoje se situa a cidade de Cajueiro da Praia, há pelo menos cerca de 350 anos atrás e era habitada pelos índios da tribo Tremembés, que eram nômades. Havia dois pescadores que costumavam pescar no nosso litoral: José de Barro e Profiro de Queiroz, que, percebendo a existência indígena, não ancoravam para conhecerem as belezas naturais do lugar. Com o passar do tempo, os dois pescadores perceberam que não havia mais a presença indígena e resolveram ancorar para ver de perto o lugar. Com isso só encontraram os vestígios deixados por eles, como: panelas de barro, gamelas feitas de troncos de árvores, etc. Decidiram povoar essa nova terra, iniciando assim, o povoamento do lugar. A região ficou dividida em Cajueiro de Baixo, onde morava José de Barros e Cajueiro de Cima, povoado por Profiro de Queiroz. Anos

depois, várias outras famílias vieram para o novo lugar. O nome dado a este município se deu em decorrência de um famoso cajueiro que havia na beira da praia, com isso passaram a chamar Cajueiro da Praia.

De acordo com as pesquisas realizadas pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, foram encontrados no município 25 sítios arqueológicos, sendo essa totalidade caracterizada como sambaquis (sítios pré-históricos formados pela acumulação de conchas de moluscos, ossos humanos e de animais). No interior dos sambaquis podem ser encontrados vestígios de fogueiras, instrumentos cortantes, amoladores, restos de mamíferos, além de ossos de peixes e tartarugas (Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008).

As pesquisas sobre os sítios arqueológicos existentes até o momento ainda são poucas, porém estão sendo melhor estudadas pelo próprio IPHAN, assim como por professores e pesquisadores da Universidade Federal do Piauí, a exemplo da professora Claudete Dias. No entanto, estes sítios arqueológicos existentes no município de Cajueiro da Praia, embora potencialmente sejam elementos agregadores ao turismo local, são pouco explorados pelo turismo.

#### 4.0.3 Atratividade turística

As potencialidades do município de Cajueiro da Praia estão concentradas nos recursos naturais com um conjunto de belas praias com 13 km de extensão, formado por Barrinha, Sardim, Morro Branco (deserta), Cajueiro da Praia (presença do peixe-boi), Ilhas das Guanias, das Graças, da Lagoa dos Pemas e Barra Grande (maior fluxo de turistas), objeto principal de estudo da pesquisa.

O acesso ao município se dá por Luis Correia (BR 343), acesso regular devido à ação das dunas invadindo a estrada e pela presença de alguns buracos; pela rodovia estadual que liga diretamente Parnaíba-Cajueiro da Praia, a PI 301 e pelas rodovias que ligam o Piauí ao estado do Ceará, que estão em boas condições em ambos os lados.

Vale destacar ainda que Cajueiro da Praia é um dos municípios beneficiados pelo Programa de Regionalização do Turismo, do Ministério do Turismo e faz parte da região turística Polo Costa do Delta, juntamente com as cidades Luís Correia, Parnaíba e Ilha Grande, que compõem o Roteiro Piauí Surpreendente, um dos 87 Roteiros Turísticos divulgados pelo MTUR (SETUR, 2010).

Os segmentos turísticos que mais se adequam ao perfil da região são o ecoturismo, o turismo de esportes e o turismo de observação científica. Conforme o IBAMA, os inventários naturais que são relevantes para o ecoturismo na região são: a presença do cavalo marinho, peixe-boi, tartarugas, aves migratórias e o guará (compondo a fauna) e a flora, manguezais, apiuns (salgados) e os ecótonos (áreas de transição entre mangues/ caatinga; caatinga/cerrado) e algas marinhas (PDITS Polo Costa do Delta, 2009, p.57).

Os recursos científicos estão direcionados, em primeiro lugar à presença da fauna marinha encontrada em poucas regiões do Brasil (peixe-boi). O seu monitoramento é realizado três vezes por semana por técnicos especializados do atual Instituto Chico Mendes (ICMBIO) e do Centro Nacional de Mamíferos Aquáticos (CMA)<sup>10</sup>.

O espaço consolidado para o turismo da região está concentrado na faixa litorânea, constituída principalmente por Cajueiro da Praia, Barrinha e Barra Grande, cada uma dessas praias com suas características peculiares, que no conjunto formam uma rota de ecoturismo diferencial na região.

De acordo com o Plano Diretor do Município (2008), os locais de interesse para serem explorados pelo turismo são:

- Estuário Rio Timonha/Ubatuba – envolvendo a pescaria amadora, a observação do Peixe-boi Marinho, sendo que o local é área de reprodução do animal, onde a espécie se vê em habitat natural sem sofrimento de encalhe; observação do Cavalo Marinho; realização de Trilha na Ilha Grande; avistagem de animais silvestres (Ilha Grande); avistamento de aves migratórias, em especial o guará; passeio no

---

<sup>10</sup> A base do Projeto Peixe-Boi Marinho é de responsabilidade do CMA e do ICMBio. Foi o primeiro município brasileiro a receber o título de Patrimônio Natural do Peixe-Boi Marinho, através de uma lei municipal de 2003. Assim, a prefeitura local é responsável perante a lei por proteger os sirênios e seus habitats (estuários, rio e mar), além de poder explorar este título para incrementar a atividade turística e articular parcerias com entidades para preservar este mamífero. A imagem do mamífero está tão assimilada pela comunidade que a figura do animal é parte integrante da bandeira do município. (CARVALHO, 2010, p.55)

interior do estuário; trilha da Camboa da muriçoca; visita aos antigos portos de contrabando do café.

- Ilha Dantas –o local é indicado para a prática de mergulho. Não apresenta estrutura para exploração de outras atividades.
- Pontal das Almas – travessia de canoa ou por trilha até o Pontal das Almas, lugar de belezas naturais e históricas, localizado em Pitupitá, localidade de Barroquinha/CE, que fica a poucos quilômetros de distância da praia de Cajueiro de Cima.
- Observação do peixe-boi – realiza-se mediante a visita organizada por condutores locais com transporte de canoa até a Torre de Monitoramento, sendo o período mais indicado para avistamento de Dezembro a Abril.



Figura 4 – Sede antiga e sede atual do Projeto Peixe-Boi Marinho em Cajueiro da Praia  
 FONTE: Pesquisa Direta/2010

- As igrejas matriz de Cajueiro e Barra Grande - embora não apresentem beleza estética, possuem seu valor quanto à sua história e seu tempo de existência na localidade.
- O Cemitério, localizado na estrada que liga Barrinha a Cajueiro e seu diferencial que é a sua localização, pois fica a beira mar e seus túmulos são todos brancos, chamando a atenção de quem passa por lá.
- Os Eventos locais - o Festival do Milho, quadrilhas, bumba - meu - boi, festa do Sagrado Coração de Jesus, a farinhada e a safra do caju, que culmina com a Festa do Caju. Infelizmente, essas festas tradicionais já não acontecem regularmente e,



se não houver uma intervenção por parte da prefeitura ou dos moradores, principalmente, essas importantes manifestações culturais locais poderão se perder com o tempo.

- O artesanato local - a produção baseia-se na confecção de cestos e bolsas de palha de carnaúba, crochê e trabalhos com búzios. Atualmente, apenas o povoado de Barra Grande dispõe de central de artesanato, apesar de existir projeto para construção de centro de visitação turística na sede do município (marcação já se encontra na planta do município).
- A Gastronomia típica da região – formada por pratos a base de frutos do mar e caju. Os pratos tradicionais da culinária local são a moqueca de caranguejo, o peixe ao molho, e outros pratos que não estão mais sendo oferecidos, que são a paçoca de arraia e a galinha com macaxeira e precisam ser resgatados.
- Visita a sede do município - encontro com as pessoas mais antigas para ouvir suas histórias sobre o povoamento, origem do nome da cidade e o modo de vida da população, além de conhecer os festivais de quadrilhas e comemoração do carnaval, em que esta última festividade se destaca como um dos maiores acontecimentos da região.
- Religiosidade - tão marcantes quanto as belezas naturais são as festas do padroeiro Sagrado Coração de Jesus e o festejo de Santa Adelaide que fascina notadamente pela procissão marítima, de Bitupitá-CE até Cajueiro da Praia (Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008, p.55).

As principais atividades culturais no município estão associadas à religião e as duas atividades econômicas tradicionais são a pesca e a agricultura de subsistência. A atividade da pesca promove o os festejos juninos da festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores. Associada ao cultivo da mandioca, a tradição da farinhada mantém-se viva, operando casas de farinha em quase todos os povoados, em especial no primeiro semestre, nos meses de Junho e Julho

Essas tradições ainda existem no município, mas aos poucos vão sendo deixadas de lado e substituídas pelos modismos da modernidade, como afirmam Droulers e Milani (2002) quando apontam que na perspectiva social e cultural, o turismo traz como impactos negativos, dentre outros, a alteração dos costumes em função do turismo. Os festejos juninos todo ano acontecem, não mais com o mesmo envolvimento de

participação de antes dos moradores. A regata dos pescadores acontece no meio do ano, porém, o abuso do álcool durante a festividade tem sido motivo de grande preocupação para alguns, denotando uma descaracterização da mesma. Os próprios pescadores já não se sentem animados com o evento que é destinado a eles mesmos, como mostra a fala do Sr. Francisco: “a festa da regata tá se arrastando pior que cobra com três pancada nas costas”.

Como já mencionado, o espaço consolidado para o turismo da região está concentrado na faixa litorânea, constituída principalmente pelas praias Cajueiro da Praia, Barrinha e Barra Grande. Cada uma dessas praias, com suas características peculiares, no conjunto formam uma rota de ecoturismo diferencial na região.

A praia de Barrinha ainda é muito pouco explorada, pois não apresenta estrutura receptiva para o turista. Na praia de Cajueiro da Praia, que fica na própria sede municipal, os principais freqüentadores são os moradores, sendo raro a presença de turistas. Apenas em Barra Grande é onde se verifica efetivamente um fluxo de turistas significativo naquela região, conforme será visto no capítulo seguinte.

Em relação à estrutura receptiva ao turista, Cajueiro da Praia apresenta muitas deficiências. Quanto aos transportes públicos, podemos afirmar que em Cajueiro da Praia a informalidade se sobressai. O município não dispõe de nenhum órgão responsável pela gestão de trânsito e dos transportes públicos. De acordo com o Plano Diretor do município (2008), as pequenas dimensões da malha urbana dos três principais aglomerados – a sede municipal, Barra Grande e Barrinha – não justificam a adoção de transporte coletivo interno em cada um deles.

As distâncias entre eles, entretanto, já sugerem a necessidade de um sistema de interligação, que hoje é associada à ligação interurbana com Parnaíba. Assim, o transporte das pessoas entre os aglomerados fica sujeito às relações do município com Parnaíba e não à sua dinâmica interna. Nos três aglomerados tampouco existe o serviço de táxi, apenas contam com um serviço informal de moto-táxi.

De acordo com a moradora e empresária local O.G., 57 anos:

Um dos maiores problemas de Barra Grande é o transporte público, que podemos chamar de absurdo. Nós ficamos nas mãos de uma única empresa, que não presta um serviço bom, porque tem apenas um horário por dia e ainda cobra muito caro pela passagem. A prefeitura deveria

intervir nisso, mas nunca fez nada. O dono dos ônibus é sempre o mesmo e parece que ele faz é uma parceria aqui com a prefeitura que nenhuma outra empresa consegue entrar.

Na alta temporada é comum a presença de ônibus de pequenas empresas de turismo, com excursões destinadas a pessoas de baixa renda, que demandam a praia de Barra Grande, principalmente. Apesar desses ônibus já fazerem esse trajeto há mais de duas décadas, inexistente local próprio para estacionamento dos mesmos e não é ofertada qualquer estrutura de apoio aos turistas que utilizam o veículo como meio de hospedagem durante sua estada.

A questão dos transportes públicos em Cajueiro da Praia é agravante, pois o município não assume a necessidade de organizar uma linha específica de ônibus saindo da sede municipal, com horários e destinos pré estabelecidos de acordo com a demanda local. Os moradores ficam esperando os ônibus provenientes de Parnaíba, que nem sempre atendem suas necessidades. Além de dificultar a vida dos moradores, é também um fator limitante para o desenvolvimento do turismo no município, pois somente turistas que possuem veículos ou que estão em excursões tem um fácil acesso à praia.

Atualmente o município conta com três pousadas: Pousada da Lu, Pousada Por do Sol e Pousada Tacavi. Todas são de pequeno porte e com gestão familiar, de pessoas do próprio município, que totalizam estimadamente 50 leitos. Algumas contam com apenas 2 a 6 quartos, em instalações simples. A utilização das pousadas de Cajueiro se concentra na época de alta estação, uma vez que a maior parte dos turistas prefere hospedar-se diretamente nas pousadas à beira mar da praia de Barra Grande.

Sendo assim, o município de Cajueiro da Praia é, de certa forma, ofuscado pela praia de Barra Grande na questão do turismo. Poucos são os turistas, que estando na praia, deslocam-se até a sede do município, apesar de ser apenas 8 km. Os turistas só vão até Cajueiro quando há uma necessidade maior, como o atendimento na unidade de saúde local ou o registro de algum furto ou outros tipos de violência na delegacia.

A cidade de Cajueiro tem um potencial guardado, que só vem a somar com os passeios já realizados na região, dinamizando e tornando ainda mais interessante a experiência do turista e que precisa ser aproveitado para o fortalecimento do turismo local.

#### 4.0.4 A gestão do turismo em Cajueiro da Praia

Quanto à gestão pública do turismo, Cajueiro da Praia dispõe de Secretaria de Obras, Turismo e Meio Ambiente (criada recentemente, em 2009), além do apoio sempre presente das seguintes instituições governamentais e não governamentais: SEBRAE, IBAMA, Instituto Chico Mendes, Banco do Nordeste, Aliança Mandu, Associações de Condutores Barratur e Nativos.

O canal de participação institucionalizado da sociedade local, o Conselho Municipal de Turismo, criado em 2001, visto como mecanismo institucional de participação da sociedade local na gestão do setor, não atua efetivamente. Além disso, é discutível a coerência da existência, em Cajueiro da Praia, de um Conselho de Turismo dissociado da questão ambiental, considerando a estreita ligação entre as duas áreas e as características locais. O Conselho de Meio Ambiente, criado em 2005, também não tem efetividade, pois não foi instalado. (Projeto de Fortalecimento da Gestão Municipal, 2009, p.10)

Este tipo de situação é muito comum de acontecer. A comunidade é despertada para o turismo, mobiliza-se e se organiza com a criação de conselhos locais, porém não há continuidade das ações, como depõe a moradora e líder comunitária S.M.:

A gente começou bem empolgado. Abrimos a Pró Turismo e as reuniões aconteciam uma vez por mês. Eram mais de 20 pessoas no início. Depois, esse número foi baixando, baixando até ficar só cinco pessoas, sendo inviável de manter a associação. A maioria dos moradores alegam que a falta de apoio da prefeitura foi o principal fator que desmotivou a sua permanência.

Como já citado por Maldonado (2004), a falta de incursão das comunidades no turismo é um dos grandes entraves para a construção de um turismo de base comunitária. Como se percebe, em Barra Grande, com o passar dos meses, a maioria das pessoas que se envolveram inicialmente já não demonstram tanto interesse e compromisso em colaborar. A existência de um conselho municipal é um elemento muito importante para a gestão pública local do turismo e não pode ser esquecido. Além disso, de fato, um conselho de turismo deve contar com a participação dos diversos órgãos e profissionais envolvidos não só com o meio ambiente, mas com a cultura local.

A precariedade da estrutura administrativa e a insuficiência dos recursos humanos e tecnológicos disponíveis tornam Cajueiro da Praia integralmente dependente de planos, ações e recursos de outras instâncias para o desenvolvimento e operacionalização das ações governamentais na área do turismo. Esta dependência, ocasionada pela fragilidade institucional da administração municipal, frequentemente limita a contribuição da administração local na concepção e formulação dos planos desenvolvidos por outras esferas de governo e dificulta o diálogo e a parceria com o setor privado (Projeto de Fortalecimento da Capacidade Municipal do Polo Costa do Delta, 2009).

Embora a gestão local contabilize falhas, no contexto regional observam-se várias iniciativas no âmbito do planejamento, da gestão e da operacionalização do Turismo de forma integrada, das quais o município de Cajueiro da Praia está inserido, que são o Polo Costa do Delta, a Rota das Emoções e ainda o Polo Costa Norte e a rede do Turismo Rural na Agricultura Familiar, a Rede TRAF<sup>11</sup>, que já estão sendo implementados.

De acordo com o Ministério do Turismo (2009, p.9):

O Polo Costa Norte é uma realidade no estado do Piauí, tanto em termos de planejamento como na divulgação dos atrativos locais. Entretanto os Estados do Maranhão, Piauí e Ceará reuniram forças para, em 2005, propor a criação de um único espaço de planejamento turístico considerando as áreas contíguas compreendendo desde as dunas de Jericoacoara (no Ceará), passando pelo Delta do Parnaíba, até os Lençóis Maranhenses como um novo pólo turístico para consideração no âmbito do PRODETUR NE II. Para efetivação da idéia tornou-se necessário cumprir com as normas contratuais e operacionais definidas para o Programa, o que incluiu, inicialmente, a aceitação do novo pólo pelo BID, dado que o Programa, em sua concepção original, somente prevê a priorização de pólos turísticos estaduais.

Somadas à carência no processo de planejamento e gestão local, em Cajueiro da Praia, no que se refere à geração de empregos, a população local da sede vive

---

<sup>11</sup> A Rede TRAF - Rede de Turismo Rural na Agricultura Familiar, é importante destacar que a mesma vem atuando amplamente em todo o território brasileiro e no Piauí demanda esforços em toda a região deltaica, inclusive em Cajueiro da Praia. Envolve a participação de homens e mulheres da comunidade. As ações do projeto têm buscado fortalecer a proposta de turismo na agricultura familiar e do turismo responsável como alternativa viável de geração de renda para as famílias da região, a partir da articulação e da mobilização de protagonistas pra uma melhor inserção no mercado competitivo do turismo. Tem promovido uma relação solidária entre a Itália e o Litoral Piauiense mediante a produção de material de divulgação e intercâmbios que visam o reconhecimento e a valorização dos recursos naturais e do desenvolvimento econômico local.

basicamente de emprego no setor público (Prefeitura Municipal) e outros, em Barra Grande, das atividades turísticas. Na área rural, a agricultura de subsistência e de baixa tecnologia, impede a geração de emprego e renda, sendo a produção consumida no local. O poder público é o grande empregador na zona urbana, sendo que boa parte dessa população complementa a renda com outra atividade, principalmente a agricultura ou a pesca.

Em função dos baixos salários, a maior parte dos trabalhadores locais desempenha mais de uma função, como afirma a atendente do Posto de Informações Turísticas em Barra Grande, I.G., 28 anos:

Hoje pra mim tem muito mais emprego que antes. A gente tem pousada, pizzaria, supermercado, padaria. Eu mesma trabalho como garçomete, segurança e recepcionista em eventos, sou artesã e ainda trabalho na prefeitura. Faço o que aparecer na frente. A gente tem que se virar em mil pra ter uma condição de vida regular.

Outro setor que ainda gera emprego na localidade é a indústria da carcinicultura<sup>12</sup>, tendo como foco as localidades de Árvore Verde e Lagoa de São José e a pesca oceânica que abastece precariamente o mercado local, sendo escoada para outros municípios antes mesmo de sua chegada em terra, pela facilidade de portos de atracação e equipamentos de recebimento nos municípios vizinhos (Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008).

#### 4.1 A PRAIA DE BARRA GRANDE: ASPECTOS SIGNIFICATIVOS

##### 4.1.1 Caracterização geográfica e histórica

Barra Grande constitui a praia litorânea do município de Cajueiro da Praia que é mais visitada pelos turistas, por possuir uma grande área apropriada ao banho de mar e

---

<sup>12</sup> A carcinicultura caracteriza-se pela produção de camarão.

ao aproveitamento dos ventos alísios, para a prática do esporte *kitesurf*<sup>13</sup>, assim como a própria beleza cênica local e o aspecto bucólico típico de uma vila de pescadores.



Figura 5 – Mapa de localização da Praia de Barra Grande  
Fonte: Google Map, 2010

Além dessas características, Barra Grande é a única praia do município que possui estrutura receptiva local de hotéis, pousadas, bares e restaurantes, associação de guias e condutores, dentre outros elementos, para atender o turista.

De acordo com o morador local e ex presidente da Associação de Condutores BARRATUR, o Sr. Marcos Cazusa, que vem se dedicando a pesquisar nos últimos anos a história do povoamento da praia, Barra Grande foi formada inicialmente por pescadores. Não se sabe ao certo a data da ocupação deste povoado, mas os antigos

<sup>13</sup>O *Kitesurf* é um esporte aquático, ainda sem certificação da ABNT, que tem como princípio básico “voar sobre a água” puxada por uma pipa movida pela força dos ventos, e com prancha presa aos pés. O esporte mistura manobras de surf, *windsurf* e *wakeboard*. O seu praticante pode deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar vôos, numa velocidade de até 60 km/h. A pipa é feita do mesmo material utilizado na fabricação de uma asa-delta. A prancha pode ser fabricada por um material especial para o esporte, como também pode ser confeccionado pelo mesmo material de uma prancha de surf. Conforme a ABETA (2008), o *Kitesurf*, como é praticado hoje, foi criado na França entre 1993 e 1994. Em 1996, o esporte chegou ao Brasil por Paulo Ferrari, no Rio de Janeiro. Em 1999, aconteceu o I Campeonato Mundial de *Kitesurf*, em Leucate, na França, além do King of the Air, na ilha Maui, no Havaí. O primeiro grande evento internacional de *Kitesurf* a ser realizado no Brasil aconteceu no ano de 2000, o I Campeonato Mundial da Kite Pro world Tour (KPWT), na Praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, foi criada a Associação Brasileira de *Kitesurf*(ABK), e em 2001, criou-se a Internacional Kiteboarding Organization(IKO), que é a organização internacional do esporte.

Porém, segundo a ABETA (2008), NO Brasil “há baixo grau de profissionalização, conhecimentos técnicos precários e mão –de-obra despreparada, o que tem elevado o número de acidentes” durante práticas de *Kitesurf*. A ABK (2009) sugere alguns padrões para o funcionamento de uma escola de *Kitesurf* no Brasil. De acordo com estes padrões, há a necessidade do conhecimento de primeiros-socorros por parte dos professores, bem como de uma estrutura de Corpo de Bombeiros, para possíveis resgates e salvamentos, e/ou hospital bem equipado para atender os acidentados.

moradores atestam que desde o século XIX, por volta de 1850, já existiam pescadores por lá. De acordo com Marcos Cazuzo:

A comunidade que vive na praia de Barra Grande tem sangue gaúcho, pois teria se originado de remanescentes da Guerra dos Farrapos, migrados do Rio Grande do Sul, que aprovaram aquela vidinha de pescadores ermitões. Quem não aprovou a chegada deles foram os índios Tremembés, integrantes daquele habitat até o início do século XX, quando se sentiram literalmente deslocados pela expansão da população branca.

As informações sobre o histórico de Barra Grande são provenientes da fala dos moradores mais antigos da praia, como Dona Teresinha, Sr. Francisco, dentre outros e que foram relatadas pelo Sr. Marcos Cazuzo e pela professora Júlia Freitas, membros da comunidade que vem se dedicando a pesquisar o histórico da localidade.

De acordo com os relatos desses antigos moradores e coletados pelo Sr. Marcos Cazuzo, o povoamento da praia de Barra Grande remonta por volta de 1835, período que coincide com o início da Guerra dos Farrapos. Um gaúcho fugindo da guerra pelas matas veio parar no litoral piauiense, mais precisamente no local onde hoje está situada a praia de Barra Grande. Após sua chegada permaneceu na praia alguns dias e em uma noite escura avistou um longínquo fogo e resolveu ir ao seu encontro. Chegando lá encontrou outro gaúcho. Sem muita escolha de ocupação, ambos tornaram-se pescadores, escolhendo seus melhores locais para pesca.

O primeiro deles, o qual não se tem registro do nome, dizia ao seu companheiro que gostava de pescar onde o sol nasce, numa barra pequena. E o segundo, conhecido como “Vicente Pescador” dizia que preferia pescar onde o sol se põe, numa barra grande (referindo-se à toda a área que hoje é o final da praia de Barra Grande emendando com a praia de Macapá). Naquela época, habitavam nessa região os índios tremembés. A partir dessas informações, acredita-se ser a origem dos nomes das praias de Barrinha (barra pequena) e Barra Grande.

Por volta de 1900 havia apenas casebres de palha em Barra Grande. Em 1901 o Major Bena Venuto, que vinha do Ceará, chegou ao vilarejo de Barra Grande e construiu sua casa no local onde hoje é a quadra da igreja. Devido ser muito católico começou a difundir o catolicismo na localidade. Nessa época, a população era mais ou



menos de 40 habitantes. Cada ano crescia a fé católica, contribuindo para a construção da primeira capela onde hoje é a Rua das Flores.

No período da 1ª Guerra Mundial, o Major Bena Venuto faleceu por motivos de saúde e sua família continuou cuidando da igreja. Cada ano, o vilarejo ia aumentando e o número de habitantes crescendo. Pessoas construíram suas casas cobertas de palha, inclusive a própria igreja. Por volta da década de 20, a família do major voltou para o Ceará e doaram todas as terras que possuíam para a igreja.

Em 1950, aos arredores da quadra da igreja, casas se destacavam como as mais bonitas, por serem cobertas com telhas. Neste mesmo local funcionava a área comercial da localidade. Com o passar dos anos, muita gente veio morar nessa localidade e, com o aumento dos habitantes, crescia também o comércio, pois todos eram pescadores, construíam suas residências à beira da praia e ao lado uma pesqueira. Assim, a rotatividade comercial se desenvolveu.

Segundo depoimento da antiga moradora S.M, 61 anos:

A época da minha infância, nos anos 50, foi uma época onde a gente via muitas casas sendo construídas próximo da igreja e a pesca era muito boa. Apesar de ainda ser uma comunidade muito pequena, já se verificava algum crescimento. Porém ninguém nem cogitava o turismo como atividade para a localidade.

Ainda segundo as pesquisas de Cazusa, Dona Mundoca era a comerciante mais bem sucedida, contribuindo para que as casas fossem sendo construídas cada vez mais próximas umas das outras. Nesta época, a igreja estava muito deteriorada. Os comerciantes se reuniram e juntos com a comunidade construíram outra capela, na rua atual, a Capela de Nossa Senhora da Conceição, que se tornou a padroeira.

Por volta de 1957, a comunidade se reuniu e decidiu construir uma igreja maior, que só foi concluída em 1965, com celebração da primeira missa. Na área da igreja que já tinha várias casas fazendo a formação da rua, a comunidade jogava bola formando um campo de futebol completamente de areia. E a cada ano as proximidades ficavam mais povoadas.

Na década de 70 do século XX, devido à quantidade de casas residenciais, deixaram de jogar bola e em toda aquela área não foi construído mais nada. Nessa época

já havia energia elétrica na localidade. Em 1979 foi inaugurada a primeira escola pública municipal em Barra Grande, a Unidade Escolar José Agrião. Na década de 80 criaram a quadra municipal no mandato do prefeito Antonio de Pádua.

Na década de 90 do século XX, Cajueiro da Praia e Barra Grande enfrentaram um plebiscito para decidir onde ficaria a sede do município, pois Barra Grande tinha um fluxo turístico que aumentava a cada ano. Porém, acabou perdendo a eleição, tornando-se apenas uma localidade do município.

Barra Grande possui uma área urbana de 78 hectares e uma faixa de praia com 4 km de extensão e possui cerca de 1.500 habitantes. O povoado tem o seu núcleo original estruturado ao longo do acesso rodoviário à praia. No eixo de acesso, que hoje compreende as ruas Leôncio Lopes Araújo, que se estende até a Praça Nossa Senhora da Conceição, e José Soares Veras que segue até a praia, e nas áreas mais próximas, concentra-se a maioria das ocupações mais antigas do povoado.

A ocupação de outras áreas, além da proximidade da igreja, a partir do núcleo original, deu-se ao longo de vias aproximadamente perpendiculares ao eixo de acesso, em especial o trecho da PI 302, ligando o povoado à sede do município. Estas vias são ligadas entre si por outras pequenas vias de geometria e disposição irregulares, entre as quais ocorrem pequenos becos.

De acordo com o Plano Diretor de Cajueiro da Praia (2008), a expansão do uso habitacional, considerado o cenário atual, deverá acontecer, num primeiro momento, pela ocupação dos inúmeros vazios das áreas já ocupadas. Num segundo momento, seguindo uma tendência ainda muito incipiente, a malha urbana deverá expandir-se seguindo a estrada de acesso à sede municipal. A aquisição, por grupos empresariais de fora do município, de uma grande gleba nesta área, indica uma possível e breve mudança de cenário.

#### 4.1.2 Aspectos turísticos e urbanísticos

De acordo com o Plano Diretor do Município de Cajueiro da Praia (2008), a Praia de Barra Grande apresenta a seguinte estrutura urbana, conforme mostra o quadro abaixo:

- 1 Fabrica de Gelo Comercial
- 2 Pousada Camboas
- 3 Igreja Evangélica Institucional
- 4 Escola Municipal Arlindo Sampaio Institucional
- 5 Centro de Referência da Assistência Social
- 6 Pousada do Mualém
- 7 Unidade Escolar José Adrião de Araújo
- 8 Associação de Condutores Nativos
- 9 Programa de Assistência à Criança - PAC
- 10 Quadra Poli-Esportiva Institucional
- 11 Posto Telefônico / Posto de informação turística<sup>14</sup>/  
Posto de Correios
- 12 Igreja Católica
- 13 Lavanderia Publica (Desativada)
- 14 Colônia de Pescadores Z6
- 15 Igreja Evangélica
- 16 Unidade de Saúde
- 17 Pousada BGK
- 18 Pousada Rota dos Ventos
- 19 Pousada Ventos Nativos
- 20 Pousada Casa Taboa
- 21 Pousada Pontal da Barra
- 22 Casa de Farinha
- 23 Chafariz (Desativado)

Quadro 2 - Pontos de referência Barra Grande  
Fonte: Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008

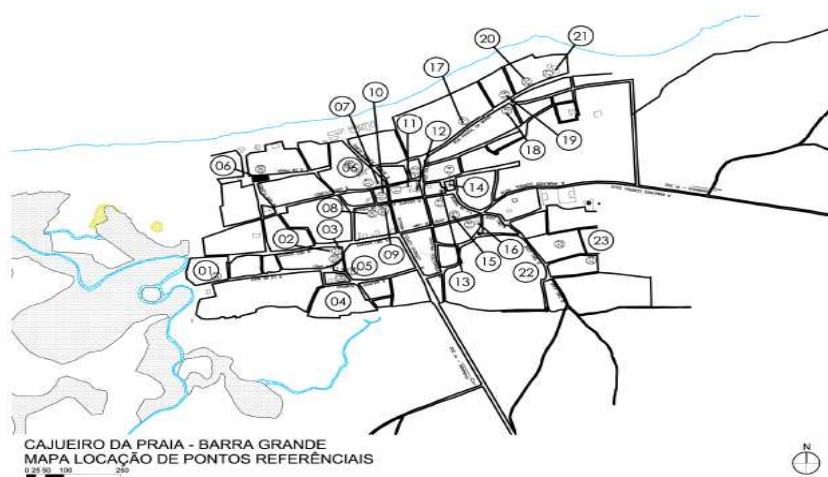


Figura 6 - Mapa da localidade de Barra Grande (pontos referenciais)  
Fonte: Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008

<sup>14</sup> O Posto de Informações Turísticas, atualmente está funcionando na sede da Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, em Barra Grande.

Apesar desse crescimento, pelas suas características de origem, Barra Grande ainda apresenta um aspecto nostálgico e calmo, como atestam as palavras do Dr. Luis Airton, veranista há muitos anos, sobre a praia de Barra Grande:

Os coqueirais, o vento que anima suas palhas, os sabores do que se pesca no mar: peixes, mariscos, sururus, mexilhões, arraias, lulas, caracterizam o que melhor Deus nos descreve como paraíso. É a desembocadura do encanto do Rio Camurupim, que forma uma restinga de areia que de dia é banhada pelo sol escaldante e à noite prateada pela lua fria. O peixe-boi encontra paz nas suas areias e uma ilha, abençoada dor Deus, é repouso para caranguejos, outra para garças e mais uma outra, para lindos cavalos-marinhos.



Figura 7 – Foto da praia de Barra Grande  
Fonte: Ichiro Guerra, 2010

De acordo com H.J, 42 anos, ex moradora da praia:

Há algumas décadas atrás, Barra Grande era frequentada por famílias com crianças (proprietárias de casas de praia), jovens aventureiros, universitários, amantes da natureza, podemos dizer que era um turismo endógeno pois naquela época a aproximação dos turistas com as pessoas da comunidade era muito próximo, durante o dia tinha os passeios no mangue, no riacho da Barrinha, no por do sol visto do cemitério, andar

de carroça até o encontro com a praia do Macapá, conhecer os destroços do navio encalhado, pescaria em alto mar, cata de caranguejo e mariscos, pescaria com tarrafa no rio, pescaria de camarão. À noite sempre curtir ao lado de uma fogueira e do luar, ir aos forrós nos bares nativos, sim todos esses descritos acima de uma maneira informal e com o privilégio da companhia dos nativos que sem sombra de dúvidas eram excelentes guias.

A visitação à praia de Barra Grande remonta do início da década de 70 do século XX, quando veranistas oriundos principalmente de Teresina e de Parnaíba e também do Ceará, das localidades de Jericoacoara e Camocim vinham passar suas férias. Só após uma década, é que começam a aparecer os excursionistas, vindos, em grande parte, das cidades de Luís Correia e Parnaíba. Esse turismo de massa, trazido pelos ônibus, continua acontecendo na praia, porém o local que eles ocupam na praia é diferente do local ocupado pelo turista de maior poder aquisitivo.

De acordo com a mesma moradora,

a praia era muito freqüentada todos os fins de semana tínhamos um fluxo de turistas, e nos períodos de férias a movimentação era bastante, nas grandes festas como ano novo, carnaval, semana santa, férias escolares era muito intenso a freqüência de turistas. Hoje o envolvimento turístico está muito comprometido pelo menos para as pessoas da comunidade que sempre trabalharam com o turismo, pois há falta de investimentos na infra estrutura básica e turística para prover conforto aos moradores e clientes, há falta de capacitação de mão de obra, falta de grana para investir em seus negócios, tem demonstrado um quadro não animador.

Nos anos 90 do século XX a praia começa a receber turistas de outras cidades do Piauí, além das já citadas, bem como do Ceará. Esses turistas vinham, em sua grande maioria, através de excursões organizadas por grupos de amigos, ou seja, não havia a interferência de nenhuma agência de viagem vendendo pacotes turísticos para Barra Grande.

A partir de 2000 descortina-se um novo turismo em Barra Grande, com mudança quanto ao perfil dos visitantes, bem como na estrutura receptiva local. Tal fato deve-se, principalmente, à introdução do esporte *kitesurf* no ano de 2005, trazido pelo empresário e também médico teresinense, o Dr. Ariosto Ibiapina, que já freqüentava o litoral piauiense em todas as férias. Como veranista ele percebeu o crescimento da

prática do esporte *kitesurf* na praia de Jericoacoara (CE), o que o motivou a abrir uma pousada, a BGK – Barra Grande Kite Camp, que possuísse instalações adequadas e com suporte para receber os praticantes e simpatizantes desse esporte.

A pousada trouxe visibilidade à praia, atraindo um novo tipo de turista, agora, de maior poder aquisitivo e faixa etária concentrada entre os 17 e 30 anos. Com essas mudanças e esse aumento de fluxo, o local passou a receber atenção por parte do governo e do SEBRAE, no intuito de promover o envolvimento da população local no turismo.



Figura 8 – Chalé da Pousada BGK  
Fonte: Ichiro Guerra, 2010

De acordo com o morador local M.C.:

Até 2003, ninguém tinha a menor noção de que se podia ganhar dinheiro com o turismo. Foi através de uma experiência de 4 meses no então criado Departamento de Turismo da Prefeitura de Cajueiro da Praia que eu e outra funcionária despertamos para essa questão. No início, nós ficávamos ali parados, sem saber o que fazer, até que entrou a figura do SEBRAE como parceiro que iniciou uma série de cursos para a região: cursos sobre condução de grupos, educação ambiental,

animação turística, atendimento ao turista, sustentabilidade, dentre outros. A quantidade de pessoas que se envolveu nesses treinamentos foi em torno de 25 pessoas. O nosso instrutor incentivou a criação de uma associação para representar o turismo. A partir de então, criou-se uma associação de moradores e o nosso grupo passou a ser visto como diferente do restante da comunidade, porque nós estávamos com outro pensamento, com outra visão. A gente entendia sobre a questão da preservação e da conscientização ambiental e aí nós queríamos que todo mundo estivesse pensando como a gente, mas recebemos muita rejeição quando saímos defendendo aquelas idéias que aprendemos.

Todo esse cenário despertou uma mudança no modo de pensar de alguns moradores, que perceberam que as práticas que vinham sendo feitas até então pelos pescadores mais antigos que, por exemplo, pegavam o cavalo marinho, secavam e vendiam aos turistas, estava agredindo o meio ambiente demasiadamente, apesar de não serem feitas de forma intencional, eram apenas por puro desconhecimento.

Com isso, esse grupo de moradores sentiu dificuldade em difundir os conhecimentos adquiridos sobre a sustentabilidade ambiental e turística, mas, com muita insistência conseguiram introduzir esses novos elementos que buscam garantir a sustentabilidade dos recursos disponíveis. A criação da associação dos condutores foi o ponto mais alto desse processo porque deu início à profissionalização para o setor.

A prática do esporte *kitesurf* destaca Barra Grande para o segmento do turismo de esportes, o que já foi respaldado pelo Ministério do Turismo, e, pela EMBRATUR. Outras praias do litoral piauiense também apresentam condições para o esporte, como a praia do Coqueiro, em Luis Correia.

Devido às boas condições climáticas, o litoral piauiense tem recebido eventos de caráter nacional e internacional de *kitesurf*, como o Kite-Xtreme Brasil<sup>15</sup>, realizado em 2007, evento da 1ª divisão do circuito mundial de *Kitesurf* e a única prova internacional de *kitesurf* no Brasil reconhecido e chancelado pela ABK. Em 2008, foi realizado o

---

<sup>15</sup> Pela primeira vez, o Piauí recebeu de 19 a 23/09/2007 uma etapa da Primeira Divisão do Circuito Mundial de Kitesurf. O kite-Xtreme é a única prova internacional de kitesurf no Brasil que é reconhecida pela Associação Brasileira de Kitesurf. A competição distribuiu 40 mil dólares de premiação e ireuniu atletas como o tricampeão mundial Aaron Hadlow, os holandeses Kevin Langereer e Youri Zoon, e o espanhol Álvaro Onieva.



Circuito Brasileiro de *Kitesurf* e 3º Piauí *Kitesurf*<sup>16</sup>, no mesmo local, com participação de vários atletas de todo país (CARVALHO, 2010).

A prática do esporte *kitesurf* é tão incentivada na praia, que foram abertas três escolas para o ensino do esporte, sendo apenas uma cadastrada na Associação Brasileira de *Kitesurf* – ABK, o que sinaliza uma preocupação, já que é necessário haver a regulamentação do esporte por parte de todos que o ofertam.



Figura 9– Escola de Kitesurf em Barra Grande  
Fonte: Ermínia Medeiros, 2010

Além disso, vale ressaltar que para que o esporte *kitesurf* seja explorado pelos empresários e hoteleiros locais, um requisito essencial é que o município disponha de uma estrutura médico-hospitalar satisfatória, além de um corpo de salva-vidas.

Em Barra Grande, a estrutura de apoio necessária é deficiente. o único posto de saúde que há só está habilitado para atender problemas bem pequenos como cortes e ferimentos leves. Quaisquer problemas maiores o turista terá que ser deslocado para

---

<sup>16</sup> O Piauí KiteSurf é um evento que teve sua primeira edição em 2005, sempre acontecendo entre as praias de Luis Correia e Barra Grande . Conta com o patrocínio do Governo do Estado do Piauí, que busca alavancar a prática do esporte no litoral piauiense, visando o incremento do turismo na região.



Parnaíba, distante cerca de 60 km, porque na unidade de saúde existente em Cajueiro e em muitos casos também não conseguem ser solucionados. Além disso, há apenas uma farmácia na localidade. É preciso, portanto, que o local ofereça condições mais adequadas e seguras para o turista, principalmente, por se tratar de um esporte radical que envolve muitos riscos na sua prática.

O esporte é praticado sem fins competitivos e os turistas podem fazer cursos rápidos para praticá-lo. Os bons ventos do povoado já atraíram vários curiosos e profissionais para a prática do esporte, que buscam, além de condições ambientais para a prática do mesmo, uma estrutura adequada para vendas de roupas e utensílios, consertos, reparos e locais para guardar os equipamentos.

Esta estrutura de apoio à atividade do *kitesurf* está presente em quatro das treze pousadas de Barra Grande, cujos proprietários também são praticantes do esporte, sendo alguns de nacionalidade estrangeira.

O potencial do esporte como atrativo turístico é relevante, e como produto turístico, é capaz de movimentar muitos recursos. Já há interesse de muitos investidores estrangeiros que vêm adquirindo terras para fixação de moradia, e também comprando empreendimentos comerciais locais.



Figura 10 – Pousada em Barra Grande com loja de produtos para o kitesurf  
Fonte: Ermínia Medeiros, 2010

É preciso destacar ainda que, por Barra Grande estar inserida dentro da APA do Delta do Parnaíba, confere-lhe maior proximidade com os objetivos de um turismo ecológico em ambientes naturais protegidos, que incentive sua conservação e busque a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações. Neste cenário, os segmentos turísticos que mais se adequam ao perfil da localidade são o Ecoturismo, o Turismo de Sol e Praia e como já apontado, o Turismo de Esportes.

Em 2007, a praia de Barra Grande passou a ser incluída no Guia 4 Rodas no ano de 2007 como uma excelente opção no roteiro que integra o Delta do Parnaíba. A praia também foi escolhida para ser um dos produtos turísticos nacionais a serem divulgados internacionalmente pela EMBRATUR, conforme mostra a tabela abaixo com a grade de produtos deste órgão, apresentando o respectivo grau de prioridade para os produtos piauienses. Os produtos turísticos que obtiverem a pontuação de 26 a 30 são considerados de altíssima prioridade para promoção internacional; de 20 a 25 tem muito alta prioridade; entre 15 e 19 tem alta prioridade; de 9 a 14 tem média prioridade, com promoção em mercados específicos juntamente com ações de estruturação de produto e desenvolvimento; os que alcançarem pontuação de 5 a 9 são considerados de baixa prioridade, necessitando desenvolvimento para ser considerado na promoção internacional.

<b>NOME DO PRODUTO</b>	<b>DO DESTINOS</b>	<b>VALOR REAL</b>	<b>SEGMENTO/ PRODUTO FOCADO</b>	<b>NICHOS DE MERCADO /GRUPOS DE CONSUMO</b>
Parque Nacional da Serra da Capivara Patrimônio Mundial	São Raimundo Nonato, Brejo do Piauí, Coronel José Dias, João Costa	22,0	Cultural	Arqueologia
Ecoturismo no Delta do Parnaíba	Parnaíba, Luís Correia, Ilha Grande do Piauí	11,7	Ecoturismo	
<i>Kitesurf</i> no Litoral	Cajueiro da Praia, Luís Correia e	9.8	Aventura	<i>Kitesuf</i>

do Piauí		Parnaíba			
Negócios Teresina	em	Teresina	8,9	Negócios, eventos,e incentivos	Compras
Parque das Sete Cidades	Nacional	Pedro II, Piripiri e Piracuruca	6,8	Ecoturismo	

Quadro 3 - Grade de Produtos Turísticos 2009 (Piauí) - EMBRATUR  
Fonte: EMBRATUR,2009

Os dados acima sinalizam que o crescimento do turismo em Cajueiro da Praia, em especial na praia de Barra Grande, tendencia a ampliar sua visibilidade e participação no mercado, pois, além das ações ministeriais já citadas neste estudo, o município vem recebendo olhares e atenção do principal órgão nacional que planeja e executa as ações para promover os produtos turísticos brasileiros internacionalmente, a EMBRATUR. Para a turista francesa P.L, 30 anos:

De todo o litoral piauiense, o que realmente me encantou e me faz acreditar que o Piauí tem condições de consolidar o turismo no seu litoral é o que eu vi em Barra Grande. Para mim, é o melhor produto que o Piauí tem no litoral atualmente e precisa apenas de algumas melhorias estruturais para ser comercializado no cenário internacional.

As outras possibilidades de exploração da atividade turística em Barra Grande, além do esporte *kitesurf*, são as atividades de caminhada e canoagem, através dos passeios às Ilhas das Garças, das Cabras, do Camaleão, a mais famosa, a trilha dos Cavalos-marinhos. De acordo com Barbosa e Perinotto (2010, p.7):

Além do cavalo marinho, a trilha oferece contato direto com a fauna e flora existente. Segundo alguns turistas, não seria apenas o cavalo-marinho que os deixa fascinados, mas o conjunto da beleza vista durante o trajeto como: crustáceos, diversas aves, mariscos, peixes e inclusive a vegetação nativa, especialmente o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*) que, unidos, incrementam o passeio.

Destacam-se ainda como opções de passeio, a pesca amadora e observação do peixe-boi marinho na sede do município. No estuário do Rio Camurupim/Cardoso o passeio de canoa, aproveitando a vazante das marés como se fossem corredeiras, é um

atrativo de grande potencial, mas pouco explorado, apesar do acompanhamento e aposta dos condutores locais.

Estes passeios só vieram a ser ofertados a partir de 2005, quando da criação da primeira associação de condutores, a BARRATUR. Segundo o ex presidente desta associação Marcos Cazuzá:

Até 1990 aqui não era feito nenhum passeio, só tinha a praia mesmo. Os passeios só começaram mesmo com a criação da nossa associação. Quando nós iniciamos o único roteiro era o da Ilha do Camaleão, que hoje não existe mais porque realmente não desperta mais interesse, já que a idéia era levar o turista num barco que a gente mesmo remava e quando chegava em frente a praia de Macapá a gente ficava mostrando um monte de galho seco e pedindo que o turista imaginasse formas de figuras. Hoje isso perdeu o sentido. Após uma pesquisa sobre o cavalo marinho que uma estudante veio fazer, foi criado o roteiro do Cavalo Marinho, que até hoje é o que faz mais sucesso. Além do cavalo marinho, nós também oferecemos o passeio da Ilha das Garças, a trilha das ostras e o Fraldão.

Neste passeio oferecido aos turistas é possível conhecer as ilhas, bem como ver de perto o cavalo-marinho, o peixe quatro-olhos e os pássaros típicos da região, como o Tamatião, o Siriroca e as Garças. Podem ser observadas as cinco variedades de mangue (manso, vermelho, botão, Siriba e canoé), bem como podem ser apreciados o trabalho dos catadores de caranguejo e os criatórios de ostras (BARRATUR, 2010).

Tipo de passeio	Caracterização
Passeio do Cavalo Marinho	Passeio de canoa <sup>17</sup> no estuário do Rio Camurupim, podendo ser observado o cavalo marinho ( <i>Hippocampus heide</i> ) em seu habitat natural, além de crustáceos, moluscos e aves estuarinas.
Passeio por do sol	Passeio de canoa para contemplar o por do sol no estuário do Rio Camurupim e observar com auxílio de lanternas as aves estuarinas no igarapé da Ilha das Garças.
Trilha das Camboas	Caminhada realizada nas margens do mangue, durante a maré baixa para observação de moluscos bivalves: ostras, tariobas, mariscos, sururus e crustáceos: siri, aratus e caranguejos, podendo observar também as aves estuarinas.

<sup>17</sup> A canoa utilizada nos passeios é de propriedade da Associação de Condutores e feita de madeira aproveitada.

- Pescarias esportivas
- no estuário do Rio Camurupim;
  - nos arrecifes da praia de Barra Grande;
  - de canoa em alto mar.

#### Quadro 4 - Passeios turísticos ofertados em Barra Grande

Fonte: Associação Nativos,2010

Os passeios ecológicos são organizados por duas associações de condutores, a BARRATUR e a NATIVOS – Arte e Turismo. Após a criação da BARRATUR, que atualmente possui dez condutores, a segunda associação foi fundada em 2009, contando com um quadro de doze associados, sendo todos da comunidade local. Todos os condutores são do sexo masculino, com faixa etária entre 18 e 30 anos, com nível escolar fundamental concluído. Nas duas associações de condutores são comercializados os mesmos passeios e roteiros turísticos, buscando valorizar os atrativos naturais existentes. Os passeios têm duração média de três horas.



Figura 11 – Passeio do Cavalinho Marinho(Rio Camurupim)

Fonte: Associação Nativos,2010

As duas associações desempenham um importante papel em prol do desenvolvimento turístico sustentável local. Os condutores organizam, disciplinam as visitas como uma forma de mostrar detalhadamente o valor daquela biodiversidade, de

proteger a fauna dos predadores e, ao mesmo, tempo, fazer desse pedagógico *tour* ambiental um meio de gerar renda para os moradores.

Tiveram participação nesse processo as entidades SEBRAE, SETUR, SENAI e IABS, que ofereceram, inicialmente, apoio às duas associações no planejamento e ordenamento das suas ações, com a oferta de cursos sobre atendimento, primeiros socorros, turismo em áreas naturais e sustentabilidade, além de prestar informações técnicas sobre o *Hippocampus reidi*, mais conhecido como Cavalo Marinho.

Os valores cobrados pelos passeios foram estabelecidos de acordo com a média cobrada pelos demais passeios ecológicos oferecidos no litoral do Estado, respeitando as condições e estruturas locais. A seguir apresenta-se a tabela dos valores cobrados pelos passeios da Associação Nativos, ressaltando que os preços estabelecidos para a Associação BARRATUR são os mesmos.

<b>Quantidade de Pessoas</b>	<b>de</b>	<b>Valor R\$(por pessoa)</b>	<b>Ad: Carroça</b>	<b>Valor Total</b>
01		R\$ 40,00	+ R\$ 10,00	R\$ 50,00
02		R\$ 50,00	+ R\$ 15,00	R\$ 65,00
Grupos(a partir de 03 pessoas)		R\$ 20,00	+ R\$ 20,00	R\$ 40,00

Quadro 5 - Valores cobrados pelo passeio de canoa  
Fonte: Associação Nativos,2010

<b>Quantidade de Pessoas</b>	<b>Valor R\$</b>
De 10 a 20	R\$ 15,00

#### **Estudantes**

<b>Grupos</b>	<b>Simple</b>	<b>Almoço Incluso</b>
De 10 a 40	R\$ 4,00	R\$ 10,00
Circuito Rápido	R\$ 3,00	

Quadro 6 - Valores cobrados pelo passeio de trilha  
Fonte: Associação Nativos,2010

A iniciativa de criação de duas associações de condutores locais é louvável, pois, segundo o morador e condutor local D.S.:

Nesse aspecto, é bom dizer também que a relação entre turistas e comunidade mudou. Há uns dois, três anos atrás acontecia muito de a pessoa chegar e só desfrutar da praia. Hoje a gente conhece pessoas que vem há 15 anos na comunidade e que não conhecia a rua ao lado. Iam pra praia, conheciam a casa onde ficavam e ficavam nesse trajeto casa praia. Hoje em dia muitas pessoas vêm e acabam procurando os passeios, querem conhecer a comunidade dos habitantes, do modo de sobrevivência daqui.

Embora ofuscados, é possível contabilizar impactos positivos, como relata o condutor. Os passeios ofertados pelas duas associações de condutores se mostram como bons exemplos, principalmente no que se refere à educação ambiental, pela maneira como eles vem sendo operacionalizados, desde o momento em que prestam as informações aos turistas sobre a preocupação com a não degradação do local e o passeio em si, que promove uma exploração racional e sustentável dos recursos disponíveis na região.

Neste contexto, Leff (1998, p.247) aponta que:

Na educação ambiental confluem os princípios da sustentabilidade, da complexidade e da interdisciplinaridade. [...]A transição para a sustentabilidade, fundada numa racionalidade ambiental, implica pensar a complexidade no processo de produção.

Assim, pensar em um desenvolvimento turístico sustentável é priorizar a proteção dos recursos, como vem sendo feito pelos condutores em Barra Grande. Além disso, a criação das associações promove a inclusão dos moradores na prática do turismo, e, desperta nos mesmos a preocupação e o interesse pela proteção das suas áreas naturais, já que, mesmo estando em uma APA, o que já ajuda na imposição de limites de exploração turística, a fiscalização é precária. Os próprios moradores sentem a necessidade de se organizarem em associações para traçar as estratégias de defesa.

Tanto a BARRATUR como a NATIVOS lutam pela garantia de sua sobrevivência, pois o fluxo de turistas ainda não consegue resultar lucros para seus integrantes, a ponto de fazer os mesmo se dedicarem apenas a essa atividade, como afirma o condutor Evandro Silva, de 27 anos: “Só do turismo ainda não dá pra viver”. Ambas associações sentem falta de uma maior participação do poder público municipal nas suas ações. Segundo o condutor D.S, 23 anos, “a única ajuda que a Prefeitura fornece é a concessão de um prédio público para funcionamento da Nativos.”

Podemos observar através do depoimento acima o grau de descontentamento da população com a gestão municipal, uma vez que, em outras localidades, a prefeitura ceder um espaço para funcionamento de uma associação já seria uma grande contribuição, o que, em Barra Grande, eles não conseguem identificar como um benefício significativo.

Além disso, fica notório o alto grau de dependência dos moradores para com o poder público local, o que é um comportamento comum na maioria das localidades turísticas. A população se sente incomodada com as mudanças negativas que estão acontecendo, porém poucos são os que se engajam de forma pró-ativa, de forma a romper esse vínculo de estarem sempre na condição de reféns desse processo

Sobre o fluxo de visitantes registrado das associações para a realização dos passeios nas associações, o gráfico abaixo nos apresenta alguns dados que servem como instrumentos para um melhor planejamento turístico das suas ações. As informações foram fornecidas pela Associação Nativos.

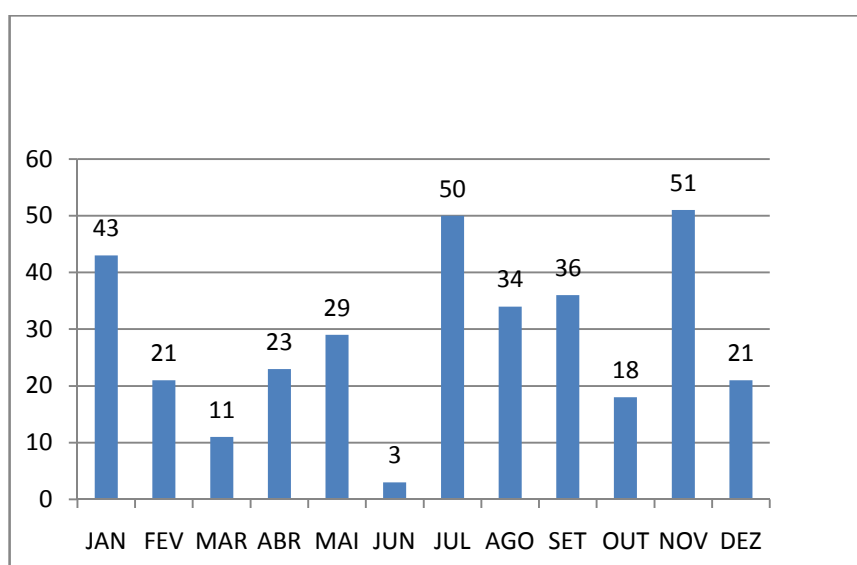


Gráfico 1 - Fluxo de visitantes para passeios ecológicos em 2009 na Associação Nativos  
Fonte: Associação Nativos, 2010

Pelo gráfico acima, podemos identificar notoriamente que o pico de visitação se concentra nos períodos de férias, que coincidem com a alta temporada, nos meses de Julho, em primeiro lugar e, Janeiro, em segunda colocação. O mês de Novembro, embora não se configure como época de alta estação, registra altos índices em



decorrência da forte incidência dos ventos neste período, atraindo turistas interessados na prática do *kitesurf*.

Na época de alta estação, quando o fluxo cresce, a atenção com o meio ambiente precisa ser redobrada, uma vez que a presença de muitos turistas poderia despertar o interesse apenas em ganhar mais dinheiro. No entanto, os condutores mantêm um planejamento no qual só se permite fazer o passeio nos horários adequados (em função da maré) e com uma quantidade limitada de pessoas por canoa (em média cinco).

Não é permitido saírem mais de dois passeios ao mesmo tempo, principalmente na trilha do cavalo marinho. Quando acontece de ter um terceiro grupo de turistas, é preciso aguardar o retorno de algum dos que já iniciaram o trajeto.

No ano de 2009, a Nativos atendeu 340 turistas. Desse total, 14% são estudantes e 86% possuem ocupações diversas, sendo ainda desse total um índice de 9% provenientes de outros países, em especial do continente europeu, da França e Itália.

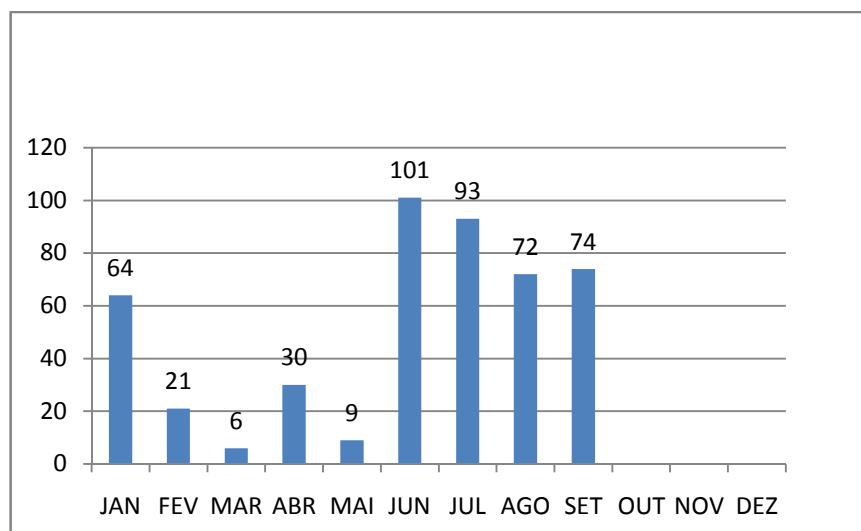


Gráfico 2 - Fluxo de visitantes para passeios ecológicos em 2010 na Associação Nativos  
Fonte: Associação Nativos, 2010

Neste outro gráfico, que aponta dados do ano de 2010, podemos perceber que no mês de Janeiro houve uma queda no volume de visitação. Acredita-se que as situações adversas ocorridas no Reveillon 2010, em especial a falta de luz por um período de mais de 24 horas consecutivas tenha refletido de forma negativa o suficiente para promover uma retração na demanda, que pode ter optado visitar outros destinos com melhor

infraestrutura, evitando ter aborrecimentos em suas viagens de lazer no principal período de férias.

De acordo com o condutor D.S, “os problemas que aconteceram durante o réveillon 2010 mancharam nossa imagem e, acho que isso, de certa forma contribuiu para diminuir a quantidade de pessoas que procuraram por nossos passeios”.

Percebe-se ainda uma significativa evolução no número de visitantes em relação ao mês de Junho de 2009 e em 2010, tendo registrado um acréscimo de 98 pessoas, permanecendo o pico nos meses de férias, como Janeiro, Junho e Julho. De uma forma geral, até o mês de Setembro de 2010 foram contabilizadas 470 turistas que realizam os passeios ecológicos oferecidos pela Associação Nativos, demonstrando um crescimento de 88%. Esse número já supera os índices de 2009, demonstrando crescimento do turismo local.

É importante registrar que a presença de turistas estrangeiros, dispostos a realizar passeios ecológicos é constante, e o fato dos condutores não falarem outros idiomas dificulta a comunicação, que, na maioria das vezes acontece através de mímicas, o que compromete a qualidade do serviço prestado.

Os condutores têm consciência dessa limitação e já fizeram um curso de noções básicas de inglês, ofertado pelo SENAC. Mesmo assim, a deficiência permanece, pois os cursos são de carga horária pequena e não tem continuidade. Outro dado apontado pela pesquisa é que o passeio de canoa é bem mais procurado (63%) do que o passeio de trilhas(37%).

Apesar do crescimento do fluxo de visitantes que realizaram passeios, a questão da sazonalidade é preocupante, pois durante os meses de pouca visitação, os condutores precisam ter outras ocupações. Ainda segundo o condutor de turismo local D.S:

Ainda não dá pra sobreviver só com o turismo. No caso do nosso trabalho tem a sazonalidade, a gente procura até certo ponto manter ao máximo o trabalho que estamos desenvolvendo. No momento que a gente vê assim que já ta caindo, a gente vai ter limite e tem experiências de pessoas que fazem até parte da Nativos que acabaram indo pra fora e que hoje retornaram de novo. Então assim, a gente vê que de repente tem como crescer dentro da própria comunidade, entendeu, ou trabalhando com turismo ou com outra atividade ligada ao turismo.

Observa-se que, embora insatisfeito com outras questões, como relatado anteriormente, o condutor acredita no potencial do turismo existente na região como fator de desenvolvimento para a localidade.

No aspecto da comercialização do turismo, percebe-se pouco interesse da iniciativa pública local em promover uma maior divulgação do local. A Secretaria Estadual de Turismo é quem melhor divulga a praia de Barra Grande, através do material promocional turístico do Piauí e também através da participação em eventos turísticos, a exemplo da BNTM – *Brazil National Tourism Market*, da Bolsa Nacional de Turismo do Mercosul (Santa Catarina), Feira BRAZTOA (São Paulo), Salão do Turismo (São Paulo), Festival De'la Creativité (Itália) e a Feira das Américas - ABAV.

De acordo com o diretor de marketing da Secretaria Estadual de Turismo, Sr. Marcos Bona, “Durante a nossa última participação na Feira da ABAV em 2010, além do nosso material impresso, o estande do Piauí ostentou fotos dos nossos principais destinos turísticos, dos quais Barra Grande ocupou o local de maior destaque”, afirma. Ele acrescenta ainda:

Sabemos que esse evento é uma vitrine para mostrarmos nossos destinos aos agentes e operadores de viagens do Brasil e dos principais países da América Latina e incentivar a comercialização dos mesmos. Nós utilizamos sempre o Delta do Parnaíba, o Parque Nacional Serra da Capivara e a capital Teresina como nossos principais carros-chefe e agora, incluímos Barra Grande, por estarmos certos do grande valor turístico daquele destino.

As próprias agências receptoras do Estado do Piauí, em especial do litoral, só recentemente tem despertado o interesse em ofertar pacotes para Barra Grande. Em geral, os turistas chegam ao destino por conta própria, sem o auxílio de empresas intermediadoras.

Por um lado, essa divulgação ainda incipiente pode ser percebida e analisada de forma positiva, ao considerarmos que apesar de possuir uma estrutura mínima para receber o turista, não é oportuno o incentivo ao turismo massivo na praia de Barra Grande, pois traria sérias conseqüências socioambientais na localidade. Além disso, os bares e restaurantes locais, em especial os localizados à beira mar, que já apresentam

sérias deficiências quanto à prestação de seus serviços, teriam seu nível de qualidade ainda mais comprometido recebendo um fluxo maior de visitantes.

Além do aspecto promocional, a gestão municipal deve dar um direcionamento à causa do turismo com maior empenho. O Plano de Fortalecimento da Gestão Municipal do município de Cajueiro da Praia, de 2009, encomendado pela Secretaria Estadual de Turismo demonstra que o município não exerce de forma satisfatória o planejamento, a gestão e o monitoramento da atividade turística, em especial para Barra Grande.

Segundo o documento, ainda que a municipalidade demonstre sensibilidade para o desenvolvimento do turismo como vocação local e busque atuar para resolução de problemas pontuais relativos ao setor, sob o ponto de vista da gestão estratégica, não conta com uma política própria para o setor e nem mesmo com um plano de desenvolvimento do turismo para o município.

É importante destacar que apenas a praia de Barra Grande foi contemplada com um planejamento exclusivo para o setor turístico, através de uma parceria entre o SEBRAE PI e a Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, resultando o Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande 2008-2013, cuja visão de futuro estabelecida foi: “Ser modelo de turismo sustentável no Estado do Piauí.” Além disso, o plano possui a missão de “Levar os turistas a conhecerem os recursos naturais e culturais de Barra Grande resultando em um maior desenvolvimento local.” Os principais objetivos do plano são: diminuir a sazonalidade, melhorando os impactos positivos do turismo para a economia local; aumentar a satisfação do turista que vem a Barra Grande objetivando assim o seu retorno; gerar mais renda e mais emprego para a população local (Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande, 2007, p.5).

A visão de futuro apresentada no plano de Barra Grande “Ser modelo de turismo sustentável no Estado do Piauí” se apresenta como uma utopia, quando consideramos a quantidade de impactos negativos e as formas equivocadas como o turismo vem se desenvolvendo na região desde que o plano foi criado. O plano tem um prazo de vigência que vigora até 2013. Restam, portanto, dois anos para corrigir as falhas rumo a um novo direcionamento turístico na localidade.

No processo de diagnóstico sobre o turismo na praia de Barra Grande, o plano considerou os seguintes aspectos:

## AMBIENTE INTERNO

### PONTOS FORTES

### PONTOS FRACOS

Relação entre as pessoas	Parte da população que critica e não participa
Aspirações do povo	Divulgação lenta para descobrir Barra Grande
Comunidade se mobilizando para buscar melhorias locais	Inexistência de transportes diretos das cidades próximas para Barra Grande
Existência de um grupo que já tem ações	Infraestrutura(abastecimento de água tratada e regular, esgotamento sanitário, energia precária, iluminação pública, telefonia fixa e móvel)
Criação da Secretaria Municipal de Turismo	Inexistência de “pacotes” que viabilizem a vinda dos turistas
Atrativos naturais em bom estado de conservação	Falta de estrutura de saúde e segurança, principalmente durante a alta estação
Existência de iniciativas organizadas em prol da preservação ambiental	Rivalidade entre comerciantes(principalmente barraqueiros)
Apoio já existente do SEBRAE, IBAMA, Poder Municipal e Secretaria Estadual de Turismo	Inexistência de material informativo e promocional sobre Barra Grande
Plano Diretor participativo	Posto de Informações Turísticas deixando a desejar
Existência da BARRATUR com existência de passeios e de guias de turismo	Serviços de baixa qualidade
Potencial para a prática de esportes a vela	Desinformação popular

Quadro 7 - Análise do Ambiente Interno do Turismo em Barra Grande

Fonte: Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande 2008-2013

A análise do ambiente interno sobre Barra Grande apresenta constatações que são bons sinais para o seu desenvolvimento. Podemos destacar a vontade de participação de alguns membros da comunidade em querer colaborar com o crescimento da localidade, a existência de instrumentos de planejamento, como o Plano Diretor,

além do Plano de Fortalecimento da Gestão Municipal e atualmente, o PDITS Polo Costa do Delta. A existência da BARRATUR, agora se fortalece com a chegada da associação Nativos. É importante ressaltar ainda o bom estado de conservação dos recursos naturais, mostrando que ainda é possível promover um turismo com preservação.

Quanto aos seus pontos fracos, podemos evidenciar a questão da infraestrutura local, em relação a todos os setores: saúde, transportes, alimentação energia, abastecimento de água, iluminação, telefonia, dentre outros. Outro aspecto que soa muito negativamente para a imagem da praia é a falta de um efetivo sistema de informações turísticas, com material informativo sobre o local, anunciando as opções de passeio.

A divulgação do local, apesar de precária, se mostra adequada para receber o fluxo de turistas atual, uma vez que promover o local e atrair um turismo massivo, superlotando a praia, não é uma opção propícia à localidade, que ainda não dispõe de estudo de capacidade de carga, não conta com uma boa quantidade e qualidade de serviços e, além disso, não se identifica com o perfil e a vocação da localidade.

## **AMBIENTE EXTERNO**

### **PONTOS FAVORÁVEIS**

### **PONTOS DESFAVORÁVEIS**

Atuação do Ministério do Turismo (ações globais);	Falta de divulgação do turismo no Brasil
Existência dos órgãos estaduais de turismo (PIEMTUR e SETUR) e meio ambiente;	Estradas com má conservação
Investimentos governamentais como a reforma do aeroporto de Parnaíba, construção de estradas, etc.	Poluição e contaminação ambiental
Apoio financeiro governamental para estruturação das necessidades locais	Falta de investimento nos pólos turísticos principalmente em termos de infraestrutura
Apoio do SEBRAE na capacitação da mão-de-obra local e na informação turística	Descumprimento da legislação turística
Crescimento do número de praticantes de esportes a vela como o <i>kitesurf</i>	Câmbio desfavorável em relação ao dólar

Crescimento do número de ecoturistas a nível mundial

Quadro 8 - Análise do Ambiente Externo do Turismo em Barra Grande  
Fonte: Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande 2008-2013

Em relação ao ambiente externo, a intervenção do Ministério do Turismo através da liberação de recursos para melhorias na infraestrutura, bem como no processo de criação das instâncias de governança local, é muito importante. Além disso, o SEBRAE tem dado um apoio de grande relevância no processo de desenvolvimento de Barra Grande. Além disso, é preciso destacar o crescente interesse pelo turismo em áreas naturais, valorizando os segmentos de ecoturismo, turismo de aventura e turismo náutico em Barra Grande.

Quanto aos aspectos desfavoráveis, podemos citar o pouco investimento com o marketing internacional, além de aspectos estruturais, como, por exemplo a sinalização das principais rodovias que ligam a capital Teresina ao litoral do Estado, onde a praia de Barra Grande e o município de Cajueiro da Praia não são mencionados, dificultando a ida de turistas.

O Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande – 2008-2013, desenvolvido em processo participativo pelo SEBRAE-PI em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, não está sendo implementado, seja por falta de engajamento da comunidade em sua implementação, seja por falta de condições instaladas por parte da administração municipal (Projeto de Fortalecimento da Capacidade Municipal do Pólo Costa do Delta, 2009).

É lamentável que exista um documento norteador do planejamento para o turismo em Barra Grande e não esteja sendo utilizado. Enquanto alguns destinos pleiteiam ter o seu Plano Estratégico, em Barra Grande o mesmo é engavetado. A comunidade, apesar de ter participado na construção desse documento, não está acompanhando sua continuidade e execução a contento. O setor público, por sua vez, se não receber as cobranças da população, deixará o tempo se estender sem realizar as ações previstas no referido documento.

Para a comunidade de Barra Grande, muitas mudanças ocorreram e alteraram seus hábitos. Por exemplo, se antes o lazer era os turistas freqüentarem o local dos nativos, hoje, o lazer dos moradores, com exceção da quadra poliesportiva, é muito

associado ao turismo, através da realização de eventos, como o BarraJazz Festival que aconteceu em 2009, 2010 e 2011.



Figura 12 - Adolescentes jogando bola na quadra central  
Fonte: Daniela Ferreira, 2010

A quadra, que fica situada na entrada da localidade, em frente à igreja católica, é freqüentada diariamente por adolescentes, em especial os homens, que jogam futebol, na maioria das vezes no fim da tarde. Segundo a moradora O.G, 59 anos:

O único lazer desses meninos daqui é a quadra e uma ou outra festa quando acontece aqui, em geral, na época das férias, quando tem mais turistas. Não tem mais opção. Fica tudo dependente do turismo praticamente, até porque nossas festas tradicionais estão morrendo, o que é uma pena.

É fundamentalmente a presença dos turistas que justifica a contratação de bandas para realização de festas. Não existem locais para realização de eventos no município e as apresentações de artistas ou a montagem de equipamentos de som para sua realização são feitas nas praias ou nas próprias pousadas. As festas que acontecem nas pousadas



não contam com a presença dos moradores, que se sentem excluídos pelo tipo de música, ou pelos preços cobrados dos serviços, como relata o pescador F.S.:

Nos últimos dois anos (2008 e 2009), no período do carnaval, a pousada Ventos Nativos sediou a realização de um evento denominado Barra Grande Jazz Festival, mas onde a gente praticamente não tinha como entrar. Ficou esquisito acontecer um evento aqui e a gente não participar. Além disso, os cantores que vieram ninguém nunca tinha ouvido falar.

O evento repercutiu em sites nacionais, como o UOL, que postou a seguinte notícia:

Programado para os dias 23 e 24 de fevereiro de 2009, o Festival de Jazz e Blues de Barra Grande, o Barra Jazz, será uma das grandes atrações para o período das festas de Momo no litoral do Piauí. O festival será realizado no povoado Barra Grande, cuja praia é um dos lugares mais bonitos e requisitados do litoral piauiense. "É um festival de jazz e blues, sendo mais uma opção para quem for a Barra Grande durante o período do carnaval", explica um dos organizadores do festival, músico Ferdinand Melo. O evento trará ao Piauí nomes como o guitarrista americano James Wheeler e o músico brasileiro Rodrigo Eisinger. Além de boa música para os turistas e visitantes, o festival também promoverá oficinas de música para a comunidade de Barra Grande. "Serão realizados workshops de música durante o dia. O evento tem o patrocínio do Governo do Piauí; da Secretaria Estadual de Turismo, Setur; da Piauí Turismo, Piemtur; da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia, e apoio cultural do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Sebrae no Piauí. (www.ecoviagem.uol.br, 17/02/2009).

Apesar do evento incluir na sua programação *workshops* de música para a comunidade, entende-se que o BarraJazz não foi planejado para ser uma opção de lazer para os moradores, mas exclusivamente direcionado a um público elitizado, que tem afinidade com o gênero musical jazz, portanto, um evento muito seletivo, o que provoca o descontentamento por parte de alguns moradores, como relata o condutor D.S. 23 anos:

Assim, teve a famosa maquiagem, então, essa maquiagem foi como: teve uma parte aberta pra comunidade que seria a parte de envolvimento da comunidade, mas não houve essa participação. A questão é que aconteceu um evento que ninguém sabia, o que deixou todo mundo

chateado. Além disso, a comunidade não é acostumada com esse tipo de música.

Em relação à infraestrutura urbana, a praia de Barra Grande conta com rede pública de abastecimento d'água, onde são atendidos em média 786 domicílios. Porém, é preciso ressaltar que a água distribuída pela AGESPISA só chegou em Barra Grande em 2001, e, mesmo assim, não é de boa qualidade.

De acordo com o Plano Diretor do município (2008), em Cajueiro da Praia apenas a sede municipal e o povoado de Barra Grande contam com rede pública de abastecimento d'água, que é operada pela empresa de Águas e Esgotos do Piauí S/A - AGESPISA. Na sede municipal são atendidos 786 domicílios e um número semelhante em Barra Grande. O sistema em Cajueiro da Praia é extremamente precário. Existem seis poços e, no entanto, apenas um funciona: um poço do tipo cacimbão, muito raso - com profundidade aproximada de três metros e meio - do qual não se tem informação da capacidade de vazão. A água é bombeada do poço diretamente na adutora, sem qualquer tratamento.

Nestas condições, não há qualquer segurança de qualidade da água fornecida. A captação da água em lençol freático a grande permeabilidade do solo na região comprometem seriamente a segurança do serviço. A aparência da água, entretanto, é boa, quase sem nenhuma turbidez. Muitos povoados são atendidos por chafarizes, alguns ainda dependem da água distribuída por carros pipa. Mesmo na sede do município e em Barra Grande, que dispõem de rede pública de abastecimento d'água, existem chafarizes. Em Barra Grande, entretanto, estão desativados. A água distribuída no povoado de Barra Grande provém de poços no povoado de Barrinha (Plano Diretor de Cajueiro da Praia (2008, p.112).

Sobre essa questão, o médico teresinense Dr. Luiz Airton, que também é freqüentador da praia há muitos anos, depõe com indignação:

Mesmo diante de toda esta beleza, a população enfrenta problemas no local: a água é de péssima qualidade, barrenta, amarelada e chega às casas somente algumas horas pela manhã. O local de colheita da água é inseguro, não há cerca que o proteja de animais como gambás, porcos e jumentos, que passeiam livremente por lá, provavelmente contaminando-a. Parece que a Agespisa não se incomoda com essa contaminação. Turistas ricos bebem água mineral, mas a população utiliza essa água para beber, cozinhar e lavar suas roupas. A água no

sifon é amarelada, que parece deixá-lo constantemente sujo e as roupas brancas ficam manchadas ao serem lavadas.



Figura 13 - Placa com anúncio de venda de água da AGESPISA de Parnaíba  
Fonte: Daniela Ferreira, 2010

Essa questão da água, conforme relata o Dr. Luiz Airton em seu manifesto é de grande preocupação, não apenas para o turista que frequenta Barra Grande, mas para sua população. Como a água de Barra Grande é imprópria para o consumo, as pessoas que têm uma melhor condição financeira pagam para ter acesso a água de qualidade, da Águas e Esgotos do Piauí S.A - AGESPISA, vinda de Parnaíba. 10 litros de água é vendido a R\$ 1,25; 20 litros custa R\$ 2,50 e 200 litros custa R\$ 18,00, como mostra a figura acima.

Quanto à energia elétrica, de acordo com moradores locais, a distribuição não atende satisfatoriamente todo o povoado em função da estrutura precária oferecida pelo órgão responsável no estado, a Eletrobrás Piauí. Além disso, eles destacam que é muito frequente a improvisação de pequenas redes alternativas e gambiarras, como mostra o depoimento do Dr. Luiz Airton:

O fornecimento de energia, mesmo com a exemplar assistência de um único funcionário da CEPISA (hoje Eletrobrás), que reside em Camurupim, sofre apagões inexplicáveis. Independente das intempéries da natureza, a luz vai embora. É o temor dos donos de restaurantes, que saem pelas ruas correndo desesperados, procurando alguém que tenha um gerador e local para guardar suas carnes antes que estraguem quando a luz some. A luz é a condição mínima para existência humana e sua falta nos envergonha quando vemos turistas, nas altas temporadas, andarem a esmo, sem ter aonde ir, numa noite de *reveillon*.

No aspecto da segurança, apesar do aumento da chegada de turistas, os índices registrados ainda não são alarmantes, como se verá adiante. A praia de Barra Grande segue a realidade do Estado do Piauí, que está situado entre aqueles que apresentam de 5 e 16 homicídios por cada 100 mil habitantes, o que corresponde ao menor índice apresentado no contexto nacional, segundo informações do IBGE (2010). Apesar de alguns moradores mais antigos registrarem queixas sobre o aumento nos índices de furtos e roubos locais, a segurança não se configura um fator limitante para o turismo, nem exige medidas enérgicas no contexto atual.

Esse cenário de tranquilidade e calma constitui o principal motivo de atração do turista para Barra Grande. As ações de planejamento, portanto, são imprescindíveis na manutenção dessa realidade, uma vez que é possível exercer controle sobre o crescimento, quando há uma efetiva participação da gestão pública, bem como da comunidade. Sem dúvida, num curto prazo, muitas mudanças ainda ocorrerão e, se o local continuar despreparado para atender o turista, em pouco tempo, a visitação deixará de acontecer e o destino entrará em declínio. Para a turista F.M, 27 anos, de São Paulo:

Barra Grande tem que continuar como está, porque é isso que chama o turista: essa calma, esse silêncio, o sossego. Desde 2008, eu venho sempre aqui nas minhas férias e nunca vejo violência. É uma tranquilidade e uma maravilha para quem quer sair dos grandes centros urbanos.

#### 4.2 A CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO EM BARRA GRANDE

O sistema turístico pode ser definido como o conjunto de elementos, que, de maneira interligada e interdependente compõem a dinâmica da atividade turística nas

localidades. Poon (1994) considera que o sistema turístico é formado por quatro elementos: os produtores, os distribuidores, os facilitadores e os consumidores.

Neste sistema turístico, é preciso existir um ordenamento, definindo responsáveis, ações, processos, e a forma como a produção ocorrerá até chegar ao usuário final, ou seja, é preciso conhecer a cadeia produtiva do lugar. Sendo assim, Cooper et al (1998, p. 18), define: “a cadeia produtiva é a integração dos processos do negócio desde o usuário final até os fornecedores originais que proporcionam os produtos, serviços e informações que agregam valor ao cliente.”

Uma cadeia produtiva é, portanto, uma rede de atividades de produção, comércio e serviços funcionalmente integrada, cobrindo todos os estágios de uma cadeia de suprimento, desde a transformação de matérias-primas, passando pelos estágios intermediários de produção, até a entrega do produto acabado, ao mercado. A cadeia é concebida como uma série de nós, ligados por vários tipos de transações

Em Barra Grande, não há um ordenamento e definição de papéis entre os atores envolvidos na atividade turística local. Falta articulação entre os diversos setores locais, como o comércio, os restaurantes, os hotéis e as agências de viagens. Aos poucos, os setores componentes da cadeia produtiva do turismo local estão crescendo, porém de forma individualizada, o que não favorece um desenvolvimento turístico consolidado e bem posicionado mercadologicamente.

A cadeia produtiva do turismo é a própria atividade do turismo tomada em seu conjunto. Abrange diversos segmentos da economia, além dos segmentos diretamente relacionados como Marketing e Serviços Turísticos, Agenciamento de Viagens, Transporte, Hotelaria, Gastronomia, Entretenimento e Lazer, Eventos e Conferências, Atrações Culturais e Ecológicas; os setores de infra-estrutura básica e serviços públicos (saneamento, abastecimento de água e energia, telecomunicações, segurança e saúde) e o comércio em geral têm forte interação com o setor (CNI, 1998, p. 5).

Na visão de Souza (1998, p. 1),

A cadeia turística pode ser definida como: o conjunto das empresas e dos elementos materiais e imateriais que realizam atividades ligadas ao turismo, com procedimentos, idéias, doutrinas e princípios ordenados, coesos e afins, para conquista dos seus mercados estratégicos respectivos, utilizando-se de produtos competitivos. O objetivo final das atividades é o aumento do fluxo de pessoas que se deslocam para

determinada área receptora, do seu grau de participação nas várias atividades de recreação, da oferta de unidades de alojamento, das taxas de ocupação dessas unidades, dentre outros. Diferentemente de outras cadeias, na atividade turística o momento da produção coincide com o da distribuição e, muitas vezes, com o do consumo também, e esses aspectos dificultam a atuação das partes isoladamente.

Com o despertar de Barra Grande para o turismo, a cada ano, novos empreendimentos relacionados ao turismo na localidade tem surgido, o que serve para fortalecer a cadeia produtiva local, conforme podemos confirmar no depoimento do morador local, M.C.:

O turismo trouxe coisa boa pra cá. Meu irmão, por exemplo, antes não tinha emprego e agora ele criou um cultivo de ostra para atender os restaurantes, porque os turistas pediam. Outro montou um barzinho e assim outros conhecidos da nossa região tem tentado se engajar em algum comércio, embora isso esteja acontecendo de forma muito devagar.

Neste contexto de crescimento, o mercado turístico local tende a tornar-se cada vez mais competitivo, composto por uma variedade de produtos que tentam atender à heterogeneidade da demanda. A gestão local deve tomar posse de informações e estudos sobre o perfil do turista e realizar um planejamento turístico eficaz, que se traduz como o principal instrumento para se conhecer o público alvo, atraí-lo e fidelizá-lo ao destino. Este panorama, apesar de difícil de ser alcançado no panorama real pode ser a chave do sucesso para a consolidação dos produtos turísticos no cenário nacional e internacional.

Apesar da existência de um Plano Estratégico de Turismo, não existem estudos sobre os aspectos mercadológicos da praia de Barra Grande. Os próprios donos das pousadas, até 2009, não registravam a origem dos seus hóspedes, portanto, não obedeciam a legislação turística. No segundo semestre de 2010 esses dados começaram a ser registrados, porém ainda não foram divulgados pelas pousadas. Não havia nenhum conhecimento mais aprofundado sobre o perfil da demanda atual que visita a localidade, e, nem tampouco, sobre a demanda potencial a ser atraída para a praia.

Portanto, compreender a cadeia produtiva do turismo de Barra Grande é estudar o comportamento da oferta e sua relação com a demanda. Neste aspecto, em relação aos

serviços e equipamentos turísticos em Barra Grande, até poucos anos atrás só existiam pousadas com instalações simples de propriedade dos próprios moradores, com a oferta de apartamentos com banheiro e ventilador. Porém, nos últimos anos, as condições ambientais da região têm levado muitos praticantes de esportes radicais, como *kitesurf*, a abrirem as suas próprias pousadas, com um padrão mais elevado, totalizando atualmente treze pousadas.

Segundo o proprietário de uma pousada, M.C:

Hoje, as pousadas que tem surgido em Barra Grande oferecem apartamentos com ar condicionado, TV, frigobar e instalações para guardar os equipamentos do *kitesurf*, atendendo à demanda internacional. Antes, só tinha o Mualém, que oferecia quartos bem simples. Depois que nossas pousadas chegaram aqui, a própria Pousada do Mualém também fez reforma e melhorou seus serviços.

Quanto aos estabelecimentos de hospedagem para atendimento da demanda turística observa-se que até 1980 não existia registro de nenhum na praia. Em 1981 foi fundada a Pousada Mualém, que existe até hoje e pertence a um empresário de Parnaíba. Até 2006 havia apenas cinco pousadas na praia de Barra Grande (COSTA, 2006).

Em 2009, esse número subiu para nove pousadas, totalizando 164 leitos e 52 Unidades Habitacionais - UH (CARVALHO, 2010). Em 2010, já se compatibilizam 13 pousadas, somando 242 leitos. Dessas nove pousadas, duas são de proprietários estrangeiros: um francês, da Pousada Ventos Nativos e um italiano, da Pousada Ventos do Mar. As demais são de empresários piauienses e paulistas. Até o momento, não há nenhuma pousada pertencente a cadeias hoteleiras, como mostra o quadro abaixo:

	<b>NOME</b>	<b>DATA DE INAUGURAÇÃO</b>	<b>NÚMERO DE LEITOS</b>	<b>PROCEDÊNCIA</b>
1	POUSADA DO MUALÉM	1989	60	Mualém(PI)
2	BARRA GRANDE KITECAMP	2005	47	Arisosto Ibiapina(PI)
3	POUSADA PEDAÇO DO PARAÍSO	2005	20	Pedro(PI)
4	POUSADA ROTA DOS VENTOS	2006	18	Toti – (PI)

5	POUSADA DO FRED	2006	16	Fred(SP)
6	POUSADA VENTOS NATIVOS	2007	18	Mathieu Crégut (França)
7	POUSADA VENTO DO MAR	2007	12	Davide Padovan Ana Cláudia Silva(SP)
8	CASA TARTARUGA	2008	15	Fabien (França)
9	PARAÍSO DA BARRA	2009	40	Aurilesssa (PI)
10	CHALÉ ACÁCIA	2009	12	Mila Kataoka(SP)
11	CASA TABOA	2010	16	Philippe(Bélgica)
12	CLALÉS BANDOLEIROS	2010	10	Mila Kataoka(PI)
13	POUSADA ESTRELA DO MAR	2010	8	Tutuca(PI)
TOTAL			242	

Quadro 9 - Meios de Hospedagem em Barra Grande  
Fonte: Elaborado por Ermínia Macêdo, 2010

Percebe-se que apenas em 2010 surgiram três novos empreendimentos hoteleiros na praia de Barra Grande. Esse número pode rapidamente aumentar em função dos investimentos estrangeiros, das ações de incremento, dos atrativos e realização de eventos que exigem uma quantidade cada vez maior de serviços e equipamentos turísticos.

No entanto, apenas oito, dos treze hotéis e pousadas existentes, possuem registro junto ao Cadastro Único do Turismo - CADASTUR<sup>18</sup>, demonstrando a necessidade urgente de uma organização e profissionalização do setor hoteleiro local, quanto à legalização dos serviços prestados junto aos órgãos competentes, pois muitas ainda estavam funcionando até 2009, sem o alvará da prefeitura, o que impede o registro junto ao CADASTUR.

Outro fato que se deve registrar em relação ao funcionamento das pousadas é que muitas compram seus produtos de consumo diretamente de Teresina, Parnaíba e até do Ceará (pescados em geral). É preciso haver um maior estímulo aos arranjos produtivos locais, despertando nos moradores o interesse em investir no setor comercial

<sup>18</sup> O CADASTUR é o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam na cadeia produtiva do turismo, executado pelo MTur, em parceria com os Órgãos Oficiais de Turismo das Unidades da Federação.



da localidade. O comércio local, de fato, com a estrutura que se apresenta hoje, quase sempre, não tem condições de suprir a demanda, como afirma o empresário M.C:

A única opção que nós temos aqui é a padaria de D. Osvailde e, quase sempre, tem muitos produtos em falta. Além disso, compramos em quantidade para baratear os preços. Muitas vezes, eu me junto com o pessoal das pousadas vizinhas para fazer uma compra de atacado.

O nível de qualificação e as perspectivas de empreendedorismo da comunidade ainda se apresentam muito inferiores ao perfil dos empresários que ali tem instalado novos negócios. Os moradores sentem-se intimidados, pois os empreendimentos mais bem estruturados são sempre de propriedade de investidores de fora da região.

Apesar do crescimento no ramo da hotelaria o mesmo não se vê em relação ao setor de alimentos e bebidas do município. O setor de alimentação de Barra Grande é composto por estabelecimentos simples e rústicos, com pratos baseados na gastronomia local, à base de peixes e frutos do mar. Todas as pousadas possuem seus próprios restaurantes, que apresentam uma melhor estrutura em relação aos demais estabelecimentos existentes na localidade, o que faz com que o turista permaneça sempre dependente dos serviços ofertados pelas pousadas e hotéis, como depõe F.S., pescador:

O turista vem aqui, mas ele volta imediatamente encantado. Do jeito que ele vem dentro do carro ele salta do carro e vai pra pousada, ninguém nem sabe quem é, eles ficam tudo lá dentro, não tem contato com a gente não. Depois é que a gente sabe da noticia de que veio aqui.

Essa situação só comprova o fato de que, assim como acontece em alguns destinos turísticos, como, por exemplo, Costa do Sauípe, na Bahia o turista que chega a Barra Grande pouco usufrui dos demais serviços existentes no local, não deixando, portanto, dinheiro nas mãos da população (DIAS, 2003). Os empresários das pousadas mais requintadas são os mais impactados com esse turismo. Podemos perceber isso novamente na declaração do pescador Sr. Francisco, de 58 anos: “Ninguém está se beneficiando com essas visitas, porque quem mais se beneficia são os donos das mais altas pousadas, o dinheiro que aqui entra lá fica e de lá não sai, nem vem pra mão dos habitantes e nem dos comerciantes.”

De uma forma geral, os serviços de alimentos e bebidas apresentam sérias deficiências, pois os donos dos bares, em especial os da orla, vêem os turistas como produtos e estão focados apenas na venda e no lucro. A preocupação com a qualidade dos pratos servidos, o atendimento e a satisfação do turista são relegadas a segundo plano.

As barracas de praia possuem uma estrutura bem precária para atender de forma satisfatória o turista. Embora com todo o crescimento do turismo na localidade, em duas décadas, as barracas à beira mar que são de propriedade dos moradores da praia permanecem praticamente iguais. No entanto, é preciso ressaltar que muitas fecharam, ou seja, enquanto os empresários de fora estão se instalando em Barra Grande e abrindo bares e restaurantes num ritmo acelerado, a população local vai recuando em meio a esse processo. Esse fato nos faz analisar a falta de sensibilidade para o empreendedorismo por parte da população, que, cada vez se vê refém dos empresários externos. Na figura que segue ver-se-á uma foto dos bares da orla datada de 1980 e outra foto datada de 2010.



Figura 14 – Estrutura dos bares à beira mar na praia de Barra Grande(1980)  
Fonte: George Rebelo, 1980



Figura 15 - Estrutura dos bares à beira mar na praia de Barra Grande(2010)  
Fonte: Ermínia Macêdo, 2010

Nenhum dos bares da orla, ressaltando que todos são de empreendedores locais, trabalha com o pré-preparo dos alimentos, ou seja, eles só atendem a uma demanda imediata, o que complica quando chegam grupos acima de 10 pessoas e os bares não estão preparados para receber essa quantidade de pessoas sem terem sido avisados com antecedência, como pode ser constatado no desabafo de uma turista que não quis ser identificada:

Nós chegamos aqui com nossa família na hora do almoço. No total, somos 11 pessoas. Fomos em 3 bares perguntar se podiam nos servir almoço. Em um bar a resposta foi negativa e nos outros dois nos informaram que nos atenderiam, porém o tempo de espera era em torno de 2 a 3 horas para preparação dos pratos.

Falta, portanto, uma maior oferta de cursos de qualificação para o setor de alimentos e bebidas de Barra Grande. Os turistas que se hospedam nas principais e melhores pousadas não vivenciam essa realidade porque todas as alimentações são feitas dentro do bar e restaurante da própria pousada. Mas, para os excursionistas,

veranistas e ainda turistas que ficam hospedados em Luís Correia e vão para Barra Grande essa situação chega a ser constrangedora, provocando até a retração dessa demanda.

Outros sérios problemas desses estabelecimentos estão relacionados à regularidade de funcionamento desses espaços, à higiene dos banheiros, cozinha e ambientes externos com problemas quanto à segurança alimentar, além da falta de qualidade dos serviços, como já mencionado, em especial o não pré-preparo dos alimentos e o atendimento ruim. Apesar do SEBRAE já ter realizado capacitação com os proprietários e funcionários dos bares e restaurantes, os serviços ainda se encontram aquém da necessidade do turismo, tanto nacional como internacional, o que, por sinal, também representa um grande entrave em todo o litoral piauiense.

É importante ressaltar que a praia também não dispõe de banheiros públicos para atender os turistas e excursionistas, sendo necessário recorrer às precárias instalações dos bares, restaurantes ou pousadas. No entanto, existem projetos sendo planejados pela Prefeitura de Cajueiro da Praia e pela Secretaria Estadual de Turismo para construção de um estacionamento para ônibus de excursão, bem como o projeto que prevê a ordenação de toda a orla marítima, que existem desde 2009 e estão previstos para serem iniciadas em 2011.

Os bares da orla concentram-se em uma pequena faixa de praia, de aproximadamente 150m de comprimento, em frente à Rua José Soares Veras, principal acesso à praia, e alguns ao longo da própria rua. Percebe-se que os proprietários das barracas são da comunidade local e que ainda não possuem um treinamento adequado para atender e servir aos turistas. Barra Grande possui uma oferta de serviços e equipamentos turísticos pequena, porém suficiente para o fluxo que recebe. Mas, se comparada com o crescimento dessa demanda, pode-se dizer que em pouco tempo essa oferta estará muito aquém das necessidades do turismo local.

Inexistem dados consolidados baseados em pesquisas que resultem no inventário turístico do município. Tampouco existem estudos consistentes e contínuos que possibilitem a análise da atual demanda turística no município. Não é conhecido o perfil do turista que visita Barra Grande, incluindo sua caracterização socioeconômica, bem como sua procedência, tempo de permanência, gastos realizados, dentre outros aspectos. Assim, faltam dados básicos para fixação de diretrizes e linhas de ação para o

desenvolvimento turístico e instrumentos que permitam avaliar a demanda atual e potencial de turistas ao município (SETUR, 2010).

Dada a inexistência de estatísticas atuais sobre a demanda de turistas, as únicas informações disponíveis sobre o fluxo de turistas para o litoral piauiense é antigo, como se verifica no gráfico abaixo, mostrando a evolução na quantidade de turistas no período de 1999 a 2001:

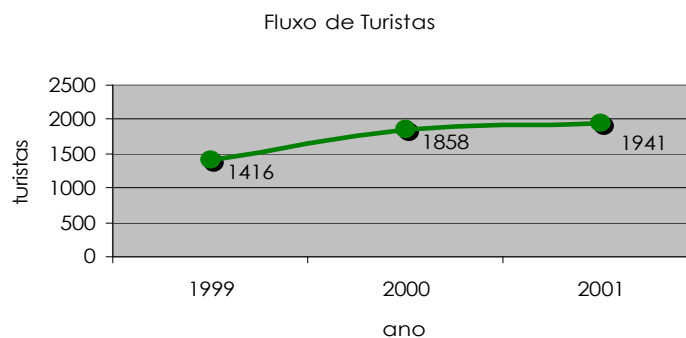


Gráfico 3 – Fluxo de Turistas – Cajueiro da Praia(2007)

Fonte: Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008

Segundo o condutor de turismo D.S.:

A praia de Barra Grande é visitada principalmente por turistas do próprio estado, de estados próximos como Ceará, Tocantins e o Distrito Federal, jovens de todo o Brasil em busca da prática do *kitesurf*, além de muitos turistas de outras nacionalidades que visitam a localidade, mas que não têm seus países de origem registrados, sendo que a maioria é francês e italiano.

A propósito, vale ressaltar que muitos desses turistas estrangeiros têm fixado residência na praia de Barra Grande, a exemplo do que fizeram em outros destinos turísticos nordestinos, como Jericoacoara-CE, como afirma Fonteles (2004). Tal fato demanda de um maior acompanhamento e atenção por parte do poder público, no sentido de evitar que os mesmos dominem os espaços e a gestão turística local, como mostra a moradora local, S.M, 61 anos:

A gente sabe que o turismo traz coisa boa e estamos tentando nos adequar a essa nova realidade. Mas traz coisas ruins. Essa parte ruim é a questão da especulação imobiliária porque principalmente por estrangeiros, na comunidade, a questão de projetos que não são

consultados com a própria comunidade? Muitos projetos vem e a comunidade acaba sabendo quando já está formalizado e não tem aquela parte da construção juntamente com a comunidade?. Então assim, principalmente a parte dos estrangeiros, eles compram, normalmente acontece isso,compram um terreno de tamanho x e depois cercam o terreno um pouco maior e aí já gera aquele conflito com a comunidade e coisa e tal.

Em Barra Grande, salvo a hotelaria e os bares da orla, as atividades de comércio e serviço, em sua maioria de porte muito pequeno, acontecem na própria residência dos moradores. As instalações são muitas vezes precárias, inclusive na higiene. Os produtos e serviços oferecidos não são caros, mas pecam pela pouca diversidade, quantidade e qualidade, designando quase sempre o pouco poder aquisitivo e o baixo nível de escolaridade de seus proprietários e clientes mais usuais. O tipo de atendimento realizado mantém o atendimento tradicional de balcão. Os principais produtos demandados são os de necessidade básica, como alimentos e remédios.

Quanto ao artesanato local, a produção baseia-se na confecção de cestos e bolsas, utilizando basicamente a palha de carnaúba. Barra Grande dispõe de uma Central de Artesanato, que foi fundada nos anos 80 do século XX, mas que possui pouca relevância comercial e cultural no contexto atual, tanto para os turistas, quanto para os moradores.

O SEBRAE desenvolve alguns cursos esporadicamente, mas não oferece o acompanhamento necessário como os artesãos esperam. Segundo relatos dos artesãos, eles se sentem “soltos”. Atualmente, a Sra. Auri Lessa, proprietária da Pousada Pontal da Barra, está buscando fazer esse resgate, incentivando a produção artesanal em Barra Grande através da reativação da Central de Artesanato. Os demais empresários ainda não se engajaram nesse projeto, como ainda afirma a moradora S.M.:

Com o apoio da D. Auri nós estamos tentando resgatar um pouco a nossa cultura, nossas tradições e nosso artesanato. Ela é a única, da parte daqueles empresários que nos apóia diretamente, até porque como já era frequentadora da praia há muitos anos, sempre teve um bom contato com a comunidade.

No aspecto comercial, apenas um prédio chama a atenção como uma edificação exclusivamente direcionada a esse fim: uma padaria que funciona também como mercadinho, instalada na Praça Nossa Senhora da Conceição, e que é uma referência

para todo o povoado. É o único local da localidade onde se pode fazer saques de dinheiro, apenas do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, pois não existem caixas eletrônicos próximos.



Figura 16 - Ponto de referência do comércio em Barra Grande  
Fonte: Ermínia Macêdo, 2010

Na Praça Nossa Senhora da Conceição a atividade institucional é marcante. Ali estão instalados a Igreja Nossa Senhora da Conceição, uma quadra de esportes; uma escola, uma associação de moradores, um serviço de atendimento social e o posto dos Correios. Esta concentração e a proximidade com a praia fazem da praça uma referência muito importante para a comunidade de Barra Grande

A atividade hoteleira mostra uma clara tendência à concentração ao longo da Rua Pontal da Barra, muito embora a maior pousada do povoado esteja localizada à Rua José Soares Veras, bem próxima à Praça Nossa Senhora da Conceição. A existência de pequenas pousadas, algumas em obras para expansão, e a construção de outras novas na mesma área, confirma, não apenas a tendência de concentração, como também sinaliza para a principal vocação do povoado (Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2007).

Outra questão que envolve o turismo local é a sinalização inadequada. A única placa indicativa para se chegar a Barra Grande se localiza a menos de 10 km da praia. O turista percorre toda a rodovia sem ter certeza se está indo na direção correta. Apesar dessas circunstâncias, não se registra altos índices de acidentes de trânsito na região. É comum o turista se perder porque não encontra uma placa indicando onde fica a praia. Como falar, então, em desenvolvimento turístico?

Esse panorama de que como se encontra a cadeia produtiva do turismo na praia de Barra Grande sinaliza aos partícipes diretos e indiretos da gestão turística local, sejam, empresários, setor público e comunidade, a necessidade urgente de uma avaliação, planejamento e reordenamento quanto aos serviços prestados na localidade. Dias (2003) aponta que nos destinos turísticos esse processo de planejamento deve ser contínuo e necessita de uma retroalimentação constante, em função da complexidade que envolve o produto turístico.

Para dar maior consistência e aprofundamento nas discussões e análises acerca do turismo na praia de Barra Grande e suas principais transformações ao longo dos últimos anos apresentadas até o momento, no subcapítulo que segue serão apresentados de forma setORIZADA os impactos socioeconômicos, culturais e ambientais.

#### 4.3 ANÁLISE DOS PRINCIPAIS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS, CULTURAIS E AMBIENTAIS NA COMUNIDADE DA PRAIA DE BARRA GRANDE

O fenômeno turístico deve ser analisado como um fator de mudança social e coletiva que afeta as condições e os modos de vida dos envolvidos, sendo capaz de modificar, inclusive, o aspecto global da sociedade, causando impactos de ordem social, econômica, cultural e ambiental, que se caracterizam por serem indissociáveis, ou seja, um impacto de natureza ambiental gera impacto também nas esferas cultural, econômica e social, em razão da sua complexidade. No entanto, nem sempre, essas mudanças acontecem de forma equitativa e positiva. Na praia de Barra Grande não poderia ser diferente, conforme contemplaremos neste subcapítulo.



#### 4.3.1 Impactos Socioeconômicos

A expansão do turismo em Barra Grande trouxe um aumento no fluxo populacional. O censo do IBGE não possui registros oficiais da quantidade de pessoas que moram em cada uma das praias pertencentes à Cajueiro da Praia, apenas do município como um todo. Mas, para os que vivem e frequentam a praia, fica notória a chegada de novas pessoas para habitar Barra Grande. Muitos vieram em busca de trabalho ou para montar seu próprio negócio, como bares, restaurantes e atividades comerciais como um todo. Vale ressaltar que os pequenos comércios são todos de moradores que nasceram na praia e os de maior porte são, em sua grande maioria, de pessoas de fora, que visualizaram um futuro promissor e rentável para aquela região.

Os motivos pelos quais a população não aproveita as oportunidades que o turismo pode proporcionar, em geral, são as baixas condições financeiras, baixo nível de escolaridade, comodismo por parte de alguns e a falta de visão empreendedora, o que pode ser elucidado no depoimento de uma ex moradora e ex proprietária de um restaurante na orla de Barra Grande, H.J., 42 anos. Ela afirma que:

A chegada do turismo fez surgir duas distintas localidades: a Barra Grande dos ricos e a Barra Grande dos pobres. A Barra Grande rica não gera renda para ninguém, só para os donos das pousadas, gerando apenas subempregos à população local. Falta capacitação e motivação aos moradores, que não dispõem de verbas para investir, porque fica impossível competir com os empresários de fora.

A repercussão do crescimento do turismo na praia de Barra Grande vem sendo tão expressiva que investidores internacionais já se apropriaram de lotes à beira mar e estão colocando à venda em sites da internet a preços exorbitantes. A empresa que mais tem feito divulgação é a Brasil Land Invest Investimentos Imobiliários LTDA, cujo anúncio divulgado em 2010 descreve:

Vendemos uma área espetacular com 2700 metros à beira mar. Barra Grande é uma vila de pescadores bastante procurada também pelos turistas. A somente 50 km da cidade de Parnaíba por uma estrada de ótima qualidade. Excelente área para investimentos eólicos ou empreendimentos turísticos".

A especulação imobiliária, de fato, pode ser eleita como um dos aspectos que mais desperta a atenção de pesquisadores, como Cavalcanti(2000), Costa(2006) e Carvalho(2010), além dos próprios moradores, empresários, turistas e veranistas. O tipo de urbanização e o preço dos lotes e dos imóveis revelam algumas desigualdades e realidades bastante distintas na praia. Observa-se que à medida que se avança em direção às novas pousadas, bem como à beira mar, o preço do metro quadrado aumenta, pois é nessa área onde se concentra o turista de maior poder aquisitivo. Para os moradores locais, restaram os espaços em contra direção ao mar para serem utilizados como moradia, pois a grande maioria vendeu suas casas na beira da praia para empresários de fora, os quais foram entregues a preços insignificantes se comparados ao seu valor real.

Para se ter uma idéia, há duas décadas atrás, um terreno de 15 x 30m (450m<sup>2</sup>) se comprava de R\$ 200,00 (duzentos reais) a R\$ 500,00 (quinhentos reais) dependendo da localização, sendo, portanto o valor do metro quadrado variava de R\$ 0,80 (oitenta centavos) a R\$ 1,20 (um real e vinte centavos). Hoje, o mesmo terreno se compra de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) a R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), de acordo com a localização, tendo o metro quadrado elevado para R\$ 200,00 (duzentos reais) a R\$ 400,00 (quatrocentos reais), de acordo com a localização.

A população se vê obrigada a acompanhar toda essa mudança no ordenamento espacial da praia e muitos não acreditam ter força suficiente para conter todas essas transformações. O que se tem visto na prática é a exploração desenfreada de terrenos e imóveis na praia. De acordo com o morador D.S, 23 anos

A paisagem está se modificando ao longo do tempo mais por conta da própria invasão imobiliária. Aqui na praça nós vemos que o único prédio histórico que ta conseguindo sobreviver é esse daqui (localizado m frente à quadra poliesportiva). Tinham três ao longo dessa praça e eles foram demolidos.

Sobre essa questão, o delegado de Cajueiro da Praia, Sr. Jeen Aguiar afirma:

uma questão que a polícia daqui atua em relação ao turismo é a questão das terras. Sempre tá tendo muita confusão porque há uns 10, 15 anos atrás as pessoas que compraram suas terras aqui deixaram de lado e não cercaram, porque naquela época não despertava interesse. Depois que

Barra Grande ficou famosa, todos vieram correndo atrás de seus terrenos e quando chegaram aqui viram que os mesmos já tinham sido vendidos por outras pessoas que se diziam donas. Aí ocorre a grilagem, que é a venda duas vezes. Quando acontece isso, nós encaminhamos para a justiça.



Figura 17 – “Invasão” de terreno (à esquerda) na rua de Barra Grande  
Fonte: Daniela Ferreira, 2010

Além disso, em Barra Grande, a pesca e a agricultura de subsistência, aos poucos cede espaço para esse novo cenário que o turismo trouxe, como afirma o morador e ex presidente da BARRATUR, Sr. Marcos Cazuzo:

Hoje em dia, na verdade, mudou muita coisa em relação aos pescadores. A própria colônia se enfraqueceu, apesar de ter muitos associados, aqui mesmo em Barra Grande não chega a 200 pescadores que ainda estão na ativa. E o turismo tem culpa nisso sim, porque com a vinda dos turistas, muitos pescadores viram que se alugassem suas casas por 3 dias ganhavam R\$ 1.500,00 de uma só vez. E na pesca, 1 kg de peixe não chega a R\$ 15,00 e no máximo eles conseguem pegar 8 kg por semana.

É muito comum encontrar em toda a localidade de Barra Grande uma grande quantidade de placas na frente das residências dos moradores informando “Alugam-se quartos”, ou “Aluga-se para temporada”, conforme se vê na figura acima.

Neste contexto, Woortmann (1992, p.44) aponta que:

A realidade desses grupos, e das mulheres em particular, é a história da alteração do seu ambiente, da atribuição de novos significados econômicos ao espaço por novos componentes da “população” humana, isto é, de novos agentes sociais, e do deslocamento dos agentes tradicionais. Esses agentes são tanto agentes das relações sociais quanto agentes sobre o ambiente.



Figuras 18 e 19 – Residência de moradores em Barra Grande sendo alugadas ou vendidas  
Fonte: Ermínia Macêdo, 2010

O que se vê em Barra Grande é que, aos poucos, a beira mar vai dando espaço ao surgimento de empreendimentos de notável beleza, sejam de natureza particular ou comercial, pertencentes a grandes empresários externos à região. E à comunidade restam as áreas interiores, menos nobres, mais feias, menos estruturadas, mais inseguras. Como se explica tal processo? É justo e prudente esse modelo de desenvolvimento?

Esta especulação imobiliária e a chegada dos turistas promoveram significativas mudanças no modo de vida dos moradores da praia. No aspecto econômico, a realidade se apresenta com certa perplexidade, pois, a comunidade, que antes, possuía suas bases na economia rural e de subsistência, baseada na pesca artesanal de peixes, mariscos e caranguejos e agricultura (plantação de mandioca, arroz e feijão), trocou para novos empregos e ocupações trazidos pelo turismo, como afirma o depoimento do morador e condutor de turismo J.F, 22 anos:

O modo de vida da população daqui era muito baseado na prática de subsistência, da pesca e da agricultura. Hoje já tem muitas pessoas que vivem do turismo, por conta das casas de veraneio, através do aluguel e vão sobrevivendo do aluguel de casas também. Aqui tem exemplos de famílias que já estão inseridas nessa outra prática, mas que não conseguiram melhorar tanto de vida. A prática da pesca acabou se transformando em atividade de lazer, esportiva. Ela não é mais aquela atividade de sobrevivência que antigamente era. Uma minoria de famílias que veio pra cá é que hoje trabalha com turismo e estão tendo sucesso. Hoje o turismo em Barra Grande é flexionado e o povo que vinha aqui há 15 anos percebe que existe uma padronização por conta daquela vila de pousadas que deu uma alavancada no nome de Barra Grande, por outro lado o pessoal diz que tá impactando, mas isso tudo tá muito recente e ainda dá pra organizar, pra zonear tudo isso daí. Dá pra se fazer uma padronização das pousadas, das ruas da cidade, até por conta do esporte que tá se inserindo na comunidade. O *kite* praticamente começou em 2006, tá bem recente.

Infelizmente, ainda não existem dados estatísticos suficientes para mensurar os reais impactos econômicos da atividade turística em Barra Grande. O que há de informações concretas são os dados do Ministério do Trabalho e Emprego (2009) sobre a quantidade de empregos formais gerados pelo turismo no município de Cajueiro da Praia:

1998	1999	2000	2001	2002	2005
2	2	2	2	2	3

Tabela 5 - Empregos formais gerados pelo turismo em Cajueiro da Praia-PI  
Fonte: RAIS, Ministério do Trabalho e Emprego, 2009

Embora os dados não indiquem em qual localidade do município esses empregos formais estão concentrados, podemos inferir que situam-se na praia de Barra Grande. Percebe-se que entre o período de 1998 a 2002 não houve nenhuma alteração. Porém, a partir de 2002, houve aumento de 50%. É preciso ressaltar que o sistema de estatísticas acessado não forneceu os dados de todos os anos.

Os dados nos mostram ainda que, apesar do desenvolvimento turístico estar acontecendo em Cajueiro da Praia, os empregos gerados são, em sua maioria, informais ou não cumprem com as exigências legais impostas pelo Ministério do Trabalho e não constam nos dados oficiais. Percebe-se através de conversas com lideranças e pescadores da comunidade local, que o turismo possibilitou uma diminuição no desemprego no município, a partir do momento que foram sendo implantados hotéis,

pousadas, restaurantes, escolas de esporte *kitesurf*, etc. No entanto, esses empregos gerados são de baixos salários e concentram-se em atividades operacionais, ocupando cargos de garçons, jardineiros, encarregados da limpeza, auxiliares de cozinha, lavadeiras, etc. Os cargos de chefia quase sempre ficam com pessoas vindas das cidades vizinhas, em sua maior parte, parentes dos proprietários. A funcionária pública e também artesã I.G, 28 anos, diz que:

Hoje tem muito mais emprego. Não tinha pousada antes. O turismo trouxe restaurante, pizzaria, e outros mais, só que o salário que eles pagam é muito baixo, é muito pouco e não dá pra gente pagar nossas contas do mês, por isso a gente tem que se virar fazendo outras coisas também, como eu, que, nas horas vagas, faço de tudo e também sou artesã. Mas o povo daqui também é medroso e acomodado porque poderia estar abrindo seus negócios também.

Em Barra Grande percebe-se que o empreendedorismo ainda se manifesta de maneira muito tímida ou quase ausente entre os moradores; muitos deles aceitam e concordam passivamente com a ideia de que nunca serão capazes de abrir algum empreendimento turístico que possa concorrer à altura dos que foram implantados pelos empresários de fora. Esse pensamento faz com que grande parte se apequene e subestime-se a trabalhos operacionais de baixos salários, nos hotéis e pousadas que surgem.

A prefeitura, o SEBRAE e a Secretaria Estadual de Turismo devem continuar ofertando cursos periodicamente, de forma a promover um maior incentivo ao empreendedorismo local, contribuindo para a inserção da comunidade no turismo, evitando, assim, que os investidores de fora da região dominem as atividades comerciais e turísticas na praia. Seria interessante, por exemplo, estreitar a relação entre os bancos que possuem linhas de financiamento para projetos na área turística e os moradores de Barra Grande, promovendo essa aproximação, facilitando o acesso e a concretização de negócios.

Definitivamente, as atividades produtivas do setor primário que sempre se configuraram como atividades tradicionais locais vêm sendo sepultadas, e, neste contexto, o setor terciário é que predomina, com a oferta de subempregos operacionais, quase sempre sazonais, de baixa qualificação, informais, e com baixas remunerações.

Será que esses novos empregos gerados pela entrada do turismo tem sido benéficos para a comunidade? Para o pescador F. S., de 57 anos:

Não compensa você largar seu pescado pra ir trabalhar nessas pousadas e nesse turismo. Mas, na cabeça de cada um, ninguém domina né? Um pescador, ele parte tal como meus tetravós, bisavós, meus avós, e eu no caso, que pesco dos 3 anos de idade aos 99, se o tempo deixar. Todo dia eu vou lá e consigo o meu, trabalhando avulso, sem carteira assinada, igual a um jumento lá obrigado, até levando a pior, um esporro até. Tem dia que o cabra tá de bom humor, tem dia que tá ignorante com ele mesmo e ele lá dentro da pescaria dele ele é dono da liberdade e a natureza é dona dele e um não tem nada a dizer para o outro a não ser ficar feliz porque tá enchendo a pança dos meninozinhos dele, tranquilo porque cumpriu a missão dele de cidadão de bem e lá na pousada ele não tá cumprindo nada. Qual hotel que vai pagar a carteira de alguém aí, pagar os direitos que a pessoa tem?”

#### 4.3.2 Impactos Culturais

Com a melhoria da infraestrutura viária e com a implantação da luz, há pouco mais de uma década, o que já se registra como impacto positivo decorrente do turismo, vieram os veranistas e turistas num fluxo maior, ocupando e urbanizando a praia de Barra Grande para a construção de empreendimentos hoteleiros com padrão internacional, cuja estrutura arquitetônica foi adequada para oferecer estrutura aos praticantes do esporte *kitesurf*, com espaço apropriado para limpeza e acomodação do equipamento utilizado.

Com o crescimento, criou-se a Barra Grande dos ricos e a Barra Grande dos pobres, como relatado anteriormente. Segundo a ex moradora H.J., “a Barra Grande pobre são os nativos e os bares simples da orla, que estão prestes a fechar porque os turistas só querem se isolar naquele outro mundinho”.

Neste processo, à medida que a população vai percebendo esse distanciamento, parte dela sente-se desinteressada em se envolver na atividade turística. O que se pode observar é que Barra Grande saiu do pequeno capital para o capitalismo pleno, onde antes prevalecia a mão de obra não assalariada, principalmente através dos pescados, e hoje a mão de obra assalariada e marginalizada.

Nos depoimentos coletados, todos tem a mesma opinião, ou seja, apesar do turismo ter introduzido novos empregos na localidade, não melhorou a qualidade de vida, porque alegam serem funções inferiores e mal remuneradas e, o que é mais alarmante de tudo isso, as antigas formas de economia tradicionais locais estão se perdendo, como complementa o pescador F.S:

Eu nasci em Barra Grande, meus pais e meus avós também nasceram aqui e todos sempre viveram do pescado. Hoje, a nossa pesca diminuiu e alguns pescadores tão deixando de ser pescadores para fazer outras atividades. Isso já aconteceu, está acontecendo e vai acontecer mais ainda. Aí é o seguinte: quem deixou de ser pescador pode ter melhorado na atualidade. E o futuro? Por exemplo, ele trabalha na pousada, tá ganhando o dele agora, aí o dono da pousada quer partir pra outra dimensão que tá dando mais, eles partiram do Ceará e se estabeleceram agora os outros estabelecimentos tão se desfazendo e já tão partindo pra cá. Quando aqui tiver lotado, como Luís Correia, Jericoacoara e outras mais, chegam ao ponto de explodir, de não dar mais. Esses que estavam na pescaria e partiram pra o restaurante, o trabalho que for, aí dá baixa e ele fica como? Faz o que?”

Perguntado sobre o porquê da quantidade de peixes ter diminuído, o pescador respondeu o seguinte: “Eu não queria dizer isso pra não parecer grosseiro, sele não tiver ido por inferno, pra outro ponto ele não foi. Ele se afasta e vai pras distancias mais profundas”. Portanto, infelizmente o que se espera para o futuro em relação à manutenção da cultura tradicional da pesca não é dos melhores e necessita de ações urgentes, com a intervenção direta do poder público.

Muitos pescadores também venderam suas casas e deixaram Barra Grande, foram morar em outros locais, como afirma o pescador F.S, que tem vários amigos que deixaram a praia, em nome do dinheiro:

Alguns pescadores conhecidos meus já saíram, mora é longe da Barra Grande e nunca mais eles vieram. Tá bem aqui no canto, desse canto até lá a outra são meus primos, esse daqui atrás, os terrenos eram deles e quando chegou o dinheiro eles foram vendendo, foi crescendo a Barra Grande e agora já depois do calçamento acharam que 200, 300 mil reais era muito dinheiro, 400 era muito dinheiro, pegaram e venderam foram pra Belém e lá como diz o outro, estão sem casa lá em terra desconhecida, não pode vir embora e se vier não tem mais local pra fazer uma barraca e por aí, desprende a vida dos caras.



A fala mostra as transformações, não só espaciais, mas culturais e sociais que alguns moradores de Barra Grande estão vivenciando. Nesta perspectiva, Woortmann (1992, p.40) contribui ao afirmar que:

As casas foram deslocadas para longe da praia, e, portanto, da freguesia, o que impede transformar a própria casa em *birosca*, e exige a construção de uma edificação especial, próxima à concentração de veranistas e, mais recentemente, de turistas. Isto, porém, exige um capital que a própria transformação do ambiente e da sociedade local tornou escasso.

Além desse aspecto, muitos dos empreendedores privados isolaram-se em um mundo particular e mantêm o mínimo contato com a população local, chegando ao extremo de querer fechar uma das ruas onde há a maior concentração de pousadas e hotéis de porte internacional. Esse distanciamento é mostrado no depoimento ainda do pescador e morador de Barra Grande. F.S., referindo ao último *réveillon* ocorrido em Barra Grande e a forma como os empresários se relacionaram com a comunidade.

E os bacanas das pousadas? Eles chegaram aqui, mas não se misturam com a gente não. Na festa do fim do ano passado, como é o nome mesmo? Sim, o *reveillon*, houve uma contribuição do governo pra fazer uma festa bonita pra o povo. Esse dinheiro foi pra dentro da *cumbuca*. Pegaram o dinheiro e entocaram. Fizeram a festa deles e nenhum filho da terra teve acesso. Botaram portão e segurança pra gente não entrar ou então pagava 50 reais. Se o pescador tem que pagar 50 só pra entrar, ele prefere é gastar no comércio local, porque ele não ia ter dinheiro pra gastar lá dentro, porque ele tinha que ter uns mil reais no bolso pra gastar com *tiragosto*. E é isso minha amiga, esse tal desse turismo não serve pra gente”.

No depoimento do pescador, observa-se a não consumação da relação entre os “bacanas” e os “filhos da terra” em Barra Grande. Esses “bacanas”, ao qual o morador se refere, são os turistas que chegam e se hospedam nas pousadas de melhor nível e que não se misturam, ou seja, não se envolvem com a configuração espacial local. Existe um processo de segregação visivelmente escancarado. Neste contexto, as trocas culturais não acontecem, e o turismo se banaliza, pois perde um pouco sua essência.

Essa situação se opõe aos princípios de um turismo sustentável, que, carrega como premissa, dentre outras variáveis, o equilíbrio entre as relações culturais e sociais

locais e o engajamento permanente da comunidade nas atividades que acontecem na localidade, o que não se aplica em Barra Grande. A exceção em meio a esse cenário se resume exclusivamente aos condutores locais, que no decorrer do trajeto dos passeios turísticos, conseguem conversar e compartilhar informações e cultura.

Esse aumento do fluxo de turistas para Barra Grande trouxe também a elevação dos índices de violência, vandalismo e marginalidade local, segundo os antigos moradores locais, rompendo com a tranquilidade, antes característica marcante da praia. O pescador F.S confirma isso em suas palavras:

Esse turismo aqui de Barra Grande é uma negação. O turismo foi a descoberta para a estrada das drogas, da prostituição, da violência. Foi a entrada pro inferno. Antes eu dormia de portas abertas e hoje não dá mais pra fazer isso. Os roubos aumentaram. A quadra aí na frente virou lugar de vandalismo. Pode esperar que no finzinho da tarde eles chegam tudinho aí para não fazer nada, só ficar bebendo, fumando e sei lá mais o que. Estão tudo viciado. O pescador também. Antes, ele já usava álcool, mas ficou muito pior depois do turismo, desses 5 anos pra cá. Os pescadores estão viciados também”.

No entanto, na própria comunidade existem diferentes visões sobre a questão da violência. O delegado da cidade de Cajueiro da Praia, Dr. Jeen Aguiar, contesta o depoimento acima e afirma o seguinte:

Eu até entendo quando vejo alguns moradores mais antigos dizendo que aqui tá mais violento reclamando que não dormem mais com suas janelas abertas porque tem medo de serem assaltados. Isso é porque antes a casa deles era uma extensão da rua, era como se não houvesse distinção entre os dois espaços. Hoje não. Mas mesmo com essas mudanças, posso assegurar que, comparado a outras praias, como as de Luis Correia, por exemplo, a nossa violência ainda é muito pouca.

Segundo informações do delegado:

Aqui em Cajueiro e Barra Grande a violência é pequena. Mesmo nos período que tem mais turistas, ainda assim os registros que chegam até a delegacia são sempre de furtos e lesões corporais. Os furtos são com os turistas e as lesões acontecem entre os próprios moradores, muitas vezes, motivados pelo excesso de álcool. Se você me pergunta se houve aumento de violência com a chegada do turismo, eu digo a você que sim, porém, pouco. Nos períodos de alta temporada, aumentam a

quantidade de furtos, é verdade, mas mesmo assim não chegam a 5 por mês. Também é preciso dizer que os turistas quando chegam aqui, acham que Barra Grande é totalmente nativa por conta da tranquilidade e acabam facilitando, pois saem para mergulhar no mar e deixam todos seus pertences sem proteção por exemplo. Aí é quando o furto acontece: normalmente levam carteira, câmara fotográfica e filmadora. E é preciso lembrar também que esses que furtam não são daqui da região. Eles vêm de cidades ou estados vizinhos nos períodos de férias para se aproveitar dessas situações e depois somem. Os ladrões são todos de fora.

Os dados oficiais da delegacia localizada na sede municipal, em Cajueiro da Praia referente aos últimos sete meses de 2010 apontam a seguinte realidade:

	<b>Maio</b>	<b>Junho</b>	<b>Julho</b>	<b>Agosto</b>	<b>Setembro</b>	<b>Outubro</b>	<b>Novembro</b>
Furtos	03	02	01	01	02	01	01
Lesões corporais	00	00	00	02	01	00	02

Tabela 6 - Registros de furtos e lesões corporais na delegacia de Cajueiro da Praia  
Fonte: Delegacia Municipal de Cajueiro da Praia, 2010.

Percebe-se que não há alterações significativas em relação à movimentação registrada na delegacia local. O policiamento é feito por 3 soldados, que ficam entre Barra Grande e Cajueiro da Praia. Nos meses de alta temporada, esse policiamento é reforçado com o intuito principalmente de trazer a sensação de segurança ao turista, não tanto pela necessidade, mas por prevenção, como afirma o próprio delegado.

O turismo também provocou alterações nos costumes locais através da proliferação das drogas e aumento da prostituição infantil. Atualmente, o comportamento dos adolescentes tem sido muito influenciado pelo comportamento do turista que chega. De acordo com relatos dos moradores locais, as drogas lícitas já existiam no povoado (como o álcool). Porém, foi, após a entrada do *kitesurf*, e, conseqüentemente, da visibilidade que a prática do esporte trouxe para a praia, que ocorreu o problema foi expandido.

Segundo o depoimento de uma professora da localidade de Barra Grande, E.M., essa questão das drogas realmente preocupa, porque envolve adolescentes cada vez mais jovens. De acordo com a mesma:

Ontem mesmo eu fiquei horrorizada porque meu sobrinho que tem apenas 16 anos chegou me perguntando o que aconteceu que em Barra Grande era diferente do restante do Brasil? Porque pelo que ele ouviu dizer a droga no país é proibida e em Barra Grande não. E então ele me disse novamente: “Então, tia, a gente pode usar aqui sem problema, né?” Eu fiquei chocada com a percepção dele sobre o que ele vê na praia. E por mais que a gente fale, os exemplos dados pelos adultos ficam mais fortes na cabeça deles. Por esse motivo, eu, juntamente com a Nativos, estamos fazendo um trabalho direcionado à comunidade na questão das drogas, levando aos colégios informações sobre as drogas lícitas e ilícitas, dizendo que as drogas lícitas também causam grandes danos e que as ilícitas mais ainda. A questão do alcoolismo, que é outro problema daqui também está inserido dentro dessa palestra e estamos até o final do ano também levando pra outras escolas do município, não só aqui na praia de Barra Grande, para que a gente possa fechar esses ciclos, já preparando uma segunda palestra sobre a questão da sexualidade. Porque esse grande índice de prostituição aqui nos preocupa e então nós estamos elaborando para estar levando a esses adolescentes e aos jovens que eles precisam ter essa consciência, não se prostituir, se proteger, saber os tipos de doenças, o quê que as doenças podem deixar de seqüelas neles e tudo mais.

A situação relatada pela professora nos remete novamente à existência de duas Barra Grande: a dos ricos e a dos pobres. Apesar da maioria dos turistas( que formam a Barra Grande rica) consumirem as drogas (cocaína e maconha principalmente) dentro das pousadas, nos momentos em que se deslocam pelo povoado se comportam da mesma forma e não se constroem em fazer uso destas drogas em locais públicos, até porque nunca foram coibidos. Há ainda o fato de que eles dispõem de boas condições financeiras e, caso haja uma operação policial para proibir o uso nos espaços públicos da localidade, o pagamento de fiança resolve o problema.

O problema maior dessa realidade é o exemplo que fica para a comunidade local, principalmente com os mais jovens, que, pela própria característica etária, de estarem em busca de novidades e descobertas, sentem-se ainda mais atraídos em fazer uso dessas substâncias. Por isso, torna-se ainda mais necessário a união de forças locais visando engajar esses jovens e adolescentes em projetos educativos e sociais, desviando a atenção desse tipo de comportamento.

A professora E.M. afirma ainda que “a igreja católica sempre participa dos projetos sociais da comunidade. A igreja evangélica ainda não, porque eu creio assim que é uma questão cultural, porque eles ainda não estão bem inseridos”.

Percebe-se, portanto, que embora a gestão pública não esteja intervindo como deveria em relação ao combate do problema das drogas e prostituição, em especial na

praia de Barra Grande, a comunidade local, aos poucos, se sentindo incomodada com essas mudanças, está engajada e desenvolve ações de sensibilização e conscientização dos jovens para esses problemas.

Apesar dos órgãos responsáveis não disporem de estudos ou dados oficiais sobre o aumento do número de abortos e da prostituição, principalmente, a infantil, na praia de Barra Grande, todos os moradores afirmam ser constrangedor a quantidade de meninas menores de idade que ficam no final da noite esperando que um turista, especialmente o estrangeiro, possa chegar até elas. Segundo o morador M.C.:

Junto com a evolução e o dinheiro veio também a prostituição e as drogas e infelizmente a prefeitura não realiza um trabalho de conscientização com esse pessoal mais novo, o que nos preocupa. É preciso despertar essas adolescentes. As meninas, então, que sonham se casar com um homem branco, de olhos azuis e estrangeiro? A gente tem medo porque sabe que a realidade não é assim como elas pensam.

Em conformidade com o depoimento do Sr. Marcos Cazuzo, é preciso esclarecer que em Barra Grande se consomem duas formas de relacionamento homem x mulher. Primeiro são as relações entre filhos e filhas da terra, que ocasionam os casamentos tradicionais. Porém, existe também o segundo tipo de relacionamento que é através do contato que o turista mantém com meninas da comunidade. O desfecho desses encontros normalmente resulta em aborto ou prostituição e, infelizmente, poucas ações vem sendo tomadas por parte das autoridades.

Para Woortmann (1992, p.44),

O afluxo de turistas trouxe consigo um novo fenômeno que se soma à desvalorização da mulher já em curso: a sedução das moças do lugar e uma certa frequência de “filhos sem pai”. Ou, como dizia uma freira de uma das localidades, “filhos da paixão”, resultantes da gravidez precoce de jovens de 14 ou 15 anos através de relações com turistas. Essas jovens tendem a ser rejeitadas por suas famílias e colocadas numa situação de semi-prostitutas.

Além disso, há que se registrar também o aumento do número de casos de pessoas portadoras do vírus HIV nos últimos anos. Foram procuradas as pessoas responsáveis da Secretaria Municipal de Saúde que lidam com essa questão na busca de

estatísticas, porém, não foram encontradas. De acordo com a técnica de enfermagem Suzana Silva. “É verdade. Aumentou muito a quantidade de pessoas com AIDS nessa região. Como nós não temos estrutura suficiente para tratar essas pessoas, encaminhamos para Parnaíba”.

Apesar da atividade turística exercer influência sobre a evolução dos índices de AIDS em Cajueiro da Praia, a partir do momento que traz pessoas de todos os tipos e lugares, não se pode afirmar categoricamente que o turismo tem sido o principal responsável, uma vez que não existem estudos e pesquisas sobre essa questão.

O delegado local, Sr. Jeen Aguiar relata que:

Há uns dez anos atrás aqui era tudo diferente. Eu ainda não era delegado, mas já freqüentava a praia de Barra Grande. Quem vinha pra cá eram só os parentes dos nativos. Hoje só se vê estrangeiro. Eles acham isso aqui o paraíso porque fazem o que querem, principalmente dentro das pousadas, onde se ouvem muitos boatos de que todos eles usam drogas abertamente lá dentro e por lá mesmo ficam. Não saem fazendo baderna nem nunca causaram tumulto. Eles trouxeram as drogas. Mas em relação à comunidade, os adolescentes que usam drogas não pegam com eles, mas com pessoas das cidades mais próximas, como Parnaíba e Luís Correia. Em geral as mais usadas são maconha e cocaína. Aqui na delegacia nunca chegou nenhum registro ou queixa sobre o uso de drogas não.

Sem dúvida, a atividade turística não pode ser vista como a única vilã desse processo, mas, contribuiu de forma significativa para o aceleramento da disseminação das drogas entre a comunidade de Barra Grande, em especial, com o público adolescente. Além do uso de drogas como a maconha, o crack e a cocaína, o consumo excessivo do álcool também já se configura como um problema para o local conforme podemos atestar através do depoimento do morador D.S, de 23 anos.

Com as lícitas, você vê crianças de 12 anos hoje já bebendo e fumando. De certa forma o turismo exerce muita influência nesse processo porque quando vem gente pra cá, passam um, dois, três carros ou ônibus e eles vão direto para a praia e é quando o pessoal se influencia acha de ir para a praia apenas quando vem gente de fora e acabam acompanhando.

O que se percebe é uma fragmentação na relação entre os residentes da praia de Barra Grande, o poder público e os turistas. A comunidade local tende a ver o turismo com desconfiança, porque, em geral, não recebeu uma educação que incentivasse a participar das tomadas de decisões nas questões locais. Sentem-se, com isso, excluídas e acabam não desejando a presença de turistas na sua localidade. Pior, em muitos casos o turista chega antes do turismo, ou seja, antes do planejamento e organização da localidade para recebê-lo.

Retomando a teoria proposta de Mathielson e Well(d), esse contato com a comunidade está dividido em cinco estágios. O primeiro é a *Euforia*, quando a comunidade sente-se muito animada e acredita veementemente nos benefícios que o turismo poderá trazer. Ou seja, eles mantêm ainda um comportamento muito otimista. No segundo estágio vem a *Apatia*, quando o turista começa a perceber o turista apenas como um produto, vendo nele a possibilidade de lucros. Nessa fase, os moradores já não demonstram mais o mesmo encantamento e o contato de antes.

No terceiro estágio, surge a *Irritação*, quando o fluxo turístico e as exigências dos turistas são superiores à capacidade local, gerando insatisfação. Após a irritação vem o quarto estágio, o *Antagonismo*. Nessa fase, a maior parte da comunidade já está irritada com a presença dos turistas, alegando que todos os males, tais como proliferação de drogas, prostituição e violência são de responsabilidade exclusiva do turismo e começa a haver uma rejeição com a presença dos visitantes. Por fim, a última fase é o *Arrependimento*, que ocorre quando a população se conscientiza de que, em nome de um lucro imediato, o local “se vendeu” de forma rápida, em especial para empresários de fora da região e não tem ocorrido um desenvolvimento turístico sustentável.

Em Barra Grande, é possível perceber, através dos depoimentos de moradores, que a fase eufórica, que há três, quatro anos atrás estava presente em quase toda a comunidade, hoje já se resume a poucos. É mais comum encontrarmos pessoas apáticas, irritadas, antagônicas e até arrependidas com o turismo, do que pessoas em estado de euforia. Os moradores sentem-se cada vez mais distantes e desvalorizados na Barra Grande dos pobres. Os resultados dessa constatação são graves, uma vez que não se pode pensar em desenvolvimento turístico sustentável sem a presença dos moradores. E, se moradores já não se sentem mais tão motivados a participar ou se beneficiar dos possíveis impactos do turismo, como conseguir o envolvimento dos mesmos?

Ainda se vê um pequeno grupo de pessoas lutando e apostando no desenvolvimento sadio e baseado nos princípios sustentáveis. Como forma de melhor se organizar para alcançar seus objetivos, organizaram a Associação Pró Turismo, que foi fundada em 2009, mas naquele ano mesmo fechou; A associação atuou por cerca de 1 ano, defendendo os interesses da comunidade e buscando melhorias para o local, mas segundo a moradora S. M., membro da associação, “a comunidade foi perdendo o interesse à medida que via que as forças políticas e econômicas sempre dominavam contra eles.”

O condutor local complementa a fala da moradora S.M, explicando o porquê de a associação ter sido extinta:

Ela (a associação) não deu continuidade por conta exatamente dessa falta de apoio, então assim, eu costumo dizer que eles fizeram também um protesto por conta de que, faziam um evento anual que é a regata, queriam alternar e fazer um atrativo no final do ano que seria outra regata, que seria a de réveillon e foram pedir esse apoio, via SETUR, via outros, mais a SETUR mesmo e acabaram não obtendo esse apoio enquanto pensavam junto com o pessoal das pousadas, acabaram obtendo apoio pra fazer um mega evento. O pessoal da comunidade ficou meio chateado.

Tal acontecimento, de fato, justifica o comportamento arisco e averso da população para com a gestão pública, tanto municipal, como estadual, porque, o que eles notam é o total interesse em ajudar festas promovidas pelos empresários, que vão atrair um público elitizado. D.S., condutor local, resume a relação entre a comunidade e os empresários: “É um apartheid”.

Esse distanciamento que vem aumentando a cada dia entre empresários e população se configura como um dos impactos negativos sociais de maior relevância para o turismo em Barra Grande e que necessita ser combatido em caráter prioritário.

De acordo com informações coletadas junto aos moradores, o turismo em Barra Grande tem trazido muitas preocupações. Segunda S.M, 61 anos, importante liderança comunitária local, “a comunidade e o poder público não estão preparados para o turismo”. Segundo a mesma, “é preciso, antes de tudo, chamar a população para que eles possam encampar o valor do turismo para o local”.



A chegada do turismo em qualquer localidade implica em mudanças espaciais, ambientais, econômicas e socioculturais. Em Barra Grande, esse processo está acontecendo e, por muitas vezes, percebemos nos depoimentos dos moradores locais que muitos não sabem lidar com essa nova realidade. Os mesmos começam a perceber as mudanças, tais como: o tráfego intenso de veículos, a construção de empreendimentos, os moradores alugando suas casas, a especulação imobiliária, o lixo deixado pelos turistas, os novos costumes introduzidos por esses visitantes, dentre tantos outros impactos.

A princípio, mesmo com a geração de novos empregos para o local, muitos moradores de Barra Grande, principalmente os mais antigos, só conseguem focalizar as implicações negativas e demonstram pouco interesse turismo em participar desse turismo. Essa questão é preocupante, pois sem a participação da comunidade não se pode falar em desenvolvimento turístico sustentável.

Em Barra Grande, o grau de insatisfação é tão elevado que os moradores já nem querem utilizar a praia, uma vez que a presença de visitantes e turistas afugentam a presença dos moradores, que se sentem incomodados com os mesmos, como afirma F.S., pescador: “Nem a praia a gente frequenta mais. É tanto turista no fim de semana, que a gente fica até sem jeito”. Além disso, alguns moradores afirmam que a quadra, antes considerada um espaço público para o lazer e os esportes na localidade, vem sendo utilizada como ponto para uso de drogas durante a madrugada.

Nesta perspectiva, a comunidade vai se recuando e fica trancada em suas casas ou, no máximo, junta-se aos vizinhos para conversar nas calçadas no final da tarde. Essa tem sido a principal forma de lazer da comunidade, porque até as antigas festas tradicionais vem perdendo forças e deixando de ser realizadas, como ocorreu com a festa da Regata dos Pescadores, pois segundo ainda o pescador F.S:

hoje a regata tá com a planta veia torta. Eram tantos patrocinadores até mesmo de Teresina, essas casas do Parnaíba, por exemplo, enfim, todas as casas de comercio grandes e sei lá, era tanto patrocinador que dava aí o que, 60, 70 embarcação antigamente e agora foram umas 20 e pouco. O povo agora só quer saber de encher a cara.

A comerciante local, O.G, 54 anos, confirma as palavras do pescador e afirma que:

Todas as festas da comunidade quando ainda acontecem, perderam o sentido, pois o álcool domina. Essa relação da população com o álcool já é antiga. Todas as antigas tradições culturais do povoado estão se perdendo com o tempo. Ainda segundo ela, antes existia o reisado, as quadrilhas, a festa de regatas, a procissão de São Pedro e, atualmente, tudo isso vem sendo esquecido. “Quando ainda acontece em anos esporádicos, perdeu sua essência e os moradores só querem saber de beber cachaça e encher a cara”, afirma ela.

Aliás, vale ressaltar que foi relatado por todos os entrevistados que o alcoolismo é um problema muito sério entre os moradores e que já existe há muito tempo, muito antes da chegada do turismo na praia. Segundo a mesma, “boa parte das pessoas aqui de Barra Grande são muito ociosas, não tem essa coisa de querer trabalhar pesado”.

Levando em consideração essa característica comportamental das pessoas que vivem em Barra Grande, e, somados ao fato de que agora com o turismo, muitos moradores passam o ano inteiro esperando para alugar suas casas e ganhar um dinheiro, o interesse em buscar uma ocupação ou um emprego diminui mais ainda, o que faz com que os mesmos tenham tempo livre de sobra, o que induz ao consumo diário do álcool. O delegado afirma o que: “é preciso dizer que de todas as drogas usadas aqui o álcool é a mais ingerida indiscutivelmente, principalmente com moradores”.



Figura 20 – Festa da Regata em Barra Grande(2005)  
Fonte:Associação Nativo,/2005

Constatamos, portanto, que os impactos que o turismo vem causando em Barra Grande quanto aos aspectos socioeconômicos são sérios e alarmantes, porque tem desencadeado mudança nos hábitos e comportamentos da comunidade, modificando desde as atividades de subsistência tradicionais até a implicações mais graves como a proliferação de drogas e aumento da prostituição infantil. Torna-se imperativo, portanto, a tomada de decisões que, se não conseguem coibir, possam, ao menos, minimizar tal influência sobre a população de Barra Grande.

#### 4.3.3 Impactos Ambientais

O turismo também tem provocado mudanças no meio ambiente em Barra Grande. Apesar de não haver estudos e análises aprofundadas sobre esse impacto, já podemos identificar algumas mudanças no ecossistema local. À medida que o tempo passa, a preocupação aumenta, porque, o crescimento do fluxo de turistas, inevitavelmente, vai trazer maiores problemas ao meio ambiente, que precisa ser acompanhado de perto pelas autoridades públicas local, bem como pela fiscalização da comunidade.

Em Barra Grande, durante alguns anos, mesmo ainda sem a atuação dos condutores diretamente, alguns visitantes já realizavam passeios de canoa no Rio Camurupim de forma esporádica, sem o devido acompanhamento e cuidado, explorando o seu manguezal. O resultado dessas ações foi devastação e erosão às margens do rio, além de uma certa quantidade de lixo depositada no rio. Atualmente, tenta-se evitar maior agravamento dessa situação com o controle dos condutores de visitantes, mas ainda não existe um plano de manejo para ordenar, de forma sustentável, a exploração dos recursos naturais existentes.

Além disso, outro impacto ambiental é a migração dos peixes de Barra Grande, que antes se localizavam à beira mar, eram todos ribeirinhos e agora estão se deslocando para alto mar. Os pescadores reclamam muito que o grande responsável por essa mudança é a prática do esporte *kitesurf*, pois, como eles utilizam todo o espaço próximo à beira mar, os peixes foram afugentados. “O *kitesurf* tem afastado os peixes”, conta o pescador F.S.

No entanto, mesmo sentindo-se prejudicada, a Colônia de Pescadores não toma nenhuma providência legal para resolver esse problema. Incomodada com essa falta de ação, a Associação dos Moradores entrou em contato com a Capitania dos Portos, para estabelecer o limite do uso do mar pelos *kitesurfistas* e conseguiu provocar uma discussão na localidade sobre essa temática realizada em 2010. Ainda assim, o problema não foi solucionado e só se agrava.

De acordo com Soares (2006, p.82), outro grave problema em Barra Grande quanto às questões ambientais é:

No que diz respeito à cobertura vegetal como fator básico para a proteção do solo, observa-se a redução da vegetação nativa da área da praia, em decorrência da sua retirada para construção de segundas residências e o desmatamento próximo aos cursos d'água, na forma de queimadas, provocando a exposição do solo e seu carreamento pela precipitação pluvial.

Essas construções precisam ser fiscalizadas e acompanhadas de acordo com as orientações do Plano Diretor local, o que nem sempre acontece. Outra questão observada no que diz respeito aos impactos no meio ambiente é o lixo. A coleta de lixo é realizada por três carroças e um caminhão de carroceria aberta, três vezes por semana.



Figura 21 – Caminhão da Prefeitura coletando lixo em Barra Grande  
Fonte: Daniela Ferreira, 2010

Sobre esse problema, o Dr. Luiz Airton afirma: “há uma bela salina natural bem na entrada de BG. Nesse local é deixado o lixo, ao ar livre, servindo de más vindas aos visitantes. Plásticos passeiam por lá com a ajuda dos ventos”.



Figura 22 - Lixo nas ruas de Barra Grande  
Fonte: Daniela Ferreira, 2010

A limpeza das ruas é feita por dois garis, em locais diferentes, recolhendo o lixo varrido em carros de mão. Em relação ao destino dado ao lixo, segundo dados de 2009, na sede do município de Cajueiro da Praia, 53,5% das famílias queimam ou enterram o lixo, e outras 11,05% o despejam a céu aberto, o que atrai animais, como ratos, produzindo ainda mais lixo. Em Barra Grande, 24,26% realizam esta prática de despejar a céu aberto, enquanto 30,6% queimam ou enterram, e o restante, isto é, 45,06% são beneficiadas pelo sistema de coleta pública (Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia, 2009).

Quando o fluxo de turistas aumenta na localidade, o problema se torna ainda mais sério, pois sem um tratamento adequado, o acúmulo de resíduos chama a atenção espalhada pela orla e pelas ruas da cidade.

A população faz muitas críticas quanto à atuação dos órgãos públicos, alegando que apenas o interesse dos empresários está sendo considerado. Tais conflitos precisam ser acompanhados com muita atenção por parte dos órgãos gestores, uma vez que não ter o engajamento da população no processo do desenvolvimento turístico de Barra

Grande trará sérias consequências num futuro breve, comprometendo a sua sustentabilidade e consolidação como importante produto turístico do Piauí.

De acordo com as observações do condutor local D.S., esses agravantes que tem acontecido na praia de Barra Grande são resultados de ações errôneas da própria Secretaria Estadual de Turismo. Segundo o mesmo:

Eu costumo dizer assim, graças a SETUR a gente teve um público bastante grande, uma questão de visibilidade muito grande em pouco tempo, mas eu costumo dizer que foi meio que criminosa cara, te digo já porque. Foi uma divulgação muito, muito além do que Barra Grande tinha, a infraestrutura tinha, então assim, muitas pessoas que eu converso hoje, que passaram o *reveillon* aqui em Barra Grande por conta da divulgação não vão voltar por conta de que a infra estrutura é baixa, o lixo não foi coletado corretamente e estava espalhado por todo lugar. Veio muita gente com família, teve uma falta de energia aqui que foi “queimação de filme”, então aquilo dali foi horrível, tinham pessoas que vinham pra cá então não tinha água também por conta da energia. Faltava água pra energia pro pessoal puxar água pro poço e muitas pessoas não voltam por conta disso também.

A SETUR é conhecedora de toda essa problemática e vêm desenvolvendo ações em parceria com a prefeitura de Cajueiro da Praia, na formulação e implementação de políticas públicas para o turismo em Barra Grande, a exemplo da elaboração do Plano Diretor do município de Cajueiro da Praia, que busca o ordenamento urbano e turístico local. Além disso, existem algumas obras previstas para serem realizadas em prol do turismo de Barra Grande, todas através da Secretaria Estadual de Turismo.

Diante dessas análises, pode-se afirmar que a intensidade das mudanças relacionadas ao desenvolvimento turístico local na praia de Barra Grande, para a maior parte da população, não trouxe significativas e benéficas mudanças quanto às suas condições de vida, e, pelo contrário, para muitos vem provocando sérios problemas à localidade.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo desenvolvimento sustentável é uma preocupação tocante aos destinos turísticos, dada a vulnerabilidade dos seus espaços e das relações sociais manifestadas no contato entre turistas e residentes. Os espaços costeiros, por sua vez, tornam-se ainda mais frágeis, em função de serem os mais demandados.

O litoral do Piauí vem, embora ainda de forma tímida, revelando-se para o turismo nacional e internacional. As duas últimas décadas acompanharam um processo de intensificação da atividade turística local. A melhoria na infraestrutura de acesso às praias até então não freqüentadas tem possibilitado um maior volume de fluxo turístico para essa região. No entanto, adequar a estrutura receptiva local à quantidade de pessoas que vem visitando esses espaços e ainda obter o controle sobre as implicações que esse fluxo trará à localidade e à sua comunidade tem sido uma das grandes preocupações.

A praia de Barra Grande vivencia um momento de impetuoso crescimento do turismo local, principalmente do ano 2000 pra cá. A chegada do esporte *kitesurf*, em 2005 provocou profundas alterações no meio, pois possibilitou à praia ganhar notável visibilidade, atraindo um considerável fluxo de turistas, em especial provenientes dos Estados Unidos e de países europeus, para a localidade. Esta intensificação da atividade turística tem incitado impactos de diversas naturezas no modo de vida da população, no meio ambiente e na economia local.

Nesta perspectiva, a presente dissertação objetivou analisar os principais impactos socioeconômicos, culturais e ambientais decorrentes do turismo na praia Barra Grande/PI sobre a comunidade local nas duas últimas décadas. A análise procedeu-se, inicialmente, através do reconhecimento do ordenamento turístico no litoral do Estado, do conhecimento do modo de vida da comunidade local, antes e depois da chegada do turismo na praia; da caracterização da prática do turismo na praia de Barra Grande; da influência do esporte *kitesurf* na consolidação da praia de Barra Grande como destino turístico; da verificação de como o turismo pode ajudar no desenvolvimento da comunidade e, por fim, da identificação das principais ações e projetos da gestão pública para o ordenamento e desenvolvimento turístico local.

Como resultados da pesquisa realizada, sob o enfoque econômico, o turismo trouxe benefícios à localidade, com a expansão do comércio e dos serviços locais. Ao

considerarmos que este estudo abrange o período de 1990 a 2010, é de impressionar a quantidade de estabelecimentos turísticos que foram construídos na praia nos últimos cinco anos. Até o ano 2005, existiam em Barra Grande apenas duas pousadas. Hoje, já somam 13 empresas de meios de hospedagem na praia. Com a entrada desses hotéis e pousadas, todos de administração familiar, outras empresas prestadoras de serviços, como restaurantes, cafeterias, *lan houses* também surgiram em Barra Grande. Tal crescimento ocasionou a geração de empregos na localidade, promovendo a dinamização da economia local pelo turismo. No entanto, vale ressaltar que os empregos direcionados à população local são de nível operacional e de baixa remuneração, sendo, portanto subempregos.

Juntamente com esses aspectos favoráveis, o turismo também provocou outras situações negativas na economia local, que é a especulação imobiliária, gerando ineficiência mercadológica, uma vez que esse mercado não está livre para negociar, pois os terrenos permanecem presos nas mãos de pessoas, aguardando o preço subir ainda mais, portanto, não gerando movimentação. Com isso, o preço do metro quadrado de um pedaço de terra em Barra Grande mais do que dobrou em menos de cinco anos. Os grandes especuladores e donos de capital compraram terrenos ou construções à beira mar, pertencentes a moradores locais, a preços irrisórios, aproveitando da ignorância dos mesmos quanto aos valores de mercado reais.

Apesar desse crescimento econômico, a desigualdade social, a pobreza, a dificuldade do trabalho decorrente da sazonalidade da atividade turística, o aumento da prostituição, a proliferação de drogas e os danos ao meio ambiente se ampliam numa dinâmica semelhante, mostrando o lado perverso do desenvolvimento econômico e turístico. Ou seja, é o desenvolvimento em seu significado de crescimento econômico insustentável, embora a gestão pública local afirme e divulgue que a base de todo desenvolvimento que a praia de Barra Grande vem passando seja fundamentado nas premissas do conceito da sustentabilidade.

No aspecto sociocultural, entendemos que a comunidade local, que deveria ser a primeira beneficiada nesse processo de desenvolvimento turístico não se sente pertencente a esse movimento, pois acredita ter sido excluída desse planejamento e crescimento. É preocupante a entrada de empresários de fora da localidade, sejam eles nacionais ou estrangeiros, que tem tomado de conta do local.



A praia de Barra Grande apresenta dois mundos tão diferentes, que, apesar de tão próximos territorialmente, encontram-se muito distantes cultural e estruturalmente. O que separa, de fato, esses dois mundos é a distância social, econômica e cultural resultante de políticas públicas que privilegiam o poder econômico de interesses de empresas de capital privado, do poder econômico e político, de interesses que se chocam entre esses dois grupos sociais que vivem uma relação desigual, com hábitos, costumes e comportamentos bem diferentes um do outro, porém, mantendo entre si a relação de exploração de uma classe pela outra e uma certa interdependência.

Dentro das alterações no cotidiano dos moradores de Barra Grande, foram verificadas, ainda, expressivas diferenças quanto à marginalização do pescador e do agricultor dentro da atividade turística, uma vez que as atividades produtivas tradicionais locais, a pesca e a agricultura de subsistência vem sendo substituídas pelos subempregos gerados pelo turismo. Ou ainda, muitos pescadores tem abandonado a atividade pesqueira, já que a obtenção de lucro é muito pequena quando comparada ao valor do aluguel que os mesmos recebem com a locação de suas residências para os turistas durante a alta temporada.

Outra problemática se verifica dentro da perspectiva sociocultural é a relação conflitante entre a população local e os grandes empreendedores privados que se instalaram em Barra Grande, enfatizando que a grande maioria é proveniente de outras localidades, inclusive de outros países. Não há diálogo entre os mesmos. A comunidade alega que os empresários criaram uma barreira, dificultando e, muitas vezes, impedindo que ocorra essa comunicação. Mas, como é possível construir um turismo sem a participação direta da população em todo o processo de desenvolvimento turístico local?

Essas situações pesquisadas, analisadas e aqui expostas sobre a realidade em que se encontra a localidade de Barra Grande com a intensificação da atividade turística causam indignação. Mais ainda quando não se vê a intervenção do poder público. Por outro lado, inquieta com o cenário atual, a população local vem se mobilizando, buscando sobreviver diante dessa realidade, procurando se adaptar ao novo que chega, organizando-se para entrar no mercado de trabalho, sobretudo nas atividades de turismo e exigindo sua presença e sua voz desde o processo inicial do planejamento das ações, até a execução das ações.

Como resultado das ações dos moradores foram criadas duas associações de condutores, a Nativus e a Barratur, que vem explorando o potencial turístico da região,

através da oferta de passeios ecológicos ao turista. Todos os condutores são naturais de Barra Grande e, a partir da organização dos mesmos, observa-se uma mentalidade na busca de um turismo sustentável, que valorize as forças internas, promovendo um desenvolvimento equitativo e justo para toda a comunidade.

Quanto aos impactos ambientais, destaca-se a questão do lixo que, apesar de não vinculada apenas ao movimento do turismo, o fluxo de turistas na praia tem avolumado de maneira significativa a quantidade de resíduos sólidos gerados. Este lixo está espalhado por toda a localidade, sem o devido tratamento. À medida que o tempo avança, o problema vai se tornando ainda mais alarmante e, não se verifica nenhuma providência por parte das autoridades quanto à essa problemática.

Neste contexto, a gestão pública, nas esferas municipal e estadual, tem sido motivo de muita reclamação por parte dos moradores de Barra Grande. No âmbito local, a população reclama da omissão dos gestores públicos diante dos problemas e conflitos que agora marcam as relações sociais do turismo na praia. Pode-se afirmar que, embora com limitações, existe atuação do poder público municipal, porém está sendo feito de forma equivocada.

Quando à gestão estadual, através da Secretaria Estadual de Turismo, os problemas são graves e delicados. A comunidade manifesta animosidade com o órgão, alegando que as ações que vem sendo propostas e executadas não correspondem às necessidades mais urgentes dos moradores e da localidade. Além disso, a população denuncia que a SETUR e a Prefeitura de Cajueiro da Praia estão interessadas apenas em beneficiar os interesses dos que tem poder e dos empresários, desconsiderando-os do processo. Neste sentido, trava-se um embate no diálogo entre o poder público e a comunidade local. A Secretaria defende que sempre incluiu a população nas discussões dos projetos para o local, mas, o nível de intolerância e insatisfação por parte de muitos moradores já é tanto que a instituição tem encontrado dificuldades em estreitar e manter uma boa relação com eles.

Diante deste cenário, cabe-nos refletir sobre o tipo de turismo que temos e o tipo de turismo que queremos, pois falar em desenvolvimento turístico seguindo o exemplo de Barra Grande, assim como de outras áreas litorâneas do litoral nordestino, a exemplo de Natal (RN) e Jericoacoara (CE), que também viveram situação semelhante, demonstram a não sustentabilidade da atividade turística nestes destinos, ou seja, funcionam como um guia de como não se deve fazer turismo.

É necessário evidenciar que enquanto a teoria do turismo aponta a atividade como instrumento de inclusão social, a prática tem refletido e apresentado resultados contrários, que, quase sempre, acompanham situações de exclusão na comunidade local dos destinos. Diante dessa realidade, o elemento de maior força capaz de modificar tal cenário é a educação. Investir em ações de educação ambiental, educação patrimonial e educação empreendedora para a população local é uma condição inexorável nesse processo evolutivo.

Destarte, os caminhos estão sendo apontados. Agregar esforços de todos os atores envolvidos resultará um avanço efetivo para o turismo piauiense. A preocupação volta-se novamente para um desenvolvimento turístico sustentável com prudência quanto ao meio ambiente, viável economicamente, que se aproprie dos elementos culturais locais e, principalmente, seja um turismo socialmente justo, promovendo a participação dos moradores de Cajueiro da Praia nesse processo.

A aplicação das premissas do turismo de base comunitária em Barra Grande seria uma importante estratégia para o alcance da sustentabilidade em seu processo de desenvolvimento. Mais do que um simples modelo, com essa forma de turismo, a comunidade local passa a enfrentar uma série de desafios para os quais, muitas vezes, não está preparada. É preciso propiciar a autogestão do turismo em Barra Grande, de modo que a população local assuma o verdadeiro papel no seu planejamento, operação, fiscalização e desenvolvimento.

Por fim, a seguir apresentam-se propostas para a construção do desenvolvimento turístico sustentável na praia de Barra Grande:

Na perspectiva econômica:

- Criar políticas e ações de incentivo ao empreendedorismo local, através das parcerias entre o governo municipal, o SEBRAE e os bancos, através da oferta de linhas de financiamento e oportunidade de projetos para a localidade;
- Criar políticas de valorização e incentivo à manutenção das atividades tradicionais da pesca e a agricultura de subsistência;
- Promover incentivo ao artesanato local, como forma de agregar renda aos moradores da localidade;

#### No âmbito sócio-cultural

- Criar políticas públicas locais direcionadas para a cultura, com fins de valorizar e resgatar as manifestações culturais tradicionais da região;
- Documentar os registros orais sobre a história do povoamento de Cajueiro da Praia e Barra Grande através de uma publicação financiada pela Prefeitura Municipal;
- Envolver das igrejas evangélicas locais no processo de sensibilização da comunidade com mais ações de combate às drogas e à prostituição infantil, pois apenas a igreja católica se engajou no movimento que vem sendo feito pelos moradores;

#### No âmbito turístico:

- Capacitar de forma contínua a população local, com a oferta de cursos para a área da gestão hotelaria; governança; serviços de alimentos e bebidas; idiomas, principalmente inglês e francês, atendimento ao turismo, principalmente direcionado aos jovens e às mulheres;
- Promover uma gestão partilhada e dialogada do turismo na localidade;
- Organizar o posto de informações turísticas da localidade, promovendo seu efetivo funcionamento com a presença de recepcionistas bilíngues, todos membros da comunidade e com a existência de material informativo sobre o turismo local;
- Criar uma nova sinalização rodoviária de acesso ao município de Cajueiro da Praia e à praia de Barra Grande, com placas em todo o trajeto Teresina-Cajueiro da Praia;
- Criar a sinalização turística em todas as praias pertencentes ao município de Cajueiro da Praia;
- Promover um roteiro turístico local com a integração entre os passeios turísticos realizados em Barra Grande, no Rio Camurupim, e a visita aos atrativos turísticos de Cajueiro da Praia;
- Estimular a realização de eventos ligados à temática da sustentabilidade, ao meio ambiente, através de parcerias entre as instituições de ensino

superior existentes na cidade de Parnaíba(Universidade Federal do Piauí - UFPI, Universidade Estadual do Piauí - UESPI e Faculdade Piauiense - FAP) durante o período da baixa temporada;

- Promover um monitoramento quanto aos serviços prestados pelos bares à beira mar, com a exigência de que todos deverão trabalhar com o sistema de pré preparo dos pratos ofertados no cardápio;
- Criar um posto policial em Barra Grande, com policiais treinados para atender o turista;
- Reativar a Associação Pró Turismo, para que, com uma gestão local fortalecida, a participação da comunidade de Barra Grande aconteça de forma mais efetiva e eficaz no processo do desenvolvimento local;
- Atrair eventos de pequeno e médio portes para diminuir a sazonalidade do turismo e promover um maior envolvimento da comunidade;
- Gerar dados sobre a disponibilidade da força de trabalho, através da realização de um diagnóstico sobre a situação das famílias em Barra Grande, com a disponibilidade das mesmas para trabalhar no setor turístico, apontando as suas formas de inclusão;

Na perspectiva ambiental:

- Estimular ações de educação ambiental, com a realização de palestras direcionadas aos turistas hospedados nas pousadas e hotéis locais; cursos para os moradores da região, cursos para as crianças e os adolescentes, dentro da sala de aula; e curso aos que prestam serviços ao turismo, sejam empresários, pescadores, agricultores ou condutores;
- Realizar o cálculo da capacidade de carga local;
- Ofertar na grade curricular das escolas públicas locais do ensino fundamental e médio disciplinas sobre noções básicas do turismo e meio ambiente;
- Implementar a coleta seletiva do lixo nos estabelecimentos turísticos;

- Promover ações de reciclagem com o lixo gerado pelo fluxo de turistas na praia, através da criação de cooperativa de reciclagem, trazendo incremento na renda dos moradores

## 6. BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, A. Turismo Y Medio Ambiente: Análisis Economico. In: Muñoz. A. e Mir. V. (Eds). **Introducción a la Economía del Turismo en España**. Madrid, Editorial Civitas, 1996

ARCHER, B. e COOPER, C. The positive and negative impacts of tourism. In W. Theobald, **Global Tourism**, Oxford: Butterworth-Heinemann, 1998.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. (tradução: Maria Lúcia Pereira). Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BARBOSA, Andrea G.P; PERINOTTO, Andre R.C. **Trilha Ecológica do Cavalo Marinho: ecoturismo em Barra Grande-PI**. Revista Rosa dos Ventos. Revista do Programa de Pós Graduação da Universidade Caxias do Sul. Jan/Jun 2010 / Vol. 1/ nº 1.

BARQUEIRO, Antonio V. **Desenvolvimento Endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: FEE/UFRGS, 2002.

BARRETO, A. C. C, OLIVEIRA, E. F. **Relatório de avaliação dos efeitos impactantes da Depredação do complexo dunar da praia de Aruana**. Aracaju, 1995.

BENEVIDES, I. P. *Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local*. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e desenvolvimento local**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 23-41.

BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento do turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BINSWANGER, H. C. Fazendo a sustentabilidade funcionar. In: CAVALCANTI, C.(org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, Recife. Fundação Joaquim Nabuco, 1997.

BOLEA, M. T. E. **Evolucion del impacto ambiental**. Madri: Fundacion MAPPRE, 1984.

BUARQUE, S. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002

CARVALHO, Stella Maria Sousa. **Possibilidades e limitações do desenvolvimento sustentável do turismo no município de Cajueiro da Praia(PI)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2010

CAVACO, Carminda. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Geografia e turismo. Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 94-121.

CAVALCANTI, A. P. B. **Impactos ambientais da zona costeira do estado do Piauí**. 2000.353 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000.

CAZUZA, M. **Marcos Cazuzo**. depoimento [dez 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010

CHENERY, Hollis **Handbook of Development Economics** – vol. 1. New York: Elsevier Science Publisher, 1991.

CLIFFORD, James. **ROUTES: Travel and translation in the late twentieth century**. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts. London, England:1997.

COOPER, C.; FLETCHER J.; GILBERT D., and WANHILL S. **Tourism Principles and Practices**, 2nd Ed., Harlow and New York: Pitman, 1998.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T; VASCONCELOS, Fábio P. **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades conflitos e resistências**. Fortaleza: Ed UECE, 2007.

\_\_\_\_\_. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. IN: BARTHOLO, R; GRUBER, D; BURSZTYN. **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Ministério do Turismo. Brasília: Ed. Letra e Imagem, 2009.

\_\_\_\_\_. **Impactos Sócio-Ambientais no Litoral: Um Foco no Turismo e na Gestão Integrada da Zona Costeira no Estado do Ceará/Brasil**. Revista Costa Litorânea, vol.8(2), 2008.

\_\_\_\_\_. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

\_\_\_\_\_. (org.). **Turismo com ética**. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 1998.

\_\_\_\_\_. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

COSTA, Aline. **Turismo e Desenvolvimento Local Sustentável em Barra Grande-Cajueiro da Praia/PI**. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Piauí-UFPI. Teresina, 2008.

CRUZ, Rita de C. A. da. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

DALL'AGNOL, Sandra. **Laguna/SC como destino turístico: o pensar dos residentes**. Dissertação(Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós Graduação em Turismo, 2009

DANTAS, Kerle P. **Valoração econômica dos efeitos internos da erosão na produção de soja no cerrado piauiense**.Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.



DIAS, Reinaldo. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.

DOWBOR, Ladislau. A intervenção dos governos locais no processo de desenvolvimento. In: BAVA, Silvio C. (org.). **Desenvolvimento local. Geração de emprego e renda**. São Paulo: Polis, 1996, n. 25, p. 29-44.

DROULERS, Martine e MILANI, Carlos R. S. **Desenvolvimento local e turismo em Tarrafal - Cabo Verde**. Paris: UNESCO, 2002.

DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, Daniela C.; CRUZ, Robson. **A invenção de barra grande – estudos sobre um povoado de pescadores transformado em destino turístico internacional no litoral do Piauí**. Universidade Federal do Piauí, 2010.

FONTELES, José Osmar. **Turismo e impactos socioambientais**. – São Paulo: Aleph, 2004.

FREITAS, Júlia. **A História de Cajueiro da Praia e Barra Grande**: depoimento [dez 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Cajueiro da Praia, 2010.

GIL, Antônio Carlos de. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4. ed Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOMES, I. **Irian Gomes**. depoimento [set 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010

GOMES, O. **Osvanilde Gomes**: depoimento [mai 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010

HALEY, A. J.; SNAITH, Tim; MILLER, Graham. **Los impactos sociales del turismo. El estudio del caso de Bath, Reino Unido**. Annals of Tourism Research em Español. Vol. 7, , p. 274-298, 2005.

**Impactos da atividade turística nas localidades**. EMBRATUR(1996). Disponível em [www.brazilnet.gov.br/dadosefatos](http://www.brazilnet.gov.br/dadosefatos). Acesso em 22 de Maio de 2010.

IRVING, Marta de Azevedo; MENDONÇA, Teresa Cristina de Mendonça. **Turismo de Base Comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos no Brasil – Prainha do Canto Verde, Beberibe (CE)**. I Caderno Virtual de Turismo, v. 4, n. 4, 2004.

JANES, H. **Hérida Janes**: depoimento [set 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros Macêdo. Teresina, 2010.

JOFILSAN, Pedro. **Conflito entre teoria e prática na implantação de um processo de “Desenvolvimento Local” no Nordeste**. Recife: Instituto de Assessoria para o desenvolvimento humano, 2004. Disponível em: < <http://www.iadh.org.br>>. Acesso em 12 de dezembro de 2010.

LA ROVERE, E. L. *Energia e meio ambiente*. In: **Meio Ambiente: aspectos técnicos e econômicos**. Rio de Janeiro: IPEA, 1990.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEMOS, C. Inovação na era do conhecimento In: LASTRES, H. M. M; ALBAGLI, S. (org.) **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

LEMOS, Amalia Ines G.(org.) **Turismo: impactos sócio ambientais**. 3 ed.São Paulo: Hucitec,

LICKORISH, L; JENKINS, C. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Ed. Campus, 2000.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. IN: BARTHOLO, R; GRUBER, D; BURSZTYN. **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Ministério do Turismo. Brasília: Ed. Letra e Imagem, 2009.

MARIA, S. **Sônia Maria**: depoimento [mai 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010

MATHIELSON, Alister e WALL, Geoffrey. **Tourism: Economic, Physical and Social Impacts**. London: Longman, 1982.

MERCER, David. **A difícil relação entre o turismo e a população nativa: a experiência da Austrália**. In: THEOBALD, William F. (org.). **Turismo Global**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2002. Tradução de: **Global Tourism**.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Avaliação Ambiental Estratégia – Região Costa Norte**. Brasília, DF, Laboratório Interdisciplinar de Meio Ambiente: 2009.

MOLERO, F.; CUADRADO, I. **La Medición de las Actitudes hacia el Turismo: una perspectiva psicosocial**. *Annals of Tourism Research em Español*. v.8, n.2, p. 406-427, 2006.

MONTEIRO, Jaqueline de Oliveira; MONTEIRO, Jéssica de Oliveira. **Turismo, comunidade e preservação: a importância de práticas sustentáveis na localidade de**

**Barro do Furado.** In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL, 2., 2008, Fortaleza. Anais, Eixo 4. Fortaleza, CE: Instituto Terramar e Fórum em Defesa da Zona Costeira do Ceará, 2008. CD ROM

MONTORO, Tania. **Variáveis para análise dos impactos positivos e negativos do turismo nos destinos.** Aula proferida na disciplina turismo e imagem. Mestrado Profissional em Turismo, CET, 23 de junho de 2010

MOREY, M. **L'impact del turisme sobre el medi ambient. Turisme i medi ambienta les Illes Balears,** El Tal, Mallorca, 1991

MUNIZ, E. **Esther Muniz.** depoimento [mai 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010

MUÑOZ, A. El Turismo como Factor de Desarrollo. In: Muñoz. A. e Mir. V.(Eds). **Introducción a la Economía del Turismo en España.** Madrid, Editorial Civitas, 1996.

NIEVES, Salvador. Gómez. **El desarrollo turístico imaginado. Ensayos sobre un destino mexicano de litoral.** Mexico: Universidad de Guadalajara, 2005.

OLIVEIRA, F.C. **Capacidade de carga nas cidades históricas.** Campinas/SP: Papirus, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, **Tendências de evolução aos níveis mundial, europeu e nacional.** Porto, Associação Empresarial de Portugal, 1980.

POON, A. Competitive Strategies for a New Tourism. In: Cooper, C. (ed.) **Progress in Tourism, Recreation and Hospitality Management**, vol.2, Londres: Belhaven Press, 1989.

RATZ, T. **The Social-Cultural Impacts of Tourism.** 2002. Disponível em <http://www.geocities.com/>. Acesso em 20 de Outubro de 2010.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional x situação brasileira.** Campinas: Papirus, 2000.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) **Turismo e desenvolvimento local.** São Paulo: Hucitec, 1997.

ROGERS, Garry(1995). "What is special about social exclusion approach?. In: ROGERS, Garry; GORE, Charles & FIGUEIREDO, José(orgs.). **Social exclusion: rethoric, reality and responses.** Genebra: Intenational Institute for Labor Studies.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente.** – Campinas: Papirus, 1997. – (Coleção Turismo).

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.

SEBRAE. **Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande 2008-2013**. Teresina: Ventura & Ventura Consultores, 2007.

SECRETARIA ESTADUAL DE TURISMO. **Plano Diretor Participativo.. Produto I: Caracterização da Situação Atual do Município de Cajueiro da Praia- PI**. Cajueiro da Praia- PI. Technum Consultoria, 2008.

\_\_\_\_\_. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Polo Costa do Delta**. PRODETUR NE II. RUSCHMANN Consult, 2009.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Fortalecimento da Capacidade Institucional de Cajueiro da Praia**. Teresina: Technum Consultoria, 2009.

SILVA, J. de A. **Jean de Aguiar e Silva**: depoimento [dez 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010

SILVER, Hillary. Reconceptualizing social disadvantage: three paradigms of social exclusion. In: ROGERS, Garry; GORE, Charles & FIGUEIREDO, José(orgs.). **Social exclusion: rethoric, reality and responses**. Genebra: Intenational Institute for Labor Studies,1995

SMITH, Valene L. **Hosts and Guests: the antropolgy of tourism**.Second edition.University of Pensilvania Press.Philadelphia:1989.

SINCLAIR, M. Thea. **Aspectos econômicos do turismo**. Brasília: Editora UnB;2009.

SOARES, D. **Davilson Soares**: depoimento [mai 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010.

SOARES, F. **Francisco Soares**. depoimento [nov 2010]. Entrevista concedida a Ermínia Medeiros. Barra Grande, 2010

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento Regional**.São Paulo: Atlas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Atlas, 2009.

STEINBERGER, Marília(org.) **Território, ambiente e políticas públicas espaciais**. Brasília, DF: Parelelo, 2006

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentavel: Conceitos e Impacto Ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

TAKASAGO, M. E MOLLO, M. L. R., **Turismo e Combate à Pobreza: o papel do governo na redução de desigualdades**, CET-UnB, 2006.

TAVARES, Gracimar S. C. **O meio ambiente e as possibilidades do turismo de base local nas comunidades do entorno da Lagoa do Cajueiro(PI)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí,Teresina, 2009.

THEOBALD, W. F. Significado, âmbito e dimensão do turismo. IN: THEOBALD. **Global Tourism**, Oxford: Butterworth-Heinemann, 1998.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel SESC, 1996.

VASCONCELLOS, Évertton. Machado. **Desenvolvimento Sustentável Local: o Caso de Canela**. 2002. 95 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VEIGA, José Eli. **Desenvolvimento Sustentável: O Desafio do Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005.

WALDREN, Jacqueline. **Insiders And Outsiders: Paradise and Reality in Mallorca**. Providence: Berghahn Books, 1996.

WOORTMANN, Ellen F. **O Ambiente e a Mulher: o caso do litoral do Rio Grande do Norte, Brasil**. Latin American Studies, Tóquio, v. 12, p. 31-53, 1992.

\_\_\_\_\_. **Da complementaridade à Dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste**. Série Antropologia. Universidade de Brasília: 1991.

ZAPATA, Tânia et all. **Gestão participativa para o desenvolvimento local**. Recife: Instituto de Assessoria para o desenvolvimento humano, 2004. Disponível em: < <http://www.iadh.org.br>>. Acesso em 06 de novembro de 2010.

## ANEXO A – Reportagem sobre venda ilegal de terrenos à beira mar na praia de Barra Grande-PI



### PF investiga venda da praia de Barra Grande na internet (03/11/2010, às 15:05:25)



#### *Anúncio mostra local da praia que está disponível para venda*

A Praia de Barra Grande, atualmente a mais famosa do Piauí, está sendo vendida na internet. O anúncio está no site da empresa Brasil Land Invest. Definida como uma área espetacular, 2,7 km de praia estão sendo negociados através da rede mundial de computadores.

"Vendemos uma área espetacular com 2700 metros à beira mar. Barra Grande é uma vila de pescadores bastante procurada também pelos turistas. A somente 50 km da cidade de Parnaíba por uma estrada de ótima qualidade. Excelente área para investimentos eólicos ou empreendimentos turísticos", descreve o anúncio.

A Brasil Land Invest Investimentos Imobiliários LTDA, segundo ela mesma, é uma empresa brasileira formada por investidores noruegueses e com sede em Fortaleza. No item quem somos, a empresa afirma que seu foco está direcionado na compra e venda de terrenos de grande porte do Nordeste do Brasil.

A reportagem do Acessepiauí tentou contato durante toda manhã com a Brasil Land através de um telefone disponível no site, mas não obteve retorno. Procurou a

Secretária do Meio-Ambiente do Piauí que informou que a Secretaria do Patrimônio da União é quem responde pelo local.

A Secretaria do Patrimônio da União tem sede em Parnaíba. Por telefone, uma engenheira da SPU informou ao Acessepiauí que ficou surpresa com a informação de que parte da praia está a venda.

"Já entramos em contato o pessoal de Instituto Chico Mendes para saber se a região é de preservação permanente. Já oficiamos também a Polícia Federal para que nos ajude no caso", disse a engenharia civil da secretaria, Geane Machado de Sousa.

"Isso pegou todo mundo de surpresa. É estranho esse fato", acrescenta a engenheira, afirmando que situações semelhantes já aconteceram, mas em menor proporção.

**Disponível em:** <http://www.acessepiaui.com.br/geral/pf-investiga-venda-da-praia-de-barra-grande-na-internet/16365.html>

## **ANEXO B – REPORTAGEM SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PRAÇA DO PESCADOR NA PRAIA DE BARRA GRANDE-PI**

### **MORADORES DE BARRA GRANDE RECLAMAM DA CONSTRUÇÃO DE UM PRAÇA NA PRAIA**

segunda, 08 de novembro de 2010 • 16:09

Os moradores da praia de Barra Grande, em Cajueiro da Praia, reclamam da construção de uma praça projetada pela Secretaria Estadual do Turismo. Para eles a construção “se choca” com a natureza e também com as características da população e da praia.

Preocupados com o futuro de Barra Grande, alguns moradores e entidades sociais entraram com uma Ação Pública na Justiça para impedir o término das obras da praça, alegando que a praia vai passar por um processo de degradação ambiental e cultural, aumentando barulho e lixo, consumo de drogas e prostituição de crianças e adolescentes e até o desarranjo familiar.

### **Veja denúncia feita pela historiadora Claudete Dias, que tem casa há mais de 20 anos em Barra Grande:**

Escrevendo ao jornalista Arimatéia Azevedo, diretor do Portal AZ, Claudete diz: "Como é de nosso conhecimento, paira sobre o povoado de pescadores do litoral do Piauí, Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, uma grave ameaça de ser profundamente afetado pela construção de uma grande praça, pela Secretaria de Turismo do Piauí, na beira de uma praia que é uma das dez praias virgens mais bonitas do Brasil (Rev.Época), de areias brancas, águas mornas, cercada de mata de carnaúbas nativas e emoldurada pelo Cemitério em cima de uma duna a beira mar.

O que você precisa saber é que a comunidade de Barra Grande, através de entidades sociais representativas e de pessoas que têm casas há mais de vinte anos, deram entrada na Justiça Federal de uma Ação Pública de embargo da referida obra da praça pois ela se choca profundamente com a natureza ou as características tanto da população como principalmente com a praia em si, um imenso berçário da vida marinha inteiramente à mostra quando a maré seca ficando a mercê, de pisadas, lixo e outras coisa mais levadas pelo Turismo. A comunidade de Barra Grande já demonstrou publicamente e claramente ser contra esta praça, em três reuniões e audiências públicas, inclusive com a presença de procurador geral da república do ministério publico. E mesmo contra este posicionamento a SETUR começou a descarregar o material no local onde tem uma faixa da população contra e o mais grave é o desrespeito a Ação Pública em andamento.

### **LEED: SECRETARIA DE TURISMO DO PIAUI COMEÇA OBRA EM BARRA GRANDE SEM CONSIDERAR A AÇÃO PUBLICA DE EMBARGO DA OBRA EM ANDAMENTO NA JUSTIÇA FEDERAL**

Uma das preocupações da comunidade é de que UMA PRAÇA neste LOCAL, contribuirá para um processo de degradação ambiental e cultural em Barra Grande, como barulho e lixo, consumo de drogas e prostituição de crianças e adolescentes e até o desarranjo familiar POIS EXISTE MUITO Pouco PREPARAÇÃO DA POPULAÇÃO PARA O TURISMO.



ANTES DE UMA PRAÇA INUTIL E DESNECESSÁRIA É PRECISO INVESTIR NO DESENVOLVIMENTO DA PRÓPRIA POPULAÇÃO E DO POVOADO EM SI COMO INFRA-ESTRUTURA DE SERVIÇOS QUE FUNCIONA PRECARIAMENTE EM BARRA GRANDE!!

E OUTRO ASPECTO: A CONSTRUÇÃO DESTA PRAÇA É O EXEMPLO CLARO DA DISTORÇÃO DE PERSPECTIVA DO TURISMO IMPOSTO PELA SECRETARIA DE TURISMO DO PIAUÍ AO LITORAL COMO UM TODO.

### Secretaria Estadual do Turismo informa que a realização da obra é legal

Procurada pelo Portal AZ, A Secretaria Estadual de Turismo (Setur) esclareceu que todo o andamento da obra é legal e que a mesma foi liberada pelo Ministério Público (MP). Além disso, a Setur informou através de sua assessoria que existe um estudo de licenciamento ambiental que permite a realização da obra e que assegura que não haverá nenhum desastre ecológico. A Setur informou ainda que a conclusão trará muitos benefícios para a cidade, com a criação de uma feira onde serão expostos e colocados à venda produtos de artesanato local, o que vai movimentar a economia local.

Outro ponto que não pode ser contestado é a titularidade da área já que não restam dúvidas de que o local onde será construída a Praça dos Pescadores pertence à União e já foi cedida ao Estado. Segundo a Superintendente do Patrimônio da União, Ana Célia Veras, a titularidade da terra foi analisada e deferida como sendo da União e que a mesma não reconhece que o terreno pertença a particulares. A Setur sempre procura divulgar com antecedência todos as obras que serão construídas. No caso da Praça dos Pescadores de Barra Grande e de outras obras planejadas para o município de Cajueiro da Praia todo processo legal de publicação de editais nos jornais de grande circulação foi cumprido.

Além disso, O Ministério Público já se pronunciou perante a comunidade de Barra Grande, durante reunião realizada no dia 16.07.2010, onde também participaram representantes do Patrimônio Público da União e do Instituto Chico Mendes. Segundo o procurador Kelston Lages, o que se observa é que todos os trâmites legais foram tomados desde o início do projeto, licenças, publicações, titularidade, licitação e a garantia de recursos junto ao Ministério do Turismo. A atividade do gestor foi toda pautada na lei e a orientação é que a comunidade se aproprie de mais este equipamento turístico e que forme uma Comissão para gerir a Praça.

O Ministério Público Federal, já enviou ofício para os moradores de Barra Grande em nome da empresária Auri Lessa (29.07.2010) e para a Secretaria de Turismo do Piauí informado que a obra não possui nenhum entrave em seu processo legal e como tem recursos garantidos pelo Ministério do Turismo pode ser construída.

Serão investidos, na Praça dos Pescadores, R\$ 600.917,541. O local contará com galpão, reservatório elevado, quiosques para venda de artesanato e banheiros. O Terminal Turístico vai atender a demanda de visitantes que chegam à localidade de ônibus, desafogando as principais ruas de Barra Grande. Serão dois pavimentos, vagas para 30 ônibus, cozinha, banheiros, restaurantes e praça de alimentação, serão investidos

R\$	885.606,75.
-----	-------------

A Setur preza em preservar as belezas de Barra Grande e incentivar um turismo responsável, para isso, estamos concluindo projetos de infraestrutura de mais de R\$ 20

milhões que serão aplicados em drenagem urbana, construções de praças e urbanização das orlas de Cajueiro da Praia e Barra Grande.

**Disponível**

**em:**

[http://www.portalaz.com.br/noticia/municipios/196235\\_moradores\\_de\\_barra\\_grande\\_reclamam\\_da\\_construcao\\_de\\_um\\_praca\\_na\\_praia.html](http://www.portalaz.com.br/noticia/municipios/196235_moradores_de_barra_grande_reclamam_da_construcao_de_um_praca_na_praia.html)

**ANEXO C – Reportagem sobre a praia de Barra Grande divulgada em 2009, no site de viagens do Portal UOL**  
**www.uol.com.br – www.viajenaviagemcom.br**

## **Testada e aprovada: Barra Grande, no Piauí, uma praia BBB**

Ricardo Freire • 28 abril, 2009

Um dos pontos altíssimos do meu rali pelo litoral brasileiro no ano passado, para terminar o 100 praias que valem a viagem, foi ser apresentado a Barra Grande, uma linda praia piauiense 50 km a leste de Parnaíba. Nos últimos anos, o lugar foi descoberto por kitesurfistas gringos; quem me deu a dica foi o Thiago Parente, que é de Teresina.

Passei muito rapidinho — era um rali, pouquíssimo propício a um campo inicial — mas meu radar acusou um potencial altíssimo. A beleza da enseada; a gostosura do mar (meio que de tombo, bem diferente do padrão rasiño e encrespado do litoral do meio-norte); o astral do vilarejo (potencializado pelo bom-gosto dos que estão chegando) e a dificuldade de acesso (não há aeroporto por perto) me fizeram declarar Barra Grande o grande achado da expedição. (“A melhor parada para descansar e pegar uma praia entre os Lençóis Maranhenses e Jericoacoara”, foi mais ou menos o que eu, ahn, *decretei*.)

Um dos primeiros a ir conferir a dica foi meu chapa André Galhardo, diretor de arte carioca com raízes piauienses. Depois de ter passado muitas férias na infância e adolescência em Parnaíba, ele estava curioso para testar a novidade, a bordo da patroa e do pimpolho. E eu, curioso com o que ele ia achar.

Ao voltar ele já me mandou um email dizendo que tinha adorado. Mas o fidibeque completo só chegou há algumas semanas (logo depois do blog se mudar para cá). Aí vai o relato completo — incluindo as roubadas. Para ser perfeito, só faltava um bom espumante, nacional mesmo. Mas as cervejinhas do Bistrô, bar/restaurante da pousada Ventos Nativos sempre estavam geladinhas. O dono do Bistrô e da pousada é o Mathieu, um francês de 25 anos que há 5 passou por lá para andar de windsurf e conhecer a família de sua mãe. Aí, já sabe – virou clichê: o francês enlouqueceu com lugar, decidiu ficar... e se apaixonou pelo kite.

(Aliás, é muito engraçado ouvi-lo falar português com sotaque de piauiense: “Ô neguim, sigure a vela do kite pra mim, sigure...”) Ficamos lá mesmo na Ventos Nativos e fomos ultra bem tratados. Pé-na-areia, na frente da ponta que surge na maré baixa, super café da manhã... diária de 140 paus/casal – e não cobraram nenhum adicional pela presença do João, de 4 anos. (Detalhe: todas as “melhores” cobram 140 reais mas só “a melhor” não cobra adicional por criança.)

Sobre a praia... bem sobre a praia o que acrescentar, já que você já definiu tão bem Barra Grande: simplesmente um dos melhores banhos de mar do Nordeste. Praia com água cristalina, piscininhas etc etc... pedir mais o quê?

Ok, pediria só para os kites invadirem com menos frequência o melhor banho de mar do nordeste, ficando lá na pontinha deles, bonitinhos. Tira a tranquilidade – e é perigoso mesmo, ainda mais com crianças na área. É um esporte lindo e fiquei feliz ao ver como o kite traz progresso sem *quarto-de-empregadizar*\* o lugar. Mas eu precisava ter tido a infeliz idéia de tentar aprender a velejar naquela pranchinha? Olha, sou carioca, 20 anos de praia, surfista etc etc... mas aquela coisa é muito difícil!!! É fácil cair na tentação, por isso peço que desencoraje desavisados com todas as forças.

Os “instrutores” tentam faturar uma grana com um “curso rápido” que custa por volta de 800 reais mas que, na maioria das vezes, resulta apenas em litros de água salgada no seu nariz. Porque depois de aprender a empinar a pipa, o próximo passo é dominar a técnica de “Body Drag” – que consiste ser arrastado pelo Kite na água sem prancha. Mais ou menos como nos filmes do velho oeste, quando o mocinho é arrastado no chão por uma corda presa ao cavalo do bandido, sacumé? Litros de água no nariz, nem quero lembrar :-( Algo pior aconteceu com uma turista: “dragou” uma caravela, aquela água viva... ai, ai, ai.

Ou seja, melhor caminhar pela praia, ver os gringos arrepiando ou pegar um bote da Barratur — e passear 1h pelo Delta para tirar fotos de cavalinhos marinhos.

Mas voltando à praia, se não me engano você não citou outro ponto fortíssimo: na maré baixa surge uma ponta de areia e rochas, que entra mais de 1km para dentro do mar. Bem na frente da Ventos Nativos. Quando a maré começa a subir, surgem dezenas de piscinas e algumas ilhas — sensacionais! Diria que é a “melhor ponta do nordeste” – pelo menos bem mais longa e interessante que a de Corumbau. Enfim, tinha muito mais coisa para fazer. Ir para Jeri pela praia por exemplo. Mas relaxamos e depois de 4 dias voltamos para a fazenda do meu avô, felizes da vida por termos descoberto esse paraíso. O João adorou.

Eu acrescento: Barra Grande é uma excelente opção para pegar praia em julho: lá em cima no meio do ano o tempo já está firme, o mar está azul, e os preços são camaradíssimas. Além da Ventos Nativos, considere as pousadas Casa Tartaruga, BGK, Vento do Mar, Rota dos Ventos, Casa Taboa ( 86/3369-8051 ) e Pontal da Barra ( 86/3369-8100 ).

Como o aeroporto mais próximo é o de Teresina, 410 km para o sul, aproveite para visitar outros tesouros do Piauí, como os parques da Serra da Capivara e das Sete Cidades. Os passeios ao Delta e aos Lençóis Piauienses podem ser feitos a partir de Barra Grande mesmo.

*\*quarto-de-empregadização: o André se refere a um fenômeno que eu já relatei e que costuma acontecer em vilarejos de praia recém-descobertos por forasteiros; os nativos tentam dar um upgrade a suas pousadinhas, mas acabam transformando acomodações rústicas em bregas. Barra Grande do Piauí conseguiu pular essa fase...*

**ANEXO D - Manifesto publicado na internet pelo Dr. Luis Airton(médico residente em Teresina e freqüentador da praia de Barra Grande há muitos anos) sobre as transformações que o turismo vem trazendo para Barra Grande.**

*“Estamos todos perplexos! Barra Grande é um dos últimos recantos de natureza pura nas praias do Piauí. Tem encanto que emociona pessoas bem diferentes: turistas estrangeiros há 15 anos, hippies há mais de 40 e pescadores há incontáveis anos. Hoje, postes de luz de rua com cúpulas vazadas, de barro ou de cuiá, instalados pela própria população, são o símbolo da comunidade.*

*Os coqueirais, o vento que anima suas palhas, os sabores do que se pesca no mar: peixes, mariscos, sururus, mexilhões, arraiais, lulas, caracterizam o que melhor Deus nos descreve como paraíso. É a desembocadura do encanto do Rio Camurupim, que forma uma restinga de areia que de dia é banhada pelo sol escaldante e à noite prateada pela lua fria. O peixe-boi encontra paz nas suas areias e uma ilha, abençoada dor Deus, é repouso para caranguejos, outra para garças e mais uma outra, para lindos cavalos-marinhos. As tartarugas já sumiram.*

*A colônia de pescadores perdeu porém sua inocência, com a chegada de turistas estrangeiros, mas ainda luta por melhorias para sua vida. Alguns moradores vivem da pesca ainda hoje, e marisqueiros e pescadores vivem meses com o apoio do governo federal na entressafra.*

*Mesmo diante de toda esta beleza, a população enfrenta problemas no local: a água é de péssima qualidade, barrenta, amarelada e chega às casas somente algumas horas pela manhã. O local de colheita da água é inseguro, não há cerca que o proteja de animais como gambás, porcos e jumentos, que passeiam livremente por lá, provavelmente contaminando-a. Parece que a Agespisa não se incomoda com essa contaminação. Turistas ricos bebem água mineral, mas a população utiliza essa água para beber, cozinhar e lavar suas roupas. A água no sifon é amarelada, que parece deixá-lo constantemente sujo e as roupas brancas ficam manchadas ao serem lavadas. O fornecimento de energia, mesmo com a exemplar assistência de um único funcionário da CEPISA (hoje Eletrobrás), que reside em Camurupim, sofre apagões inexplicáveis. Independente das intempéries da natureza, a luz vai embora. É o temor dos donos de restaurantes, que saem pelas ruas correndo desesperados, procurando alguém que tenha um gerador e local para guardar suas carnes antes que estraguem quando a luz some. A luz é a condição mínima para existência humana e sua falta nos envergonha quando vemos turistas, nas altas temporadas, andarem a esmo, sem ter aonde ir, numa noite de reveillon. A telefonia celular tem um funcionamento de doer qualquer turista: não pega em qualquer lugar e as ligações péssimas caem a toda hora.*

*Meu Deus... e o lixo? Há uma bela salina natural bem na entrada de BG. Nesse local é deixado o lixo, ao ar livre, servindo de „más vindas“ aos visitantes. Plásticos passeiam por lá com a ajuda dos ventos. Não seria prudente urbanizar essa área, fazendo um estacionamento no local, para que ônibus e carros com óleo ali parassem e carrocinhas levassem turistas às pousadas, dando fonte de renda para a população, como sugere o caprichoso e fantástico Dr. Ariosto Ibiapina? A saúde se baseia na assistência de um médico, que atende durante a semana, nos fins-de-semana reza-se para que ninguém adoença. Não há farmácia no povoado, nem no povoado vizinho de Barrinha (charmosa e linda com suas casas floridas) nem na sede do governo: o município de Cajueiro da Praia.*

*Os alunos são impedidos de continuar estudos em Parnaíba por não terem condições de pagar hospedagem por lá. E mais: a prostituição feminina de adolescentes apavora todo pai responsável.*

*Tudo isso é somado à inexistência de uma única placa que sinalize a entrada do povoado. Todo mundo que vai de carro pela primeira vez à Barra Grande se perde, pois não há sequer uma placa que indique a entrada. Quanto custa uma placa?*

*Na contramão destas necessidades, o governo, cego para os verdadeiros problemas da comunidade, vem construir uma enorme praça, que, a despeito de ser importante ou não, está na contramão dos verdadeiros problemas atuais. Muito cimento, muito concreto, muito dinheiro e quem ganhará com isso? Por que construir uma nova praça, se nem a praça central de Barra Grande é terminada? Por que construir uma praça na beira do mar, levando calçadas de pedras para a praia, desnorteando o viés de paz no local? Experiências como essas não foram felizes em Amarração.*

*Dona Ivonete, uma moradora local, constata: “Dr. Luiz esse governador é cego ou surdo ou muito irresponsável”. Não sabemos se ela fala do Wellington Dias ou do Wilson Martins. Assim, torcemos para que a eleição deste ano, mais uma vez, não atrapalhe os reais desejos de melhoria para a nossa pérola do Rio Camurupim, onde políticos são considerados „cegos “ até para a mais inocente das eleitoras. A prefeitura ainda se atreve a construir calçamento quando a população não tem isso como prioridade. O governo nos abandonou no apoio para o campeonato de kite surf, que divulgava maravilhosamente o Piauí, e, há dois anos, a etapa mundial brasileira do esporte não é vista em nossas praias. As escolas de kite estão fechando no local. Para quem serve uma praça neste momento?*

*Portanto, os problemas da linda Barra Grande do Camurupim são a água, a luz, o lixo, a saúde, os alunos, o tratamento do esgoto, o celular, a internet, atitudes que preservem a natureza e colaborem para um turismo de qualidade e que realmente gere renda e não sujeira. Mesmo que o governo não veja isso, toda a população sente.”*